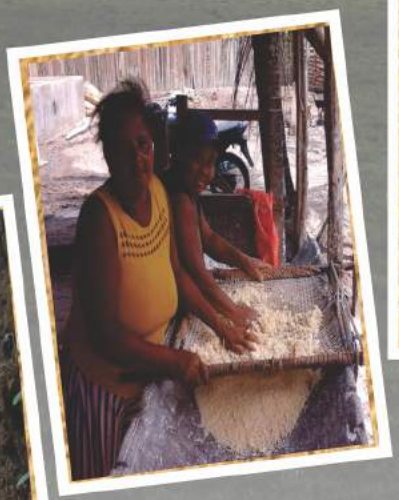
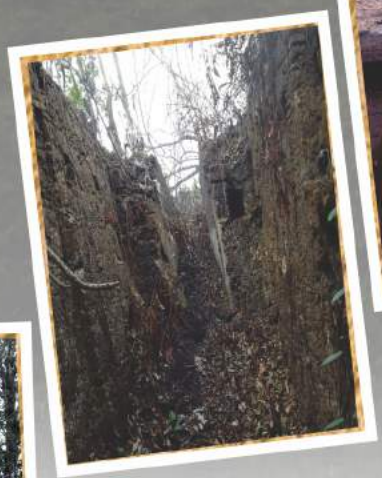
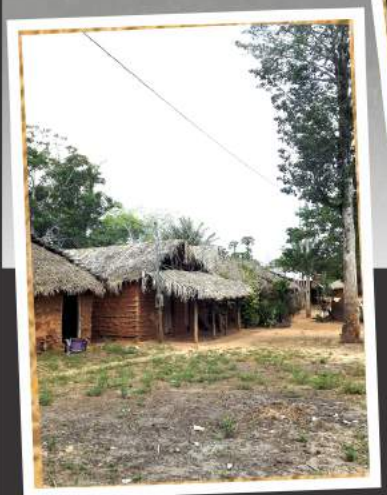
ESTUDO DAS POTENCIALIDADES SOCIAIS E ECONÔMICAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS CERTIFICADAS NO MUNICÍPIO SERRANO DO MARANHÃO, INCLUÍDAS NO PLANO DE AÇÕES MAIS IDH







2017

IMESC FAPEMA

GOVERNO DO MARANHÃO
GOVERNO DE TODOS NÓS

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA E AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO DO MARANHÃO-FAPEMA
SECRETARIA DE ESTADO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR-SECTI

RELATÓRIO TÉCNICO

ESTUDO DAS POTENCIALIDADES SOCIAIS E ECONÔMICAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS CERTIFICADAS NO MUNICÍPIO SERRANO DO MARANHÃO, INCLUÍDAS NO PLANO DE AÇÕES MAIS IDH.

São Luís
2017

Projeto: Estudo das Potencialidades Sociais e Econômicas das Comunidades Quilombolas Certificadas no Município Serrano do Maranhão, incluídas no Plano de Ações Mais IDH.

Número do Processo: 01568/15

Coordenador: Prof. Dr. José Ribamar Trovão

Equipe Técnica:

Carlos Henrique Santos da Silva

Getúlio Estefânio Duarte Martins

José Ribamar Trovão

Paulo César dos Santos Garras

Colaboração:

Ana Tereza Bouéres Rodrigues Noronha

Eloína Coelho Carneiro

Eremilton Pinto Fonseca, ex-secretário de Igualdade Racial de Serrano do Maranhão

Weskley Sandes Silva de Almeida

Normalização:

Dyana Paula Silva Pereira

Local de Execução: Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos – IMESC, São Luís – MA

Vigência: 2015/2017

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização de Serrano do Maranhão 20
Figura 2 - Primeiro comércio de Serrano do Maranhão 22
Figura 3 - Planta da área urbana de Serrano do Maranhão 22
Figura 4 - Mapa da localização das comunidades quilombolas certificadas 25
Figura 5 - Distribuição de residências por comunidade 28
Figura 6 - Casa de taipa exposta coberta com pindoba 28
Figura 7 - Sentina tradicional 29
Figura 8 - Casa de forno 32
Figura 9 - Sacos de farinha 32
Figura 10 - Socó 33
Figura 11 - Criação de galinha 34
Figura 12 - Piscicultura 35
Figura 13 - Casas do Programa Minha Casa Meu Maranhão 35
Figura 14 - Escola onde acontece atendimento médico 38
Figura 15 - Padroeiros católicos por comunidade 41
Figura 16 - Santos referenciados nos terreiros de umbanda 41
Figura 17 - Poço cacimba 42
Figura 18 - Ruínas do engenho de Açude 43
Figura 19 - Peças de maquinário em Conceição 43
Figura 20 - Ruínas em Cabanil 44
Figura 21 - Ruínas da fazenda Bem Fica 44
Figura 22 - Terreiro de umbanda 45
Figura 23 - Igreja de Nossa Senhora de Nazaré 45
Figura 24 - Instrumentos do tambor de crioula 46
Figura 25 - Carro de boi 48
Figura 26 - Reivindicações das comunidades quilombolas 49
Figura 27 - Vista parcial da comunidade Açude 50
Figura 28 - Corredor da morte 52
Figura 29 - Vista parcial da comunidade Bacabal do Paraíso 53
Figura 30 - Capela dedicada a Santa Luzia 55
Figura 31 - Caminho de acesso a Boa Esperança dos Campos 57

Figura 32 - Vista parcial da comunidade Boa Esperança dos Campos 58
Figura 33 - Escola de Boa Esperança dos Campos..... 59
Figura 34 - Cacimba 60
Figura 35 - Vista parcial da comunidade Boa Esperança II 62
Figura 36 - Buritizal..... 63
Figura 37 - Escola de Boa Esperança II..... 64
Figura 38 - Capela dedicada a São João Batista 65
Figura 39 - Vista parcial da comunidade Brasília 67
Figura 40 - Moradora local carregando talos de maniva que origina a mandioca..... 68
Figura 41 - Escola onde também é feito o atendimento médico..... 69
Figura 42 - Capela de Nossa Senhora da Conceição 69
Figura 43 - Vista parcial da comunidade Cabanil 72
Figura 44 - Mudas para o reflorestamento de Cabanil 72
Figura 45 - Escola em Cabanil..... 74
Figura 46 - Posto de Saúde em Cabanil..... 75
Figura 47 - Capela de Santo Antônio 75
Figura 48 - Ruínas da antiga fazenda de Cabanil 76
Figura 49 - Vista parcial da comunidade Campinho 78
Figura 50 - Vista parcial da comunidade Cedro 81
Figura 51 - Vista parcial da comunidade Deus Bem Sabe 85
Figura 52 - Escola de Deus Bem Sabe..... 86
Figura 53 - Posto de saúde de Deus Bem Sabe 87
Figura 54 - Capela dedicada a Santa Maria 87
Figura 55 - Ruínas da fazenda Bem Fica..... 88
Figura 56 - Campo de futebol..... 89
Figura 57 - Vista parcial da comunidade Frechal dos Campos 90
Figura 58 - Vista parcial da comunidade Iteno..... 94
Figura 59 - Escola de Iteno..... 95
Figura 60 - Capela de Iteno 96
Figura 61 - Vista parcial da comunidade Luciana 98
Figura 62 - Capela de Luciana..... 99
Figura 63 - Mata fechada nas ruínas da fazenda Conceição..... 101
Figura 64 - Vista parcial da comunidade Malungos do Olho d'Água..... 102

Figura 65 - Escola de Malungos do Olho d'Água 104
Figura 66 - Unidade Básica de Saúde de Malungos de Olho d'Água 105
Figura 67 - Capela de Malungos do Olho d'Água 105
Figura 68 - Vista parcial da comunidade Mariano dos Campos 108
Figura 69 - Campo inundado em Mariano dos Campos 109
Figura 70 - Vista parcial da comunidade Nazaré 113
Figura 71 - Morador Local descascando mandioca 114
Figura 72 - Barracão onde os alunos assistem aula 115
Figura 73 - Capela dedicada a Nossa Senhora de Nazaré 116
Figura 74 - Vista parcial da comunidade Palacete 118
Figura 75 - Capela de Palacete 120
Figura 76 - Vista parcial de Paxibal 122
Figura 77 - Casa de forno em Paxibal 124
Figura 78 - Escola de Paxibal 125
Figura 79 - Igreja evangélica 126
Figura 80 - Vista parcial da comunidade Ponta 129
Figura 81 - Escola de Ponta 131
Figura 82 - Campo na época de estiagem 132
Figura 83 - Tacho (peça de ferro do antigo engenho) 133
Figura 84 - Vista parcial da comunidade Rio de Peixe 135
Figura 85 - Fábrica de gelo 136
Figura 86 - Porto Pindobal 136
Figura 87 - Escola de Rio do Peixe 137
Figura 88 - Salão do Reino das Testemunhas de Jeová 138
Figura 89 - Comunidade de Rosário 141
Figura 90 - Escola de Rosário 142
Figura 91 - Terreiro de Santa Barbara 143
Figura 92 - Vista parcial da comunidade Santa Filomena 146
Figura 93 - Quebradeira de coco babaçu em Santa Filomena 147
Figura 94 - Escola de Santa Filomena 148
Figura 95 - Unidade Básica de Saúde de Santa Filomena 149
Figura 96 - Capela de Santa Filomena 150
Figura 97 - Assembleia de Deus 150

Figura 98 - Casas na comunidade Santa Rosa 153
Figura 99 - Maniva e mandioca 154
Figura 100 - Vista parcial da comunidade Santo Antônio 157
Figura 101 - Roça de mandioca e fabricação de farinha 158
Figura 102 - Escola de Santo Antônio 159
Figura 103 - Igreja de Santo Antônio 160
Figura 104 - Ruínas da fazenda Soledade 163
Figura 105 - Vista parcial da comunidade Soledade 164
Figura 106 - Galinheiro do Programa SISTEC 165
Figura 107 - Escola de Soledade 166
Figura 108 - Posto de saúde de Soledade 167
Figura 109 - Bumba meu Boi de Soledade 168
Figura 110 - Vista parcial de Vera Cruz 170
Figura 111 - Escola de Vera Cruz 171
Figura 112 - Capela de Santa Luzia 172
Figura 113 - Casa de farinha desativada 174
Figura 114 - Vista parcial de Vista Alegre 176
Figura 115 - Girau 182
Figura 116 - Pilão 182
Figura 117 - Tipo de profissão 183
Figura 118 - Propriedade da Terra 183
Figura 119 - Destino da produção 185
Figura 120 - Beneficiamento da mandioca 185
Figura 121 - Comercialização da pesca 187
Figura 122 - Amêndoa do Babaçu 188
Figura 123 - Cofos 189
Figura 124 - Pecuária 189
Figura 125 - Profissões 190
Figura 126 - Religião 191
Figura 127 - Associações 191

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição da População 23
Tabela 2 - Comunidades quilombolas certificadas dos municípios de Serrano do Maranhão e suas origens 27
Tabela 3 - Número de famílias por comunidades certificadas 30
Tabela 4 - Projetos por comunidade e atividades realizadas por situação 36
Tabela 5 - Escola por comunidade 37
Tabela 6 - Número de comunidades que recebem material escolar 38
Tabela 7 - Lugar de preferência para internação hospitalar 39
Tabela 8 - Distribuição de templos por comunidade 40
Tabela 9 - Transporte utilizado pelas comunidade 47
Tabela 10 - Número de questionários aplicados por comunidade 179
Tabela 11 - Trabalho feminino 184
Tabela 12 - Tipo de utensílio usado para pesca 186

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	10
2	**METODOLOGIA**	12
3	**QUILOMBO**	14
4	**QUILOMBOS NO MARANHÃO**	17
5	**O MUNICÍPIO SERRANO DO MARANHÃO**	19
5. 1	**Área**	19
5.2	**Localização**	19
5. 2. 1	Limites	19
5. 2. 2	Pontos Extremos	19
5. 2. 3	Regiões	19
5. 3	**Processo de ocupação**	20
5. 4	**Ambiente Físico**	21
5. 5	**Espaço Urbano**	22
5. 6	**População**	23
6	**RESULTADOS E DISCUSSÕES**	24
6. 1	**Quilombos de Serrano do Maranhão**	24
6. 2	**As comunidades quilombolas**	26
6. 2. 1	Distribuição espacial das comunidades	26
6. 2. 1. 1	*O espaço habitado*	27
6. 2. 2	Economia	30
6. 2. 3	Educação	37
6. 2. 4	Saúde	38
6. 2. 5	Religião	39
6. 2. 6	Serviço público	41
6. 2. 7	Turismo e lazer	42
6. 2. 8	Sociabilidade	46
6. 2. 9	Transporte	47
6. 2. 10	Reivindicações	48
6. 3	**Perfil social e econômico das comunidades quilombolas visitadas**	49
6. 3. 1	Comunidade Quilombola Açude	49
6. 3. 2	Comunidade Quilombola Bacabal do Paraíso	52

6. 3. 3 Comunidade Quilombola Boa Esperança dos Campos..... 56
6. 3. 4 Comunidade Quilombola Boa Esperança II..... 61
6. 3. 5 Comunidade Quilombola Brasília..... 66
6. 3. 6 Comunidade Quilombola Cabanil..... 70
6. 3. 7 Comunidade Quilombola Campinho..... 77
6. 3. 8 Comunidade Quilombola Cedro..... 80
6. 3. 9 Comunidade Quilombola Deus Bem Sabe..... 84
6. 3. 10 Comunidade Quilombola Frechal dos Campos..... 89
6. 3. 11 Comunidade Quilombola Iteno..... 93
6. 3. 12 Comunidade Quilombola Luciana..... 97
6. 3. 13 Comunidade Quilombola Malungos do Olho D'água..... 100
6. 3. 14 Comunidade Quilombola Mariano dos Campos..... 106
6. 3. 15 Comunidade Quilombola Nazaré..... 111
6. 3. 16 Comunidade Quilombola Palacete..... 117
6. 3. 17 Comunidade Quilombola Paxibal..... 121
6. 3. 18 Comunidade quilombola Ponta..... 127
6. 3. 19 Comunidade Quilombola Rio de Peixe..... 134
6. 3. 20 Comunidade Quilombola Rosário..... 140
6. 3. 21 Comunidade Quilombola santa Filomena..... 144
6. 3. 22 Comunidade Quilombola Santa Rosa..... 152
6. 3. 23 Comunidade Quilombola Santo Antônio..... 156
6. 3. 24 Comunidade Quilombola Soledade..... 161
6. 3. 25 Comunidade Quilombola Vera Cruz..... 168
6. 3. 26 Comunidade quilombola Vista Alegre..... 174
6. 4 Percepção individual dos habitantes quilombolas entrevistados..... 178
6. 4. 1 Origem..... 179
6. 4. 2 Estado civil..... 179
6. 4. 3 Natalidade..... 180
6. 4. 4 O ambiente familiar..... 180
6. 4. 5 Economia..... 183
6. 4. 6 Religião..... 190
6. 4. 7 Associativismo..... 191
6. 4. 8 Pertencimento..... 192

7 **RECOMENDAÇÕES DE POLÍTICAS PÚBLICAS**..... 193
7.1 **Economia**..... 193
7.2 **Educação**..... 194
7.3 **Saúde**..... 196
7.4 **Turismo**..... 196
7.5 **Lazer**..... 197
7.6 **Infraestrutura**..... 197
7.7 **Habitação**..... 198
8 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**..... 199
REFERÊNCIAS..... 203
APÊNDICES..... 204
ANEXO..... 213
AGRADECIMENTOS..... 216

1 INTRODUÇÃO

O atual governo do Estado do Maranhão (2015/2018) sensibilizado com a classificação de 30 municípios incluídos entre os mais pobres, criou o Plano de Ações Mais IDH, instituído pelo decreto 30.612 de 02 de janeiro de 2015, com o objetivo de encontrar alternativas capazes de elevar o padrão de desenvolvimento desses municípios. Dentre os mesmos, está Serrano do Maranhão, considerado o 21º entre os mais pobres. Dessa realidade surgiu a ideia de elaborar um projeto capaz de entender as causas da classificação do município.

Quando do trabalho de campo para elaboração do primeiro volume da Enciclopédia dos Municípios Maranhenses publicada pelo Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos – IMESC no ano de 2012, verificou-se que Serrano do Maranhão, como ex-espaço rural do município Cururupu, herdou deste município o maior espaço rural agrícola, onde exatamente estavam as usinas, engenhos e fazendas, hoje ruínas de onde negros fugidos deram origem aos quilombos que resultou nas atuais comunidades quilombolas.

Na suposição de que, as raízes escravocratas são uma das que influem na economia de Serrano do Maranhão, aliada ao fato de, referido município ser relativamente novo (22 anos) são elementos/instrumentos que podem, em parte, colaborar para que o mesmo esteja inserido no Plano de Ações Mais IDH.

Excluindo as referências, apêndices e anexo, o trabalho está distribuído em oito itens; os dois primeiros são introdutórios; o terceiro e o quarto resgatam a realidade dos quilombos, inclusive no Maranhão. O quinto particulariza o município Serrano do Maranhão no qual discorre-se sobre a área, localização, ocupação do território, ambiente físico, espaço urbano e população.

Considerados como segunda parte o item 6 – Resultados e discussões – reflete a análise e interpretação dos 177 questionários aplicados quando do trabalho de campo. Este item, por sua vez subdivide-se em: 6.1 – Quilombos de Serrano do Maranhão; e 6.2 – Comunidades Quilombolas; ambos sintetizam os marcos teóricos; aquele de maneira generalizada e este particulariza a realidade maranhense. Este último subdivide-se em 6.2.1 – distribuição espacial das comunidades quilombolas, particularmente o espaço habitado, tipos de residências, economia, o Plano de Ações Mais IDH, saúde, educação, religião, serviço público, turismo e

lazer, sociabilidade, transporte e reivindicações. Todas essas abordagens referem-se ao conjunto das comunidades estudadas.

O item 6.3 – Perfil Social e Econômico das Comunidades Visitadas – considera os mesmos tópicos do item 6.2; no entanto, enquanto aquele analisa as comunidades em conjunto, este o faz individualmente, uma vez que cada uma vivencia realidades distintas.

O item 6.4 – Percepção individual dos habitantes quilombolas entrevistados, está filtrado na opinião individual, obtido pelo conteúdo dos questionários, cujas informações são sobre: origem, estado civil, natalidade, ambiente familiar, religião, associativismo e pertencimento.

Por último tem-se: Recomendações das Políticas Públicas, onde são sugeridas medidas que podem minimizar as dificuldades observadas, Considerações Finais, que são reflexões, resultado do que foi observado no decorrer do trabalho, referências, apêndices, anexo e agradecimentos a todas as comunidades, ao então secretário de Igualdade Racial do município – Erenilton Pinto Ferreira, a Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão – FAPEMA que financiou toda a pesquisa e a Secretaria de Estado Extraordinária de Igualdade Racial - SEIR.

2 METODOLOGIA

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa foram, inicialmente, levantadas referências bibliográficas em publicações que subsidiassem, explicassem e enriquecessem de conhecimento os pesquisadores sobre o tema quilombo.

Elaborado o projeto, foi escolhida uma equipe de técnicos entre os funcionários do Departamento de Estudos Territoriais - DET do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos - IMESC, composta por três profissionais da Geografia: um doutor, um mestre, um graduado, um estagiário extra curricular além de um administrativo que substituiu o motorista.

Em seguida o documento foi encaminhado à FAPEMA, em busca de recursos. Aprovado pelo citado órgão, passou-se a execução do mesmo, inicialmente fazendo um levantamento bibliográfico de publicações que subsidiem o conhecimento histórico, antropológico, social e econômico dos quilombos e das atuais comunidades quilombolas.

Após o estudo, seleção e leitura das obras, buscou-se informações e documentos na SEIR, cujo material fornecido possibilitou para que, dentre as comunidades quilombolas do município, fossem selecionadas aquelas já certificadas.

A seguir, procedeu-se a elaboração de dois modelos de questionários; um direcionado para a comunidade (Apêndice A) e outro destinado aos moradores (Apêndice B). O questionário da comunidade, um para cada representante e o dos moradores, 12% do número de residências de cada comunidade, dos quais resultaram 177 exemplares.

Com os questionários elaborados e, recebido 50% do financiamento da FAPEMA, partiu-se para a primeira viagem em janeiro de 2016, entre os dias 11 e 18, ocasião em que foram visitadas 16 comunidades, aplicados 125 questionários e obtidos 540 fotografias entre povoados, ruínas de engenhos, fazendas e atividades econômicas.

De volta ao IMESC, processou-se à tabulação e análise dos dados, dos quais resultou o relatório parcial que foi apresentado em um seminário interno no IMESC.

A segunda viagem só aconteceu em dezembro de 2016, entre os dias 01 a 10. Dentre as razões da diferença dos dias entre uma e outra viagem estão: distância e a dificuldade de acesso às outras 10 comunidades, às mais distantes e de mais difícil acesso.

A exiguidade e precariedade das estradas, associadas a distribuição estrambólica do território municipal de Serrano do Maranhão, colaborou para que, em várias ocasiões, para se

visitar uma comunidade, fosse necessário percorrer territórios de um ou dois municípios vizinhos como Rosário, São Benedito, Cabanil, Açude e Vista Alegre que se teve que passar por Bacuri, e Iteno, Rio de Peixe, Boa Esperança II e Palacete se precisou ir através de Cururupu. Outro empecilho que, levou a um intervalo entre as duas viagens são os campos em cujos tesos estão várias comunidades.

O campo das Almas (Apêndice C) que recebe várias denominações locais, inunda entre janeiro e junho, ocasião em que se transforma num mar de água doce; a partir de julho começa escoar, entretanto, só fica fácil de transitar a partir de outubro, porque entre julho e aquele mês transforma-se em um lodaçal. Como não tem estradas cortando-os, só foi possível transitar em dezembro, assim mesmo através do município Santa Helena para visitar as comunidades mais meridionais. Uma outra comunidade, São Benedito, levou-se um dia tentando alcançá-la, mesmo através de Bacuri; as três estradas que poderiam ser utilizadas estavam com todas as pontes em ruínas.

Após a segunda viagem, em janeiro de 2017 iniciou-se à seleção do material, análise e tabulação dos dados, seleção das fotografias, elaboração das tabelas, redação do perfil das comunidades e dos moradores entrevistados, introdução, metodologia, recomendações e considerações finais que, organizados originou no relatório final.

3 QUILOMBO

O termo mocambo, usado popularmente nos Estados Nordestinos para designar casas simples, cobertas e às vezes tapadas de palhas e até mesmo palafitadas, tem o mesmo significado de quilombo, que referido autor define como "valhacouto de escravos fugidos" e quilombola "designação comum aos escravos refugiados em quilombos" além de outros significados como cunhambola, canhambora, animbora e outros. Portanto, segundo o autor citado, para ser considerado uma área de quilombolas é necessário que vá se buscar em obras publicadas ou na história oral a explicação do início desta ou daquela comunidade.

Respondendo à consulta do Conselho Ultramarino de 02.12.1740, o rei de Portugal informou que, quilombo corresponderia a "toda habitação de negros fugidos que passam de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenha rancho levantado nem se achem pilões neles" (FIABANI, 2005).

O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal especifica:

> São quilombolas os indivíduos agrupados em maior ou menor número, que pertençam ou pertenciam a comunidades que, portanto, viveram ou vivem na condição de integrantes delas como repositórios das suas tradições, culturas, língua e valores historicamente relacionados ou culturalmente ligados ao fenômeno sociocultural quilombola. (BRASIL, 1988).

O Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003 diz que:

> Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas com prescrição de ancestralidade negra relacionada com a resistência à pressão histórica sofrida. (BRASIL, 2003).

Em 2003 a Associação Brasileira de Antropologia - ABA mudou o conceito de quilombos e/ou quilombolas que eram diretamente ligados a fuga do negro e o seu agrupamento em comunidade isoladas. Em diálogo com o Ministério Público essa associação definiu quilombo como "toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado" (FIABANI, 2005, p. 12). A partir daí os quilombos deixaram de ser caracterizados pela

significação histórica e rural ligados apenas pela fuga, para incorporarem valores socioculturais, econômicos e de território.

Schimitt, Turatti e Carvalho (2002, p. 4) afirmam que o termo remanescente quilombolas, indica a situação presente dos segmentos negros de diferentes regiões e contextos e é utilizado para designar um legado, uma herança cultural e material que lhes conferem uma referência preferencial no sentido de pertencer a um lugar específico.

A respeito do conceito de quilombo, também macula a manifestação conceitual à necessidade de adaptação, uma vez que um conceito que abrangesse apenas as questões de ancestralidade não atenderia a um grande contingente de comunidades que surgiram pós-abolição; neste sentido, em contradição frontal com a realidade histórica, passou a ser quilombo toda e qualquer comunidade com raízes africanas, quaisquer que sejam as suas origens. Portanto, a definição de uma comunidade rural e/ou urbana como quilombola, não se dá através do reconhecimento de sua origem em um quilombo na pré-abolição, mas na simples autoproclamação como quilombolas de grupo social estável ou semi-estável com algum grau de ancestralidade africana (SANTOS; DOULA, 2008, p. 72 apud BRASIL, 2006, p. 10).

Dada as considerações apresentadas; "[...] o conceito de quilombo passa a dar constisemanticamente, das especificidades históricas e culturais de comunidades negras que habitam terras com registros de ex-quilombos, e que tenham trajetória histórica própria, desde que se autoreconheçam como quilombolas (op. cit. p. 72)".

Percebe-se que, a partir da década de 1990, nas comunidades remanescentes de quilombos, não residem apenas negros que se organizam em terras de refúgio, compradas ou doadas por seus senhores.

A essência quilombola atual não se restringe as raízes históricas; embora estas não devam ser negadas, ela se concebe a partir da autodefinição de uma articulação cultural de comunidades negras que, de alguma forma se aglomeraram e preservaram relações que se identificam com a cultura afro-brasileira.

A existência de comunidade quilombola está ligada ao processo de integração social dos seus moradores. Desaparece, portanto, a percepção tradicional na qual os quilombolas continuariam sendo considerados como ex-escravos que se refugiavam e se organizavam no sentido de reagirem e se rebelarem contra o regime a qual estavam submetidos.

Merece refletir sobre o fato de que as disposições legais não criam uma nova forma de quilombo; ao contrário, incorporam como comunidades negras urbanas ou rurais, aquelas que assumem a responsabilidade de preservar o legado cultural a elas passado por seus

antecedentes, independente de que elas estejam localizadas em terras de antigos quilombos ou não.

Quilombo, cujo vernáculo é originário da África Meridional, significa "comunidade em convivência e comunhão existencial" (LEANDRO, 2003, p. 83). Além de conhecerem a palavra e saberem o seu significado, os próprios escravos fugidos toponizaram os seus "domínios territoriais".

Palmares, em Pernambuco, dentre os inúmeros outros quilombos que se tem memória do tempo da escravidão no Brasil, são, inegavelmente o mais célebre testemunho do sentimento guerreiro que, por ironia, foram incutidos pelos seus senhores, quando queriam desenvolver seus domínios.

O quilombo de Palmares foi uma espécie de Estado negro que os escravos fugidos, sobretudo durante a dominação holandesa, fundaram no Brasil em pleno século XVII. Localizado no centro do atual Estado de Alagoas, durou de 1630 a 1697, estendendo-se assim a sua história para mais de meio século (BARROS, 1947, p. 528 apud BRANDÃO, 1978, p. 3).

Fiabani (2005) sistematiza cronologicamente o processo do termo quilombola "[...] que deixa de ser associado apenas ao fenômeno da escravidão e ganha significação sociocultural através dos tempos".

A partir do século XVI, os quilombolas eram considerados saqueadores e ladrões (FIABANI, 2005), consideração essa que se estendeu até o século XIX. No século XX surgiram novos parâmetros quanto as questões dos remanescentes de quilombos, a partir dos quais a economia, a cultura a política e o conceito em relação a organização social dos quilombolas passaram a ser repensados e reconstruídos.

Santos e Doula (2008, p. 67) dizem que os quilombolas enfrentam ainda hoje uma situação determinada como eram, um lugar social e que tradicionalmente são olhados como vinculados a questão da resistência e caracterizados como escravos rebeldes que fixavam resistência à margem da sociedade.

Reis (2000) retifica o que dizem Santos e Doula (2008), pois "[...] historicamente os estudos sobre quilombolas os remetem a cenários de invasões, resistência, furtos e destruições".

A partir da junção dos pressupostos teórico – metodológico da antropologia social e da história, os estudos sobre remanescentes quilombolas, encontram novos horizontes, uma vez que os cientistas consideram a cultura sob a ótica não reducionista pois olham as comunidades quilombolas pelo prisma de sua relação com um mundo que as cercam.

4 QUILOMBOS NO MARANHÃO

Segundo Lopes (1970, p. 69) a raça negra foi introduzida no Maranhão a partir da metade do século XVII e tornou-se a terceira do país em tráfico, inferior somente a da Bahia e do Rio de Janeiro. Diz o autor que foi entre as províncias brasileiras da época em que mais se desenvolveram os quilombos, favorecidos pela proximidade da grande mata com as fazendas, onde os negros fugidos se homiziavam, trazidos principalmente da Mina (Costa do Ouro e Daomé). Martins (2012, p. 50-66) relata uma série de parte de testamentos em que os senhores de escravos de São Luís, deixaram parte de seus bens aos seus negros, embora em nenhum deles esteja registrada carta de alforria.

Os escravos que chegavam ao Maranhão eram distribuídos a maior parte para a lavoura algodoeira e da cana-de-açúcar principalmente; outra parte ficava para trabalhar na área urbana, especialmente na cidade de São Luís.

Segundo Martins (2012, p. 80) os escravos masculinos, entre os séculos XVIII e XIX eram utilizados, de São Luís na carga e descarga, conduzir veículos, consertar os carros e carruagens, enquanto alguns eram mandados pelos próprios senhores para desenvolverem atividades comerciais e outros serviços. As mulheres aprenderam a fazer com suas amas os pratos destas ao mesmo tempo que introduziam a culinária africana, costuravam, bordavam, benziam, curavam e cuidavam dos filhos dos seus senhores, muitas vezes amamentando-os, daí as famosas mães de leite tão comuns no *hinterland* maranhense até a década de 1960.

Durante o final do século XVII e primeira metade do século XVIII a Coroa Portuguesa intensificou a entrada da mão de obra escrava negra no Maranhão com o intuito de fornecer material humano e inseri-la na rota do tráfico negreiro entre as suas colônias na costa africana e territórios dominados pelos portugueses.

Com a organização da Companhia do Comércio do Grão Pará e Maranhão, houve um significativo crescimento de escravos africanos na região. Calcula-se que em 1755 entraram no Estado 3 mil escravos e, entre 1755 e 1777, período da existência da Companhia citada, o número de escravos no Maranhão saltou para 12 mil. A compra de escravos, financiada pela aludida Companhia, mantinha o monopólio do comércio que tinha como ponto de comercialização o porto de São Luís, no qual eram vendidos os africanos oriundos de Cacheu, Bissau e utilizados na agricultura do arroz, algodão, cana-de-açúcar e mandioca principalmente.

Entre 1812 e 1820 entraram no Maranhão 41.000 africanos. Quando da independência do Brasil 55% da população maranhense era escrava, o que representava na

época a mais alta percentagem escrava do império, distribuída principalmente nas fazendas do litoral ocidental, da Baixada Maranhense e dos baixos e médios vales dos rios Mearim, Pindaré, Itapecuru, Grajaú e Munim, que ali se instalaram graças a oferta de terras devolutas, rios perenes, vegetação abundante e solo fértil, resultado do húmus produzido pela serrapilheira e outros restos de vegetais. Essas áreas, fora do controle do Estado, cuja relação se desenvolvia na Ilha do Maranhão e adjacências e por terem sido ocupadas de maneira rarefeita, favoreceram o surgimento de quilombos em pontos mais distantes, onde considerando-se seguros, multiplicaram a sua população e os lugares; como exemplo pode-se citar: Deus Bem Sabe, Cabanil e Soledade em Serrano do Maranhão, Canatatíua e Canelatíua no município Alcântara, além de inúmeras outras nos municípios, Cururupu, Turiaçu, Viana, Vitória do Mearim, Itapecuru-Mirim e Rosário, além de muitos outros.

Essa realidade provocou a reação do governo através da polícia e dos fazendeiros com os chamados capitães do mato.

Uma das particularidades dos quilombolas é que não viviam efetivamente à margem de outros setores da sociedade da época; relacionavam-se entre si e com os escravos das fazendas; há casos de alguns que trabalhavam para determinados fazendeiros. Essa articulação facilitava a aquisição de bens materiais e armas, já que nos quilombos dedicavam-se a agricultura, principalmente mandioca, fumo e algodão, além de alimentos para autoconsumo.

As iniciativas dos quilombolas culminaram com várias revoltas e ataques a fazendas, sendo as mais famosas a insurreição dos escravos de Viana e a Balaiada que, começando nos baixos vales dos rios alcançou a parte do sertão maranhense.

Dessa maneira, os escravos negros reagiam; portanto, as diferentes formas de degradação que enfrentavam o que possibilitou para que fossem escritas importantes páginas da história, da sociologia, da antropologia e da economia maranhense e do Brasil.

Quando da declaração da Lei Áurea, Cururupu (de cujo território, faziam parte os municípios Serrano do Maranhão, Bacuri e Apicum-Açu) tinha 165 engenhos.

No Maranhão existem atualmente 916 comunidades quilombolas, das quais 653 estão certificadas (fevereiro de 2017).

5 O MUNICÍPIO SERRANO DO MARANHÃO

5. 1 Área

O município possui 1.207.053 km², que corresponde a 0,36% do território estadual, sendo o 82º em extensão (IMESC, 2012, p. 264).

5. 2 Localização

5. 2. 1 Limites

Norte - Bacuri e Cururupu;
Oeste - Turiaçu e Turilândia;
Sul - Santa Helena;
Leste - Mirinzal e Cururupu (IMESC, 2012) (Figura 1).

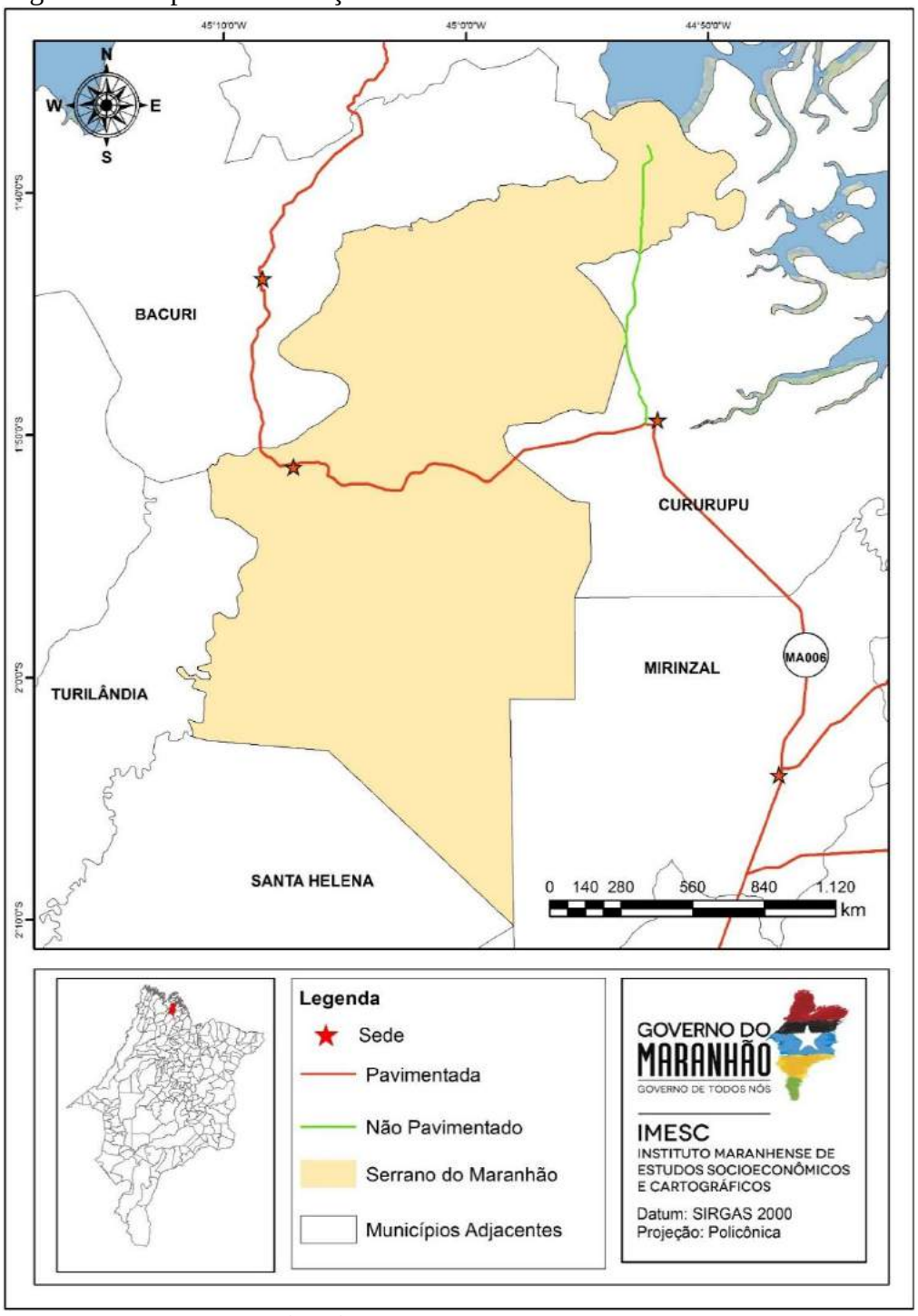
5. 2. 2 Pontos Extremos

Norte - 01° 36’ 10” de latitude, e 44° 51’ 58” de longitude.
Oeste - 45° 11’ 54” de longitude e 01° 59’ 34” de latitude;
Sul - 02° 10’ 14” de latitude e 44° 57’ 59” de longitude;
Leste - 44° 48’ 25” de longitude e 01° 40’ 08” de latitude (op. cit).

5. 2. 3 Regiões

- Mesorregião Norte - Microrregião Geográfica do Litoral Ocidental - IBGE.
- Região de Planejamento do Litoral Ocidental (SEPLAN-MA).
- Região Geográfica Imediata do Litoral Ocidental (IBGE, em processo de aprovação).
- Região de Desenvolvimento das Reentrâncias Maranhenses (IMESC, em processo de aprovação).

Figura 1 – Mapa de localização de Serrano do Maranhão



Fonte: IBGE, 2015/ IMESC (2015)

5. 3 Processo de Ocupação

Pode-se considerar como marco de ocupação da área o engenho União que produzia aguardente e açúcar bruto (mascavo ou mulatinho, como era conhecido popularmente) do Sr.

Bernardo Vieira. Após a promulgação da Lei Áurea, o engenho foi desativado, as máquinas foram vendidas e os ex-escravos proibidos de morar em suas terras, possibilitando para que, referidos descendentes ou africanos natos, se espalhassem pelo espaço rural, principalmente no vale do rio Turiaçu, graças a fertilidade do solo e facilidade de escoamento da produção, o que favoreceu o desenvolvimento da agricultura, despertando o interesse de Raimundo Arcanjo do Nascimento, comerciante ambulante de Estiva (Bacuri), que passou a fazer visitas sistemáticas para comercializar a produção, trocando-a por produtos industrializados; posteriormente comprou do filho de Augusto Lima, antigo feitor da fazenda, parte das terras da mesma.

Instalado no local, Raimundo estimulou os produtores distantes para que se mudassem para as proximidades do seu comércio (Figura 2), que resultou no pequeno povoado Grajaú, para onde os moradores se transferiram.

O comerciante construiu uma capela e com a colaboração dos moradores um cemitério, surgindo assim o povoado que recebeu o nome de Serrano Grande, uma vez que existia, próximo a Madragoa o povoado Serraninho; mais tarde o nome foi simplificado para Serrano; que inicialmente era um povoado rural do município Cururupu, do qual se desmembrou pela Lei Estadual Nº 6.192 de 10 de novembro de 1994, tornando-se município (op. cit.).

5. 4 Ambiente Físico

O território está entre o litoral e a planície fluvial, na Amazônia Maranhense.

O clima é tropical úmido distribuído em dois períodos: chuvoso – de janeiro a junho e estiagem de julho a dezembro, com pluviometria anual entre 1.200 a 2.800 mm; a temperatura média anual varia de 26°C a 27°C e umidade relativa do ar anual entre 79% e superior a 82% (UEMA, 2000 apud IMESC, 2012).

Faz parte da bacia hidrográfica do rio Turiaçu, onde este rio recebe como tributários os rios Madragoa e das Almas, além dos riachos Paxibal, Palacete, Meio, Sipativa, Sapucáia, Bacabal, e outros.

A cobertura vegetal tem características amazônicas, com mata fechada, intrincada, de grandes árvores escuras em que pese inúmeras e sucessivas clareiras resultado da agricultura itinerante, e significativas áreas de matas secundárias, além de campos inundáveis.

Faz parte das Áreas de Proteção Ambiental - APAs**:** Baixada Maranhense, Reentrâncias Maranhenses e da Reserva Extrativista - RESEX de Cururupu.

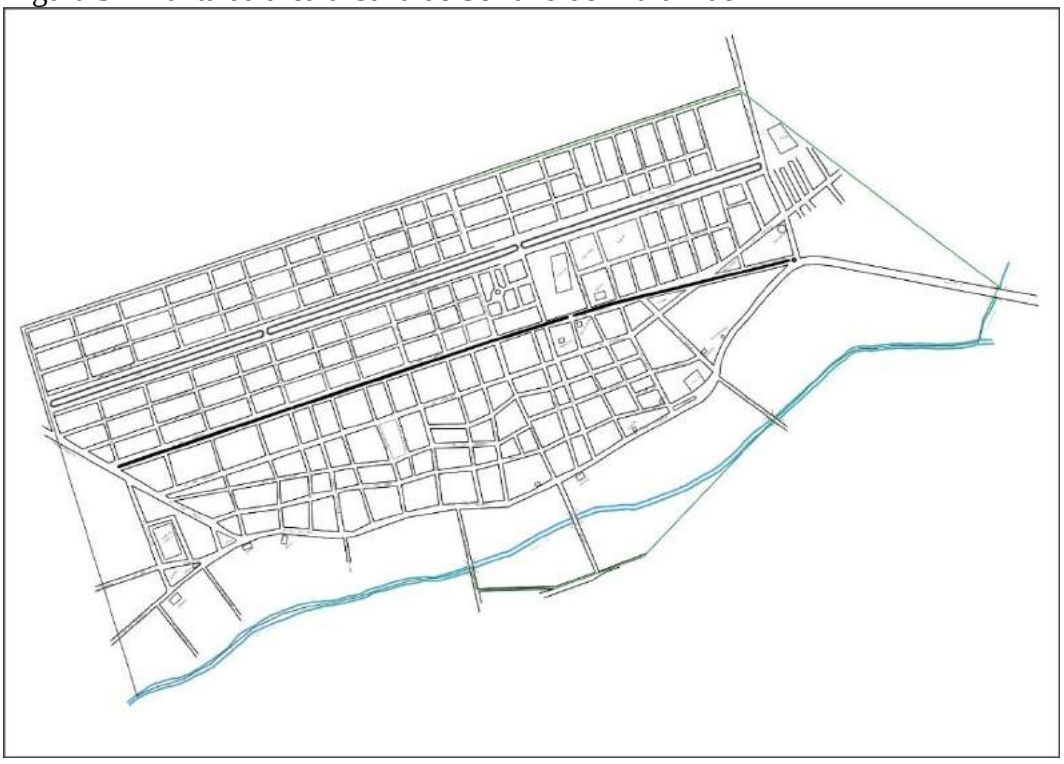
Figura 2 - Primeiro comércio de Serrano do Maranhão

Fonte: Acervo pessoal de J. R. Trovão

5. 5 Espaço Urbano

O espaço urbano ocupa 4.47 km² do território municipal (Figura 3).

Figura 3 - Planta da área urbana de Serrano do Maranhão



Fonte: IBGE, 2007

5. 6 População

Conforme os censos demográficos de 2000 a 2010 a população está assim distribuída (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição da População

População	Censo 2000	Censo 2010	Variação Nº de habitantes
Masculina	4.901	5.843	942
Feminina	4.219	5.081	862
Urbana	2.918	4.222	1.304
Rural	6.202	6.702	500
Absoluta	9.120	10.924	1.804

Fonte**:** Elaborado pelos autores a partir de IBGE, 2000 e 2010.

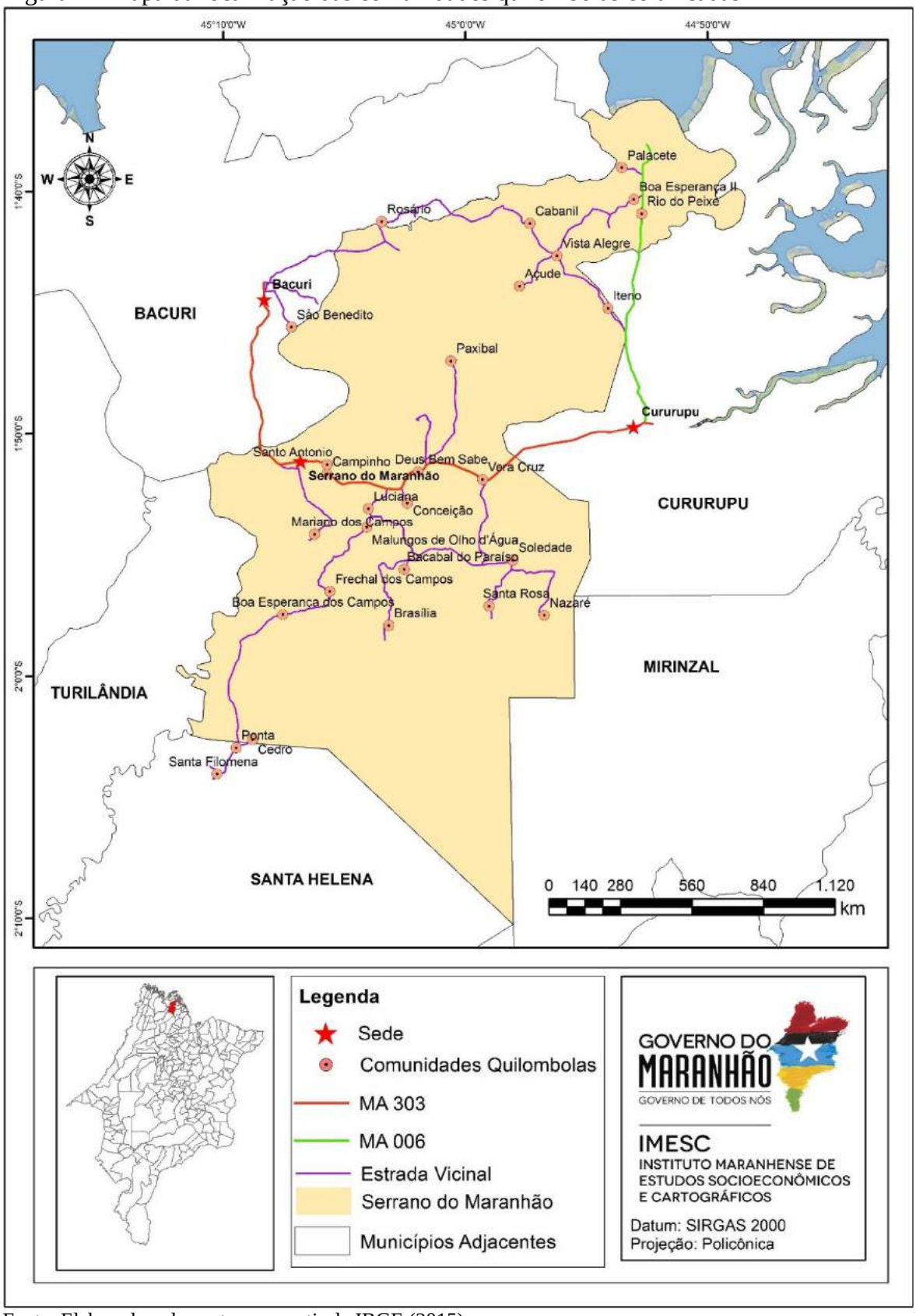
Para 2016, a população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE foi de 10.953 habitantes.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

6. 1 Quilombos de Serrano do Maranhão

Como área rural continental do município Cururupu, ficou para o território do atual Serrano do Maranhão as áreas onde existiram os principais engenhos, usinas e fazendas, que, para funcionar obviamente necessitaram da mão de obra africana escrava; das quais no entanto, não foram encontradas informações detalhadas, que originaram 67 comunidades quilombolas, incluindo 27 certificadas (Figura 4).

Figura 4 - Mapa da localização das comunidades quilombolas certificadas



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de IBGE (2015)

6.2 As comunidades quilombolas

Apresenta-se a seguir os resultados das entrevistas feitas com 26 representantes comunitários ou seus substitutos. Portanto, são informações que dizem respeito à percepção do entrevistado sobre a sua comunidade.

6. 2. 1 Distribuição espacial das comunidades

Certificadas a partir de 2003, as comunidades quilombolas de Serrano do Maranhão, embora bastante distantes entre si são influenciadas por características ambientais físicas, daí serem distribuídas em três grupos:

- Comunidades litorâneas: aquelas que, sem se localizarem à beira-mar, aproximam-se, no entanto, além de sofrerem influências econômica e cultural; nessa situação estão: Boa Esperança II, Cabanil, Iteno, Palacete, Rio de Peixe e Vista Alegre.
- Comunidades do campo: aqueles que ficam próximo a margem ou nos tesos do campo das Almas; nesta classificação encontram-se: Boa Esperança dos Campos, Brasília, Cedro, Mariano dos Campos, Nazaré, Ponta, Santa Filomena e Frechal dos Campos.
- Comunidades centrais: considera-se como tal aquelas que ficam na parte mais central do município, na planície que, embora seja planície fluvial está distante dos campos inundáveis: Açude, Bacabal do Paraíso, Campinho, Deus Bem Sabe, Luciana, Mulungos do Olho d'Água, Paxibal, Rosário, Santa Rosa, Santo Antônio, São Benedito, Soledade e Vera Cruz.

Referidas comunidades, por fazerem parte anteriormente do espaço rural de Cururupu, tem suas raízes em engenhos, usinas ou fazendas, inclusive a própria cidade de Serrano do Maranhão, parte do território da fazenda União (IMESC, 2012, p. 254). Como exemplo de origens pode-se citar: Frechal dos Campos com a Fazenda Curral Grande, Boa Esperança dos Campos com o Engenho Boa Esperança. Deus Bem Sabe com a fazenda Bem Fica, além de outros (Tabela 2).

Tabela 2 - Comunidades quilombolas certificadas dos municípios de Serrano do Maranhão e suas origens

Comunidades	Origem (Fazendas, Usina e/ou Engenhos)
Açude	Usina Açude
Bacabal do Paraíso	Fazenda Conceição
Boa Esperança II	Fazenda Boa Esperança
Boa Esperança dos Campos	Fazenda Boa Esperança
Brasília	Fazenda São Caetano
Cabanil	Fazenda Cabanil
Campinho	Engenho dos Vieiras
Cedro	Engenho da Ponta
Deus Bem Sabe	Fazenda Bem Fica
Frechal dos Campos	Fazenda Curral Grande
Iteno	Engenho Santo Antônio
Luciana	Fazenda Conceição
Malungus de Olho d'Água	Fazenda Conceição
Mariano dos Campos	Fazenda União
Nazaré	Fazenda Soledade
Palacete	Usina Açude
Ponta	Engenho Santa Filomena
Paxibal	Fazenda Santa Vitória
Rio do Peixe	Fazenda Santo Antônio
Rosário	Usina do Português Antônio Cruz
Santa Filomena	Fazenda Santa Filomena
Santa Rosa	Engenho Nazaré
Santo Antônio	Engenho dos Vieiras
Vera Cruz	Terra Devoluta
Visita Alegre	Fazenda Santo Antônio
Soledade	Fazenda Soledade

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

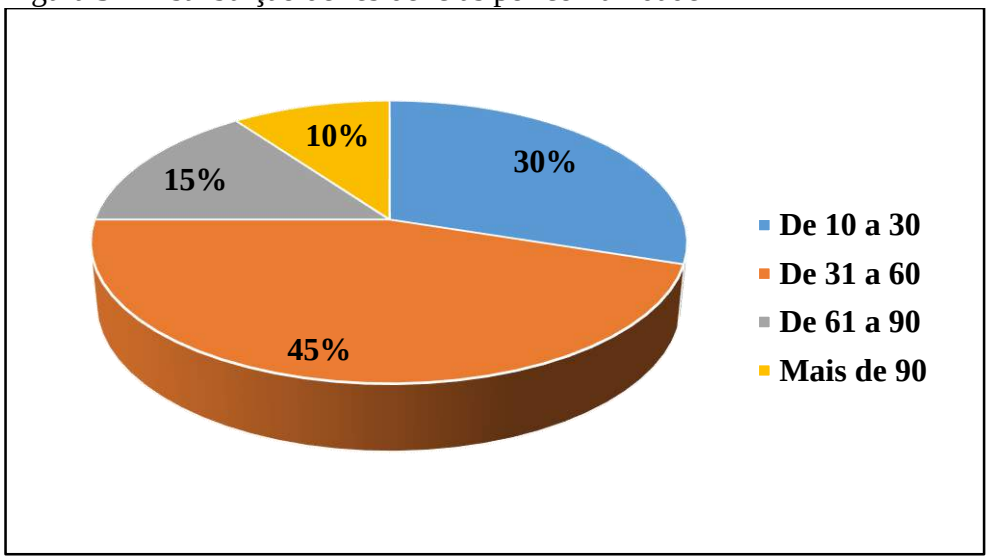
6. 2. 1. 1 O espaço habitado

As comunidades apresentam várias semelhanças; dentre estas, a distribuição das residências, o material de construção, a fachada das casas, as dependências, o piso, o quintal além de outras.

Os povoados estão organizados principalmente à margem da rodovia, entretanto afastados da mesma, em ambos os lados, em só um lado ou então em círculo. Há também casos em que se observa tendência de expansão, através de caminho ou veredas que, saindo da margem da rodovia, interiorizam-se timidamente; as casas são quase sempre afastadas entre si.

O maior número de residências foi observado nas comunidades mais desenvolvidas – Cabanil com 123 casas e Santo Antônio com 130; as demais distribuem-se, principalmente entre 31 e 60 residências (Figura 5).

Figura 5 - Distribuição de residências por comunidade



Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Na arquitetura, assim como o material de construção, predomina o tradicional rural do século XX. A maioria das casas são de taipa exposta, cobertas com pindoba e em menor quantidade de adobe e tijolo, encontradas principalmente em Cabanil. A fachada é quase sempre igual; uma porta e uma janela e, às vezes duas janelas (Figura 6).

Figura 6 - Casa de taipa exposta coberta com pindoba

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

As dependências internas são espaçosas: sala, dois quartos (às vezes três) e cozinha. O piso 96% é de argila batida e 4% de cimento.

Todos os quintais são grandes, a maioria sem proteção lateral e no fundo, com árvores frutíferas, às vezes uma horta; criam animais domésticos, principalmente galináceos; ali, à guisa de banheiro tem um cercado de meia parede de palha de babaçu e mais afastada uma casinha de taipa – a sentina (Figuras 6 e 7). Em Santo Antônio foram encontradas algumas casas com banheiro interno e também com dois pavimentos.

Figura 7 - Sentina tradicional

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

As famílias se organizam entre parentes; entre pessoas da mesma comunidade; com pessoas de outras comunidades e com pessoas de outro município. Por comunidades, as famílias estão distribuídas conforme a Tabela 3.

Tabela 3 – Número de famílias por comunidades certificadas

Comunidades	Número de Famílias
Açude	20
Bacabal do Paraíso	40
Boa Esperança II	71
Boa Esperança dos Campos	26
Brasília	30
Cabanil	95
Campinho	60
Cedro	14
Deus Bem Sabe	83
Frechal dos Campos	30
Iteno	45
Luciana	55
Malungus de Olho D'Água	45
Mariano dos Campos	35
Nazaré	30
Palacete	48
Ponta	66
Paxibal	27
Rio do Peixe	75
Rosário	85
Santa Filomena	66
Santa Rosa	30
Santo Antônio	135
Vera Cruz	70
Visita Alegre	35
Soledade	25

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6. 2. 2 Economia

A economia das comunidades quilombolas pesquisadas está centrada em atividades primárias distribuídas em: agricultura familiar, pesca artesanal e extrativismo vegetal.

Agricultura Familiar

Em todas as comunidades visitadas, a principal atividade econômica é a agricultura familiar – de subsistência, depois a pesca de autoconsumo.

O período de cultivo, entre a plantação e a colheita, obedece a duas fases classificadas em: “verão” – assim considerada quando a plantação é totalmente maniva (galhos

do vegetal que plantado germina em tubérculos). Desmatam entre junho e julho e deixam o vegetal abatido sobre o solo. Após secar é queimado, depois limpam e plantam; nessa etapa cultivam só a maniva que, após aproximadamente dez meses retiram o tubérculo - a mandioca -. Com o período chuvoso intenso até maio, é inviável queimar; esperam, portanto, diminuir a pluviosidade, o que acontece em junho. Então derrubam a mata e deixam-na cobrindo o solo para proteger a umidade; quando queimam, o solo ainda está bastante úmido, próprio para plantar, o que fazem só com a maniva capaz de germinar nesse período.

A "roça" é a segunda fase; desmatam e queimam entre outubro e novembro, limpam o terreno; e esperam a chuva para plantar; na roça a plantação é consorciada: maniva; milho, feijão, arroz, melancia e outras leguminosas ou vegetais rasteiros. Nessa atividade, a colheita da mandioca é entre nove e dez meses, o milho entre quatro e cinco meses e assim sucessivamente.

Trabalham diariamente em média das 7:00 às 17:00 horas; permanecem na área de cultivo onde almoçam no rancho (casinha provisória na roça) ou então vão em casa, se for próximo. Nessa atividade todos trabalham.

Em 80,80% das comunidades a mulher não participa do desmatamento/queimada; segundo depoimento, "isso é trabalho só para homem", entretanto em 19,20% elas queimam.

Há praticamente equilíbrio entre a participação das crianças: em 42,30% dos casos, as crianças colaboram, exceto no desmatamento/queimada e 57,70% não participam.

Entre o desmatamento e a colheita, fazem a capina, retirada dos vegetais daninhos que surgem; esta varia de uma até três, dependendo do índice pluviométrico ou da umidade do solo.

Na industrialização da mandioca, utilizam as 114 casas de forno (Figura 8) (utilizando o linguajar dos rurícolas) existentes nas comunidades, que varia entre um até doze por comunidade). Embora fabriquem a tapioca e a farinha seca, é, no entanto, a farinha d'água a maior produção, que embalam em sacos (Figura 9) de 60 ou 30 quilos[1] comercializam na própria comunidade ou nas feiras e mercados das cidades de Serrano do Maranhão, Cururupu e Santa Helena.

[1] Até pouco tempo a medida era paneiro-recipiente (cofo) feito com folhas de guarimã e fechado com o talo aberto do referido vegetal.

Figura 8 - Casa de forno

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Figura 9 - Sacos de farinha

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Pesca artesanal

Praticam-na nos campos inundados – campos das Almas -, nos lagos perenes existentes nos mesmos e às vezes no mar, nas comunidades litorâneas. Quando nos campos e

lagos as mulheres e em alguns casos as crianças participam na captura: quando no litoral, elas dedicam-se simplesmente ao que chamam marisqueiras (caranguejo, siri, ostra e outros).

A pesca da água doce – campos, e lagos é mais dinâmica no período chuvoso: na estiagem vai ficando mais difícil dado o processo de escoamento e da evaporação hídrica. Usam como utensílios, variando entre as comunidades: socó (Figura 10), tarrafa, landuá, rede, boia, curral e às vezes, a própria mão. A produção é quase toda destinada ao consumo familiar; muito raramente vendem e quando o fazem é na própria comunidade e dependendo da facilidade de deslocamento em Santa Helena.

Figura 10 - Socó

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Extrativismo Vegetal

Outras atividades que influem na renda familiar é o extrativismo vegetal, principalmente a juçara que tem mercado garantido em Cururupu; coletam também, bacaba, bacuri e buriti, de cuja poupa fazem um líquido conhecido como vinho.

Plano de Ações Mais IDH

O Plano de Ações Mais IDH no município Serrano do Maranhão selecionou 15 comunidades quilombolas, dentre as quais 11 certificadas que foram visitadas pela equipe do

IMESC. Destas, foram escolhidas 64 pessoas, sendo os principais programa SISTEC (peixe e frango - Figura 11 e 12) em 8 comunidades para 61 pessoas, frango em 2 comunidades – 9 pessoas e frango, peixe, porco, hortaliças, minhoca e galinha caipira em 1 comunidade e 3 pessoas, além de 26 famílias beneficiadas com o programa Minha Casa Meu Maranhão (Figura 13).

Todos os projetos, no entanto, quando a visita do IMESC estavam em planejamento ou planejados (Tabela 4)

Dentre os problemas que dificultam a execução dos mesmos, destacam-se principalmente a falta de água; como exemplo, cita-se a comunidade Mariano dos Campos, que embora uma família tenha construído um tanque, alevinos recebidos morreram por falta de água, fato observado pela visita técnica, ocasião em que carro pipa chegou com água que, no entanto, não deu para abastecer todas as famílias; um poço, que começou a ser aberto.

Junte-se a isso, o aparente descompromisso mesmo do poder público, municipal; sem estradas, apenas caminhos, ausência de assistência técnica além de outros e tem-se assim um quadro da situação na época (dezembro 2016) do Plano de Ações Mais IDH em Serrano do Maranhão.

Figura 11 - Criação de galinha

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Figura 12 - Piscicultura

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Figura 13 – Casas do Programa Minha Casa Meu Maranhão

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Tabela 4 - Projetos por comunidade e atividades realizadas por situação

Comunidades	Projetos	Atividades	Número de beneficiários	Observação
Malungos do Olho D'Água	Minha Casa Meu Maranhão		26	
	SISTEC e Sisteminha	Peixe e frango	7	
	Escola Digna			Planejada
Santo Antonio	Sistema de Abastecimento de Água			
	SISTEC e Sisteminha	Peixe e frango	7	
	Cozinha Comunitaria			Em planejamento
	Escola Digna			Em planejamento
Mariano dos Campos	Sistema de Abastecimento de Água			
	SISTEC e Sisteminha	Peixe e frango	4	
	Escola Digna			Em planejamento
Boa Esperança II	Sistema de Abastecimento de Água			
	Escola Digna			Planejada
Luciana	SISTEC	Peixe, Frango, porco, hortaliças, minhoca e galinha caipira	3	
	Escola Digna			Planejada
Deus Bem Sabe	SISTEC e Sisteminha	Peixe e frango	11	
	Escola Digna			Planejada
Vera Cruz	Escola Digna			Planejada
	SISTEC e Sisteminha	Peixe e frango	9	
Ponta	SISTEC e Sisteminha	Peixe e frango	5	
	Escola Digna			Planejada
Santa Filomena	SISTEC e Sisteminha	Peixe e frango	9	
	Escola Digna			Planejada
Soledade	SISTEC	Frango	8	
	Escola Digna			Planejada
Paxibal	SISTEC	Frango	1	
	Escola Digna			Planejada

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6. 2. 3 Educação

Das comunidades visitadas 69,24% tem escolas, todas multisseriadas e 30,76% não tem. Como pode ser observado na Tabela 5, estas possuem pré-escolar, ensino fundamental e EJA. Mesmo sendo multisseriadas as turmas (ano) de ensino oferecidas variam de comunidade para comunidade (Tabela 5).

Tabela 5 - Escola por comunidade

Comunidades	Número de escolas	Nº de salas	Pré-escolar	Fundamental	EJA
Bacabal do Paraíso	1	2	1	1	0
Boa Esperança II	1	3	1	1	0
Boa Esperança dos Campos	1	1	0	1	0
Brasília	1	1	1	1	0
Cabanil	1	3	1	1	0
Deus Bem Sabe	1	2	1	1	0
Iteno	1	2	1	1	0
Malungus de Olho D'Água	1	2	1	1	0
Nazaré	1	0	1	1	0
Ponta	1	1	0	1	1
Paxibal	1	1	0	1	0
Rio do Peixe	1	2	1	1	0
Rosário	1	2	1	1	0
Santa Filomena	1	3	0	1	0
Santo Antônio	1	4	0	1	1
Vera Cruz	1	4	1	1	0
Soledade	1	3	1	1	0

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Das escolas: 50% distribuem merenda e 50% não distribuem; dos alunos que estudam em outra comunidade 34,60% tem transporte escolar e 65,40% não tem.

Deve-se levar em consideração no entanto, que há comunidades com um pequeno número de casas, o que torna inviável uma escola, entretanto é indispensável o fornecimento de ônibus escolar. Como exemplo cita-se Cedro que tem só dez casas, cujas crianças estudam em Ponta. Nesses casos as distâncias variam entre menos de dois quilômetros exceto uma de 12 quilômetros.

O fornecimento de uniforme e material escolar apresentou, em dezembro de 2016 por comunidade, os resultados citados na Tabela 6.

Tabela 6 - Número de comunidades que recebem material escolar

Material	N° de comunidades
Fardamento	2
Calçado	1
Material Escolar	7
Não recebem nenhum tipo de auxílio	9
Não há escola	9

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6. 2. 4 Saúde

Das 26 comunidades quilombolas pesquisadas 19,20% tem postos de saúde e 80,80% não possuem.

A visita do médico às comunidades varia entre uma e duas a cada semestre, dependendo das condições ambientais. Os povoados próximos do campo; ficam incomunicáveis; resultado da intensidade das chuvas. O campo fica inundado até nove meses. 34,60% das comunidades recebem visita médica e 65,40% não recebem. Percebe-se, no entanto, que, diversas comunidades que não tem posto de saúde, o atendimento é feito no colégio ou na casa de um morador (Figura 14).

Figura 14 - Escola onde acontece atendimento médico

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

A visita do agente de saúde também é irregular; 84,60% a recebem e 15,40% não são visitados. A frequência do agente depende dos lugares que tem que visitar, cuja

irregularidade está ligada principalmente a dificuldade de transporte. Quando o agente reside na localidade, ou se esta é relativamente próxima a comunidade em que reside, a assistência é mais frequente; foram encontradas comunidades em que o agente comparece só uma vez em cada semestre. Quanto da visita do médico 42,30% das comunidades disseram receber medicamentos e 57,70% não recebem.

Quando adoecem procuram o hospital de sua cidade; das cidades vizinhas, principalmente Cururupu ou preferem São Luís (Tabela 7); 84,60% das gestantes fazem o pré-natal em Cururupu ou em Serrano do Maranhão e 15,40% não o fazem. Daí 76% terem o parto nos hospitais e 24% em casa, ocasião em que são assistidas pelas parteiras tradicionais ainda existentes nos municípios.

Tabela 7 - Lugar de preferência para internação hospitalar

Localidade	Preferência
Sede municipal	12
São Luís	1
Municípios vizinhos	24
Não informado	2

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Em que pese a falta de assistência à saúde, os descendentes quilombolas são aparentemente sadios, pouco adoecem e quando isso acontece são problemas corriqueiros (gripe, hipertensão, malária, diabetes, verminose, alergia, anemia, catapora, chikungunya, dengue, hanseníase, pneumonia, resfriado, reumatismo, virose, zika, coluna, febre e vista). Nas comunidades visitadas foram encontradas os seguintes programas de saúde: agente comunitário, Programa Saúde da Família, Malária (pela Fundação Nacional de Saúde - FUNASA) e Força Estadual de Saúde.

Das comunidades 92,30% não recebem visita de dentista, somente 7,7% o recebem. Qualquer problema odontológico resolvem na sede do município 50%, 15% em outra cidade e os demais não tratam.

6. 2. 5 Religião

Embora sejam raramente visitadas pelo pároco do município, todas as comunidades quilombolas consideram-se católicas. Verificando o total dos templos das diversas religiões

encontradas nas comunidades certificadas, 30% são capelas católicas, 24% templos evangélicos e 46% terreiros umbandistas (Tabela 8).

Tabela 8 - Distribuição de templos por comunidade

Comunidade	Católico	Evangélico	Terreiro de Umbanda
Açude	0	0	1
Bacabal do Paraíso	1	0	0
Boa Esperança II	1	1	0
Boa Esperança dos Campos	0	1	7
Brasília	1	1	1
Cabanil	1	0	1
Campinho	0	1	0
Deus Bem Sabe	1	1	3
Iteno	1	0	1
Luciana	1	0	1
Malungus de Olho D'Água	1	0	2
Nazaré	1	0	1
Palacete	1	1	2
Ponta	0	2	0
Rio do Peixe	0	2	1
Rosário	1	1	0
Santa Filomena	1	0	0
Santo Antônio	1	1	0
Vera Cruz	1	0	0
Vista Alegre	1	0	0
Soledade	0	0	2
Total	**15**	**12**	**23**

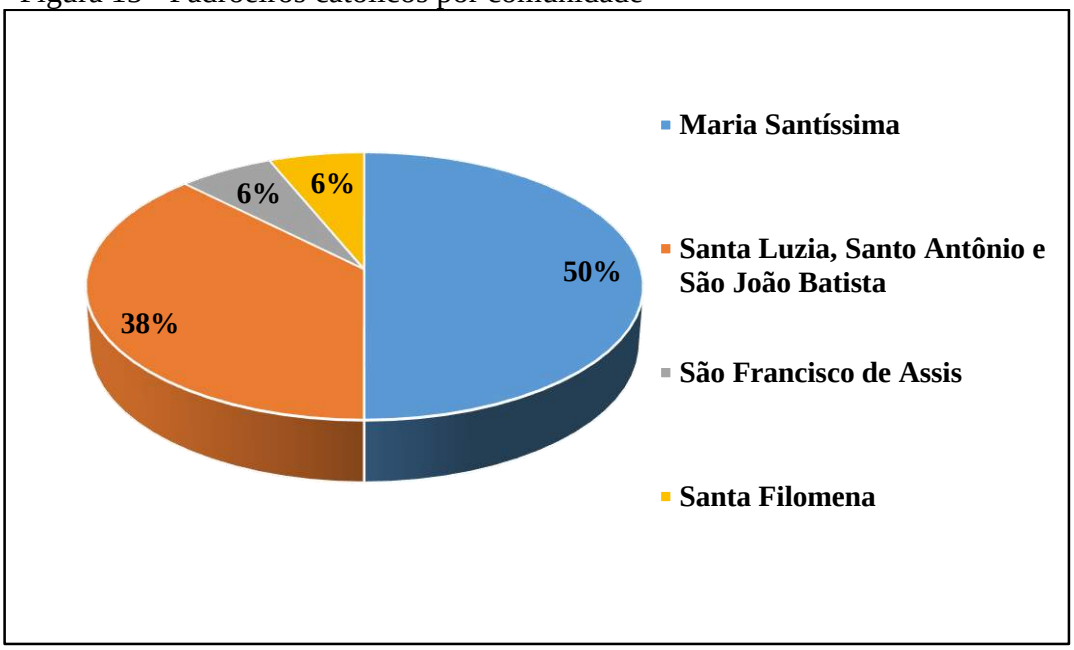
Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Esses dados levam a inferir a necessidade de um líder religioso. Enquanto os padres pouco aparecem e os evangélicos raramente se interessam pela comunidade, o umbandista, no entanto, em que pese a tradição e herança da religião africana, os líderes dos terreiros estão ali; benzem, ensinam remédios baseados nas ervas locais, fazem parto e não raro são conselheiros, além de reverenciarem e festejarem sempre um santo canonizado pela igreja romana.

Das comunidades visitadas 61,54% tem padroeiros e 38,46% não os tem; entre os padroeiros, Maria Santíssima é a preferida com 50%, os demais atingiram 38% divididos entre: Santa Luzia, Santo Antônio e São João Batista; São Francisco de Assis e Santa Filomena 6% cada (Figura 15)

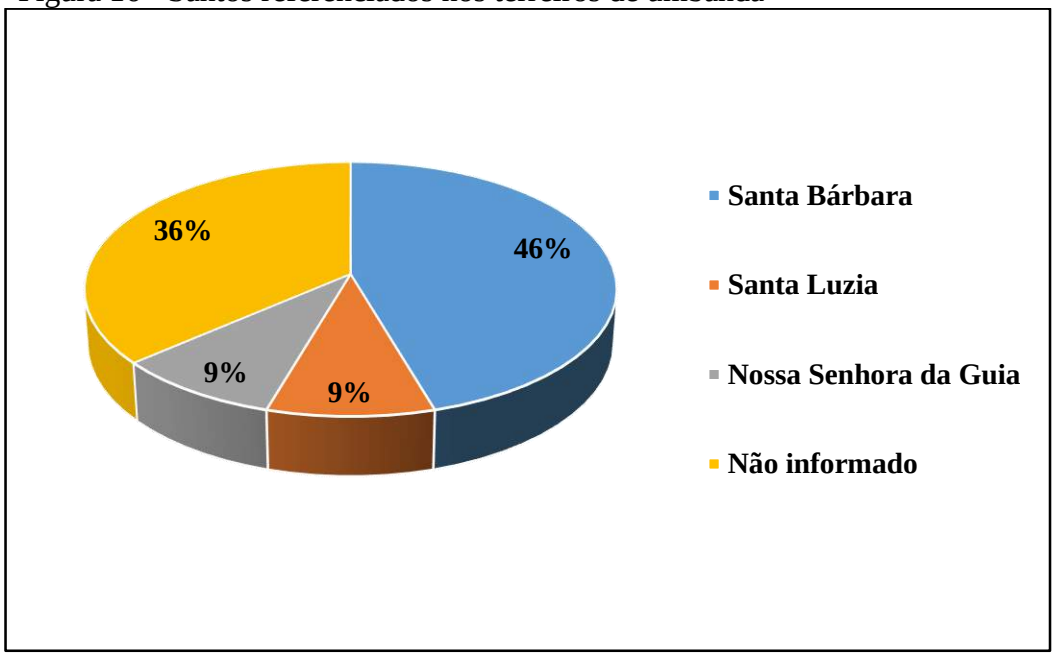
Dos terreiros de umbanda 45,46% referenciam Santa Bárbara, 9% Santa Luzia e Nossa Senhora da Guia cada e 36% não informaram (Figura 16).

Figura 15 - Padroeiros católicos por comunidade



Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Figura 16 - Santos referenciados nos terreiros de umbanda



Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6. 2. 6 Serviço público

Todas as comunidades são carentes de serviço público, principalmente porque, como área rural não tem coleta de lixo, esgoto sanitário e grande maioria das casas tem a sentina tradicional. São atendidas com energia elétrica permanente 88,50%, enquanto 11,50% não.

Parte das comunidades abastecem-se de água do poço artesiano mantido pela comunidade 26,90%; 23,10% são abastecidas por poços artesianos mantidos pelo município; 57,70% retiram água de uma cacimba (Figura 17) e 7,70% em outras fontes. Em 15,40% possuem água tratada e 84,60% não tratada; em 46,10% a água é distribuída encanada e 53,90% transportam-na em vários recipientes; para consumi-la recebem-na gratuitamente 76,90% enquanto 23,10% pagam.

Sobre o abastecimento, há comunidades que usam água encanada, mas vão buscá-la também em cacimbas ou poços, daí os percentuais serem mais de 100%.

Figura 17 - Poço cacimba

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6. 2. 7 Turismo e lazer

Não há, em nenhuma comunidade visitada, algo que seja considerado como atração turística; entretanto, não se pode negar o potencial existente, se considerar o que foi observado ou relatado pelos representantes comunitários, pois 23,10% das comunidades tem ruínas históricas, heranças das várias usinas e/ou engenhos e fazendas que ali existiram como Açude (Figura 18), Conceição (Figura 19), Cabanil (Figura 20), Bem Fica (Figura 21). Livramento, São Caetano além de outros.

Figura 18 - Ruínas do engenho de Açude

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Figura 19 – Peças de maquinário em Conceição

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Figura 20 - Ruínas em Cabanil

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Figura 21 – Ruínas da fazenda Bem Fica

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Se bem difundido e desenvolvido um processo de educação, os terreiros de umbanda podem ser aproveitados como atração turística (Figura 22), portanto, turismo

religioso, podendo-se considerar nesta classificação as festas dos santos reverenciados e os dias de preceito.

As ofertas católicas comunitárias, pelas ladainhas, rezas e procissões podem ser estimadas como atração turística, destacando a de São João Batista na comunidade Soledade e a de Nossa Senhora de Nazaré, em Nazaré (Figura 23).

Figura 22 - Terreiro de umbanda

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Figura 23 - Igreja de Nossa Senhora de Nazaré

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Considera-se também, como atração turística os grupos de tambor de crioula em 11,50% das comunidades, os diversos rios, inclusive o rio Turiaçu próximo as comunidades estudadas (3,90%) e atividades ecoturísticas ou turismo ecológico graças aos campos que envolvem 26,90% das comunidades do campo das Almas.

Quanto ao lazer, os quilombolas tem poucas opções; 76,90% das comunidades tem times de futebol, inclusive feminino e com o mesmo percentual, espaços abertos (com traves que eles consideram campos de futebol); 65,40% tem grupos de tambor de crioula (Figura 24), 88,50% fazem festas pelo carnaval além das festas religiosas católicas e da umbanda. Também aqui os percentuais superam os 100% porque há comunidades que tem múltipla escolha.

Figura 24 - Instrumentos do tambor de crioula

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6. 2. 8 Sociabilidade

Todas as comunidades são bastantes sensíveis e por isso mesmo motivadas para ajudarem-se mutuamente, principalmente quando: a) – algum morador vai construir ou reconstruir sua casa; em mutirão e gratuitamente colaboram na tapagem e na cobertura; b) – quando um chefe de família adoece, substituem-no na roça, para que sua produção não seja comprometida; c) – troca de dia, quando alguém por ter familiares insuficientes apelam para

outros, ficando com débitos de dias de trabalho que pagarão no mesmo sistema oportunamente; d) – limpeza da entrada da comunidade e da capela, além de outros.

Em alguns casos, como na construção da casa, o responsável fornece a alimentação e bebida, e, o que era para ser um dia de trabalho exaustivo, termina se transformando em entretenimento e convivência fraterna.

6. 2. 9 Transporte

A precariedade das estradas, o período chuvoso quando os campos ficam alagados, além da falta de uma linha regular de transporte, são as principais dificuldades encontradas pelas comunidades; daí usar vários meios de transportes ao mesmo tempo (Tabela 09 e Figura 25). Verifica-se, no entanto, que, a motocicleta, mais cara, é a mais usada, o que certamente compromete parte significativa da renda dos quilombolas. Por outro lado, andar grandes distâncias, segunda alternativa encontrada deve comprometer a saúde dos moradores, principalmente dos idosos e crianças.

Vale explicar que, as comunidades usam todos os meios de transportes indicados.

Tabela 9 - Transporte utilizado pelas comunidade

Tipos de Transportes	Quantidade
Automóvel	4
Moto	23
Bicicleta	5
Cavalo	9
Carro de boi	7
A pé	16
Não Informado	1
Outros	16

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

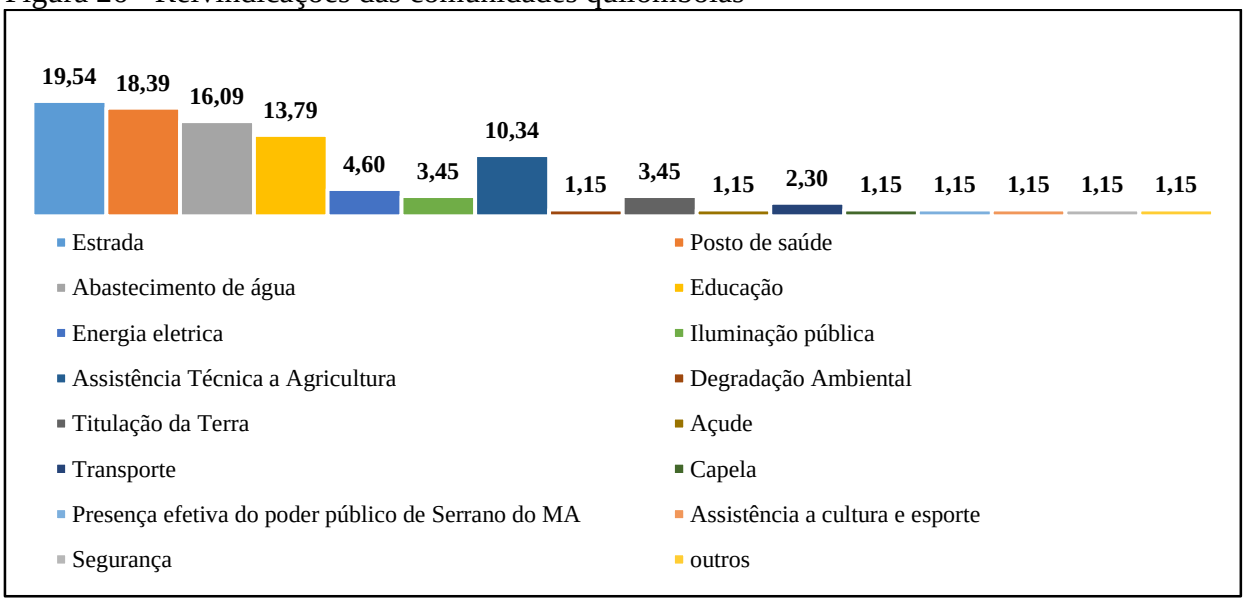
Figura 25 - Carro de boi

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6. 2. 10 Reivindicações

As comunidades, inegavelmente ressentem-se de uma gama de serviços públicos indispensáveis para o seu conforto, desenvolvimento da economia e sociabilidade. Ao serem consultadas, as ansiedades e esperanças, são principalmente: estrada 19,54%, posto de saúde com assistência médica 18,39%, abastecimento de água 16,09%, escola 13,79%, assistência técnica a agricultura 10,34%, energia elétrica 4,60%, iluminação pública e titulação da terra 3,45% cada, transporte 2,30%, coibir a degradação ambiental, construção de açudes, capelas, assistência a cultura e esporte, segurança, presença efetiva do poder público municipal e outros – 1,15% cada (Figura 26).

Figura 26 - Reivindicações das comunidades quilombolas



Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6.3 Perfil social e econômico das comunidades quilombolas visitadas

6. 3. 1 Comunidade Quilombola Açude

Credenciada pela Fundação Palmares em 2011, a Comunidade Quilombola Açude fica distante da sede municipal 49,918 km.

Histórico

São poucas as informações sobre a origem do lugar; o que se pode adquirir é que ali foi instalada a usina que deu nome ao lugar que possivelmente pertenceu ao Senhor Carvalhal que tinha muitos escravos e que ficou conhecido pela sua maldade. Com o fracasso econômico da usina, Carvalhal vendeu a Flora que depois negociou com Leonardo Nunes dos Santos, cujos descendentes ainda residem no lugar.

A comunidade

O povoado distribui-se, embora recuado, ao longo da rodovia. Espaçadas, sem divisão entre os terrenos a maioria das casas apresentam na fachada uma porta e uma janela, com distribuição interna de uma sala, dois quartos, varanda e cozinha; o piso é de argila batida,

com paredes de taipa e cobertura de pindobas. Os quintais são grandes, com árvores frutíferas, canteiros de hortaliças e sentina. A maioria das casas não tem banheiro, quase todos banham diretamente no rio (Figura 27).

Casam com pessoas da própria comunidade e, as vezes, com de lugares vizinhos.

Figura 27 – Vista parcial da comunidade Açude

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

São agricultores; plantam mandioca, milho, arroz, macaxeira, feijão; beneficiam a mandioca em uma casa de forno existente no lugar, cuja produção, assim como parte das demais, vendem o remanescente.

Pescam no rio usando anzol e pequenas canoas. Coletam juçara e buriti que incorporam a dieta alimentar; criam galinhas e patos, que raramente vendem.

Tanto na agricultura como na pesca, as mulheres participam igual ao homem, com exceção na derrubada da vegetação, atividade própria do homem.

Trabalham entre 8 e 17 horas, com intervalo para o almoço, que, dependendo da distância, fazem na roça ou em casa.

Educação

Não tem escola; as crianças estudam na comunidade distante 500 metros. Os alunos não recebem: merenda, livros e uniformes.

Saúde

Não tem posto de saúde, nem visita de médico e enfermeira; só uma auxiliar de enfermagem que comparece esporadicamente; não tem agente de saúde.

Quando adoecem são tratados em casa, com remédio caseiro. As gestantes não fazem pré-natal e na ocasião do parto são assistidas por parteiras práticas; se têm problemas odontológicos, tratam na comunidade Portinho; as doenças mais frequentes são: gripe, febre e alergia.

Religião

Não tem templos católicos, evangélico nem terreiro de umbanda.

Serviço Público

A água tiram de uma cacimba; tem energia elétrica.

Turismo e Lazer

Como atração turística, pode ser aproveitado as ruínas da Usina, que ficam dentro da comunidade e que chama a atenção pelos paredões, corredores escuros e estreitos e um grande poço que, segundo informação dos moradores, está cheio de lanças. O corredor da morte é a ruína mais apavorante (Figura 28).

Quanto ao lazer, não há nenhuma atividade que possa ser considerada como tal.

Figura 28 - Corredor da morte

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Sociabilidade

Colaboram entre si no plantio das roças e na construção e cobertura das casas.

Transporte

Para se deslocar utilizam moto, automóvel D-20, carroça, carro de boi e à pé.

Reivindicações

Uma escola com várias salas, posto de saúde funcionando com a presença frequente de profissionais da saúde, uma igreja católica, água encanada e tratada, estrada.

6. 3. 2 Comunidade Quilombola Bacabal do Paraíso

Certificada pela Fundação Palmares em 2013 a comunidade quilombola de Bacabal do Paraíso dista da cidade de Serrano do Maranhão entre 12 e 15 km (dependendo do caminho escolhido), esta comunidade tem suas raízes antropológicas na fazenda Soledade.

Histórico

Seguindo informação da presidenta da Associação Comunitária Maria Zuleide Pimenta, a comunidade começou a partir do momento em que Satiro Costa resolveu mudar para o local, pois ficava mais perto do campo, onde ele pescava. Tempos depois, a partir do casamento de seus filhos, estes foram construindo ali suas casas e gradativamente foram chegando outros moradores, dando origem ao povoado.

A Comunidade

Com 45 casas, Bacabal do Paraiso é uma comunidade tipicamente tradicional. Todas as residências, inclusive a capela de Santa Luzia são de taipa, às vezes rebocadas e pintadas, outras vezes com taipa aparente; todas cobertas com palha de babaçu. Distribui-se inicialmente bastante espaçada, acompanhando a estrada de ambos os lados; depois, aproxima-se mais, quando forma um círculo, dando ideia de uma grande praça, onde está o único prédio de alvenaria, a escola Machado de Assis.

Segundo informações da presidenta da associação, o lugar vem sofrendo significativa emigração.

Os casamentos são sempre entre os parentes; raramente unem-se com pessoas de outras comunidades.

As casas têm geralmente um corredor, dois quartos, varanda e cozinha, com piso de argila batida; os quintais são grandes, plantados com árvores frutíferas, hortas e onde criam galinha, porco e outros animais menores. É no quintal que fica um tosco banheiro de meia parede e a sentina (Figura 29)

Figura 29 - Vista parcial da comunidade Bacabal do Paraíso

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

A economia está restrita a agricultura familiar; cultivam principalmente mandioca, milho, macaxeira, a primeira transformada em farinha, na única casa do forno da comunidade, cuja produção é reservada para o consumo. Pescam no campo inundado usando principalmente a malhadeira e o anzol, pescando só para alimentar-se.

Como outra atividade, somente duas pessoas que tecem rede e outros utensílios da pesca.

A mulher participa em todas as etapas de trabalho, exceto quando da derrubada da mata, de responsabilidade masculina.

Trabalham das 7:30 às 16 horas, reservando um pequeno intervalo para o almoço.

Fazem três refeições diárias: café, almoço e jantar; alimentam-se sempre de peixe, galinha, farinha e arroz; como moram próximo à área que cultivam, fazem as refeições em casa.

Educação

A comunidade tem uma escola, com duas salas de aula, onde lecionam a nível multisseriado da educação infantil até o 5º ano do ensino fundamental; quando continuam o fazem na sede do município.

Os alunos recebem material e merenda escolar, não sendo agraciado com uniforme e calçado.

Saúde

Não tem posto de saúde; as visitas médicas acontecem uma vez por bimestre, o médico atende no prédio da escola; como a agente de saúde mora na comunidade, a assistência dela é mais frequente. Quando adoecem, procuram a sede do município, ou então vão para Cururupu e às vezes Pinheiro.

As gestantes fazem o pré-natal na cidade de Serrano do Maranhão, em cujo hospital tem o posto; quando têm problemas dentários, apelam para a sede municipal.

Religião

Tem uma capela dedicada a Santa Luzia (Figura 30) e um terreiro de umbanda no qual referenciam Santa Bárbara.

Figura 30 - Capela dedicada a Santa Luzia

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

Tem energia elétrica; a água é adquirida em uma cacimba; quando esta não consegue abastecer, um carro pipa do município distribui água gratuita, não tratada.

Turismo e Lazer

A única atração local é o campo, que apresenta duas fases. Na estiagem fica grande parte emerso, na época das chuvas submerge, podendo ser utilizado como atração. Quanto ao lazer, a única atração é o futebol onde dois times se apresentam com frequência, incluindo um time feminino.

Sociabilidade

É uma comunidade bastante solidária com relação aos moradores; quando alguém vai construir uma casa, fazem mutirão para tirar madeira, taipa e cobrir. Fazem sempre arrecadação para ajudar as gestantes solteiras e idosos; quando alguém adoece e tem que se

deslocar para cidades mais distantes, promovem jogos de futebol, ocasião em que arrecadam donativos para ajudar.

Transporte

Deslocam-se para outros lugares e para a sede municipal em carro de boi, moto, bicicleta e a pé, que, para alcançar a sede o fazem após cinco horas.

Como a comunidade está num teso, no período chuvoso comunicam-se usando canoa.

Reivindicações

Quando questionada sobre o que considera ser mais urgente para a comunidade, a entrevistada Maria Zuleide Pimenta, presidenta da Associação Comunitária citou: abastecimento de água de qualidade e um posto de saúde com técnico ou auxiliar de enfermagem residindo no local.

6. 3. 3 Comunidade Quilombola Boa Esperança dos Campos

Certificada pela Fundação Palmares em 2011, a Comunidade Quilombola Boa Esperança dos Campos está 4,778 km distante da cidade de Serrano do Maranhão.

Histórico

A única informação que se obteve é que, dois portugueses tinham ali o engenho Fazenda Boa Esperança e que mais tarde chegaram outros moradores.

A comunidade

Embora não tão distante, é uma comunidade bastante isolada; para alcançá-la percorre-se um caminho tortuoso, estreito (Figura 31), muitas ladeiras, às vezes entre barreiras e outras vezes em plena área do campo que imunda totalmente na época das chuvas, ocasião em que o único meio de comunicação são as canoas. Entre esta comunidade e Frechal dos

Campos há um significativo vazio demográfico. O ambiente é tão silencioso que confunde. Só se ouve o barulho do vento e o pipilar dos passarinhos.

Figura 31 – Caminho de acesso a Boa Esperança dos Campos

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

As 25 casas onde residem 26 famílias, são espaçosas, distribuídas de forma circular, todas de taipa, rebocadas ou aparente, cobertas de palha, com uma porta, uma ou duas janelas na frente e piso de argila batida. A distribuição interna são: sala, dois quartos e cozinha; os quintais, sem serem cercados, são grandes, onde vicejam várias árvores frutíferas; é ali que estão um rústico banheiro de palha, de meia parede, sem cobertura e a sentina; criam porcos, galinhas, carneiros, bois, burro e cavalo, estes três últimos utilizados como meio de transporte e, esporadicamente alguns animais caçados no campo (Figura 32).

Figura 32 – Vista parcial da comunidade Boa Esperança dos Campos

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

A principal atividade econômica é a agricultura familiar, desenvolvida em terras da comunidade. Plantam mandioca, milho, feijão, maxixe e quiabo, os dois primeiros de subsistência. Da mandioca produzem principalmente farinha d´água nas três casas de forno da comunidade, cujo produto é comercializado na sede do município, através de intermediário. Trabalham entre 7:30 e 16:30 horas, com intervalo para o almoço que fazem na roça ou em casa, dependendo da distância.

Além da agricultura familiar, dedicam-se também a pesca artesanal, praticada nos campos inundados e nos lagos perenes existentes no mesmo, principalmente no período das chuvas, cuja captura é só para o consumo da família.

Em todas as etapas de trabalho, as mulheres participam ativamente, exceto quando da derrubada da mata, de responsabilidade dos homens.

Embora não seja significativo economicamente há na comunidade quatro pessoas que tecem as redes de pesca.

Algumas famílias criam carneiros, jumentos, bois e cavalos, usados como montaria ou transporte da produção.

A renda familiar é resultado das atividades econômicas desenvolvidas, do bolsa família e da aposentadoria de idosos.

Educação

Apesar de se ter observado num local um baldrame traçado que foi explicado ser o lugar onde será edificada a escola, na ocasião da pesquisa, a escola funcionava em um barracão de meia parede, em forma de salão, onde são lecionadas em multisseriado a educação infantil até o 5º ano do ensino fundamental (Figura 33); os alunos recebem merenda, mas não ganham uniformes, calçados e material escolar.

Figura 33 – Escola de Boa Esperança dos Campos

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

Embora não tenha posto de saúde, os atendimentos são realizados em um cômodo da casa da auxiliar de enfermagem que mora na localidade. Não recebem visita médica; apenas

do agente de saúde uma vez por mês. Quando adoecem são atendidos nos hospitais da sede municipal ou de Cururupu. A doença mais frequente é gripe. As gestantes fazem o pré-natal na sede municipal, em cujo hospital tem o parto; caso contrário, são assistidas na própria comunidade por uma parteira prática.

Religião

São católicos e festejem São José, na comunidade não tem capela nem templo evangélico; a única casa religiosa é um terreiro de umbanda.

Serviço Público

Não tem energia elétrica; abastecem de água da cacimba, quase sempre aberta no próprio quintal (Figura 34).

Figura 34 - Cacimba

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Turismo e Lazer

O que poder-se-ia utilizar para atração turística são a ruína de um engenho, o campo que fica bem perto e algumas lendas como da currupira e da mãe d'água; como lazer tem as

apresentações do tambor de crioula, a festa de São José, padroeiro da comunidade, feita na residência de um dos moradores ou em um barracão.

Sociabilidade

Sempre estão disponíveis para, em mutirão, ajudarem-se mutuamente: tapagem e cobertura das casas, dar um dia de trabalho, gratuitamente para aquele morador que esteja doente.

Transporte

Deslocam-se através de carro de boi, motocicleta, bicicleta, cavalo e às vezes à pé.

Reivindicações

Quando indagada sobre o que considera de mais urgente para a comunidade, a entrevistada Rosinete Vieira Mafra, destacou: escola, energia elétrica, água encanada, estradas e posto de saúde funcionando.

6. 3. 4 Comunidade Quilombola Boa Esperança II

A Comunidade Quilombola Boa Esperança II, certificada pela Fundação Palmares em 20 de dezembro de 2012, está localizada a 9,258 m de altitude acima do nível do mar e fica a 48,20 km distante da cidade de Serrano do Maranhão.

Histórico

A comunidade tem suas origens na fazenda Boa Esperança, da qual ainda existem as ruínas. Os escravos, ao fugirem da fazenda foram se juntando distante desta, à margem de um rio, daí um dos ajuntamentos serem designados Mocô, que na linguagem africana significa esconderijo.

A Comunidade

A comunidade é formada de pequenos núcleos, como se fossem sítios, assim distribuídos: Baixinho, Sinoca, São José, Mundoca e Mocô. Esses núcleos formam a comunidade Boa Esperança II, toponímia que dão também ao Mocô, talvez por ser o mais desenvolvido (Figura 35).

Figura 35 – Vista parcial da comunidade Boa Esperança II

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Ao todo são 35 residências , distribuídas entre 71 famílias, predominando mulheres, Mocô ou Boa Esperança II, é o núcleo mais organizado; distribue-se de maneira circular, como se fosse uma praça em volta da qual estão quatros casas de tijolos, com coberturas de telhas, amianto e palha, esta nas casas de taipa rebocada; Sinoca tem cinco casas, de taipa coberta de palha; em Baixinho predominam casas de adobe e telhas, mas há também de taipa revestida e palha; São José tem casas de taipa e telha, alvenaria e de taipa e palha. Todos os núcleos têm a forma ligeiramente circular.

Exceto uma casa com terraço, as demais seguem o padrão rural do município; na frente uma porta e uma janela, no interior sala, dois quartos e cozinha, com piso de argila batida, distribuída ligeiramente afastadas entre si, quintais grandes, sem proteção divisória, com árvores frutíferas onde criam galinha, pato e porcos; ali estão o banheiro improvisado com meia-parede de pindoba e uma cabana de taipa coberta com pindoba - a sentina.

As famílias tradicionalmente se estruturam em uniões não formais entre pessoas da mesma comunidade ou de outros lugares. Alimentam-se principalmente de peixe, camarão, arroz, farinha e carne de caça: paca, veado, cotia e pequenas aves. Normalmente fazem três refeições diárias, as vezes no rancho, se as roças forem longe, ou então em casa, se forem perto.

Economia

A agricultura familiar é a principal atividade econômica da comunidade, dividida em duas etapas: verão e roça. Plantam maniva, milho, feijão, arroz e às vezes melancia, maxixe

e quiabo. A mandioca é transformada em farinha d´água, fabricada nas sete casas de forno da comunidade e, com o milho são comercializados na sede do município e ás vezes, na própria comunidade, com intermediários. Os demais cultivos são para o consumo da família.

O trabalho inicia às 7:30 e encerra às 16:30 horas, com intervalo para o almoço.

As mulheres e os adolescentes, participam de todas as atividades, exceto da derrubada da vegetação para aquelas, pois esse trabalho é só para os homens. Voltam derrubar a vegetação secundária do lugar roçado, a capoeira, após oito a dez anos de pousio.

Dependendo da época - de setembro a novembro - a coleta da juçara, do buriti e do babaçu podem ser considerados uma atividade econômica complementar, pois referidos frutos são transformados em suco que vendem no lugar e nos municípios vizinhos (do buriti fazem também doces), além de entrar na dieta alimentar da família (Figura 36).

Figura 36 - Buritizal

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

A pesca é praticada no mar, usando como utensílios o anzol, rede e o puçá.

Coletam o coco babaçu, de cuja amêndoa extraem o óleo, que comercializam na sede do município ou nos municípios vizinhos e o leite usado na condimentação dos alimentos.

O programa SISTEC, incluído no Plano de Ações Mais IDH, inscreveu na comunidade vinte famílias com projetos, voltados para piscicultura, criação de animais domésticos - porcos, galinhas e hortaliças que até o período da pesquisa (dezembro, 2016) ainda

não se tinha efetivado. A renda familiar é complementada, em alguns casos, com o bolsa família e aposentadoria de idosos.

Educação

A comunidade tem um prédio com três salas de aula multisseriadas, até a 9º ano do fundamental (Figura 37). Os alunos tem transporte, merenda, mas não receberam material escolar nem uniforme.

Figura 37 – Escola de Boa Esperança II

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

A comunidade não tem posto de saúde, não é visitada por médico, enfermeiro, técnico ou auxiliar de enfermagem. A única assistência é da agente de saúde que a visita quinzenalmente. Quando adoecem são atendidos na cidade de Cururupu, mas não recebem remédio. As gestantes não fazem pré-natal; quando têm o parto em casa são assistidas pelas quatro parteiras práticas da comunidade, ou então vão para Cururupu, onde têm assistência médica gratuita. As doenças mais frequentes são enterocolite aguda, febre, malária, diabetes, coluna e dificuldade visual nos mais idosos. Os problemas odontológicos são resolvidos na sede municipal.

Religião

Embora não recebam visita do padre, a grande maioria considera-se católica. Tem uma capela dedicada a São João Batista (Figura 38), padroeiro do povoado; não tem templo evangélico, nem terreiros de candomblé ou similares, dispondo, no entanto de duas benzedeiras.

Figura 38 - Capela dedicada a São João Batista

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

A energia elétrica é permanente, não tem água encanada, abastecem-se em uma cacimba local.

Turismo e Lazer

Não há nenhuma atividade nem heranças culturais que se possam considerar de importância turística. Quanto ao lazer, tem uma área considerada campo de futebol onde a juventude apresenta os dois times, um masculino e outro feminino, um grupo de tambor de crioula, a festa religiosa do padroeiro e um bloco durante o carnaval.

Sociabilidade

Vários moradores estão filiados ao Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Município. São também bastante solidários quando se trata de ajuda mútua; colaboram

na conservação da capela, na distribuição de cesta básica, quando da construção das casas, na limpeza e conservação da estrada, no mutirão da agricultura, quando o proprietário da roça adoece, além de outros.

Transporte

Deslocam-se da comunidade usando principalmente motocicleta, na época das chuvas, quando o campo fica submerso canoas e com muita frequência andando.

Reivindicações

Quando questionados sobre o que de mais urgência precisam, enfatizaram: posto de saúde funcionando com presença de médicos e enfermeiros, água encanada de qualidade, melhoria das estradas vicinais, educação de qualidade, eliminando o multisseriado, e incluindo o profissionalizante, assistência à cultura, esporte e legalização das terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA.

6. 3. 5 Comunidade Quilombola Brasília

A Comunidade Quilombola Brasília, certificada pela Fundação Palmares em 2011, fica distante da sede municipal 23,213 km.

Histórico

Onde está a comunidade são partes das terras que pertenciam a fazenda São Caetano do português Simplício Francisco Pinto, que tinha muitos escravos. Referido fazendeiro, em 1809, doou suas terras aos seus cinco filhos e a casa da fazenda e os escravos para as três filhas. Com o fim da escravatura, os filhos doaram as suas terras para os escravos livres; estes resolveram vende-las as terras para o dono da fazenda Aliança, trocando-as também por casas de forno, animais e outros bens. Referidas terras mais tarde foram vendidas para a Norcasa, uma empresa paulista, que a revendeu para o francês Denig, que vivia maritalmente com uma negra. Mais tarde, o francês vendeu para o paulista Tomaz Melo da Cruz. Há 15 anos, as terras foram adquiridas pelo INCRA que a distribuiu aos moradores dali, surgindo assim a Comunidade Quilombola Brasília.

A Comunidade

A comunidade tem 45 famílias, que residem em 30 casas, que distribuem-se dispersas, inicialmente acompanhando a estrada e depois organizadas de modo circular. Ali estão a capela e a escola com uma sala de aula. As casas são de taipa, algumas rebocadas e pintadas, todas cobertas com folhas da palmeira babaçu (pindoba), apresentando entre dois a quatro cômodos (sala, quartos e cozinha), com piso de argila batida. Os quintais grandes, plantados com vegetais frutíferos são, em alguns casos separados com cercas; é ali que estão os banheiros e as sentinas (Figura 39).

Figura 39 – Vista parcial da comunidade Brasília

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

O núcleo familiar é resultado de ligações entre familiares ou pessoas da comunidade.

Economia

Dedicam-se principalmente a agricultura familiar, cultivando mandioca, milho, melancia, feijão e maxixe. A mandioca é o cultivo mais importante (Figura 40); desta fazem a farinha d'água, fabricada em uma casa de forno da comunidade, único produto de subsistência; os demais são para autoconsumo.

Figura 40 – Moradora local carregando talos de maniva que origina a mandioca

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Educação

A comunidade tem uma escola com uma sala de aula, onde cursam até o 5º ano; a partir daí, aqueles que forem continuar podem apelar para a sede municipal, hospedando-se com amigos ou parentes.

Saúde

A comunidade não tem posto de saúde; quando das visitas esporádicas do médico ou da enfermeira, o atendimento é feito no prédio da escola (Figura 41). Há uma agente de saúde que reside na comunidade e, portanto, o atendimento é mais frequente.

Quando adoecem são levados para os hospitais do próprio município e/ou de Cururupu. Durante a gravidez as gestantes fazem pré-natal e, ao ter o parto, o fazem no hospital da sede, com atendimento médico ou em casa, assistidas por parteira prática. Os problemas odontológicos são atendidos na sede municipal.

Figura 41 - Escola onde também é feito o atendimento médico

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Religião

A quase totalidade da população é católica; a capela que construíram é dedicada a Nossa Senhora da Conceição (Figura 42), sua padroeira. Embora a comunidade seja católica raramente é visitada pelo padre. Referenciam a sua padroeira com festa religiosa em dezembro. Não têm templo evangélico, mas contam com um terreiro umbandista.

Figura 42 - Capela de Nossa Senhora da Conceição

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

Exceto energia elétrica, não há outro empreendimento que possa ser considerado assistência pública, uma vez que, até a água vão buscar em uma cacimba natural, usando para isso, utensílios domésticos.

Turismo e Lazer

A única diversão é a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição; nem o carnaval ali é participado. Quanto ao turismo, se facilitada a visita, poderia ser utilizada as ruínas da Fazenda São Caetano.

Sociabilidade

É uma comunidade interativa quando se trata de solidariedade. Dividem sempre o pouco que têm quando alguém está precisando, especialmente na construção e cobertura das casas; esta última atividade se repete de quatro a quatro anos, renovando a palha; outro mutirão é a limpeza e abate da vegetação no terreno e na estrada; quando falece alguém, e porque a comunidade não tem cemitério, vão em romaria enterrá-lo no Cemitério do Barão, em Paraíso.

Transporte

Usam como transporte motocicleta, cavalo ou deslocam-se andando. Quando o campo está inundado, utilizam a canoa.

Reivindicações

Perguntado o que mais almejam para a comunidade, responderam: melhorar a estrada, posto de saúde, distribuição de água de qualidade e ampliação da escola.

6. 3. 6 Comunidade Quilombola Cabanil

Certificada pela Fundação Palmares, a Comunidade Quilombola Cabanil está 43,251 km distante da sede municipal de Serrano do Maranhão.

Histórico

O povoado é remanescente da antiga fazenda Cabanil que pertenceu a José Olegário, fazendeiro de muitos escravos. Há, entretanto, um grande vazio de informações. O que se sabe é que, João Rebouças comprou as terras, fez outra fazenda, para onde levou gado, mas que, nessa época já existia o povoado, que segundo Etelvina Abreu Santos, tem mais de um século.

Quanto a origem da toponímia há duas versões: a primeira refere-se que em uma determinada ocasião uma senhora estava lavando roupa e disse: acabou o anil, então as pessoas começaram a chamar aquela parte do rio Acabanil, que com o tempo foi simplificado para Cabanil, nome que foi denominada a primeira fazenda e depois o povoado. Outra versão conta que, na lida diária dos escravos na lavoura, havia grande quantidade de anis que dificultava a capina. Cansados de tanto trabalhar retirando os anis, sempre exclamavam: caba nil, caba nil e ficou o nome Cabanil.

A comunidade

Das comunidades quilombolas visitadas Cabanil (Figura 43) é a mais próspera. Apresenta um traçado característico de uma vila; ruas e travessas bem traçadas, praticamente retas, em forma de tabuleiro onde estão distribuídas 125 casas. As residências, de tamanho médio são na maioria de adobe, e algumas de taipa, rebocadas, pintadas, com dois quartos, corredor e cozinha, com calçada de cimento e na parte da frente uma porta e uma janela. No interior o piso é quase sempre de cimento. Os quintais todos grandes, cercados, tem árvores frutíferas e canteiros de hortaliças, galinha e pato onde fica o banheiro de palha e a sentina.

Os casamentos acontecem entre parentes e pessoas da comunidade.

Figura 43 - Vista parcial da comunidade Cabanil

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Um fato que chamou a atenção foi ter encontrado ali, quando se foi visitar a ruína da fazenda, um alemão, membro do Grupo do Pastoral da Terra de Pirapemas, que, a convite da comunidade foi colaborar no reflorestamento da mata ciliar que foi destruída pelo fogo. Referido senhor estava com centenas de mudas (Figura 44) e uma quantidade de sementes, além de uma grande área onde está orientando os comunitários a cultivar o abacaxi.

Figura 44 - Mudas para o reflorestamento de Cabanil

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

As principais atividades econômicas são a agricultura familiar e a pesca.

Plantam mandioca, milho, feijão, banana, macaxeira e quiabo, principalmente, cultivados em terras da comunidade. As mulheres tem participação ativa na agricultura, atuando em todas as etapas do trabalho, exceto quando se trata da derrubada da vegetação, atividade que é específica dos homens.

A farinha d'água é uma atividade de subsistência, o remanescente da produção é vendido no próprio povoado.

Trabalham das 7:30 às 17:30 horas, com intervalo para o almoço que o fazem na roça ou em casa, dependendo da distância da roça, alimentando-se principalmente do peixe, do que produzem e às vezes carne e galinha.

A pesca é praticada no mar e depende do horário das marés. A captura é feita em currais, espinhel, rede e muruada, onde são capturados principalmente uritinga, peixe pedra e camarão, além de outros, que vendem na comunidade, nos povoados vizinhos e às vezes na própria área da pesca, por eles chamado praia, para os intermediários.

Outras atividades econômicas encontradas foram: funcionários públicos, carpinteiros, que fabricam canoas e pequenos barcos em estaleiros improvisados, fabricantes de adobe, e outros operários.

Educação

Há uma escola no local, com três salas de aula, onde as crianças em multisseriado cursam da educação infantil até o 9º ano (Figura 45), após o qual vão para Portinho usando o ônibus escolar. Os alunos não recebem merenda, calçado, uniforme, apenas material escolar.

Figura 45 – Escola em Cabanil

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

A comunidade tem um posto de saúde, embora seja difícil a presença de médico ou enfermeiro, ficando a assistência sob a responsabilidade de dois agentes de saúde que moram no lugar (Figura 46). Quando adoecem vão para Cururupu, por ser mais fácil o deslocamento e onde as gestantes fazem o pré-natal e têm o parto, o que acontece também na própria comunidade.

As doenças mais frequentes são febre, resfriado, pneumonia e verminose.

Os dentes são tratados no povoado Portinho.

Figura 46 – Posto de Saúde em Cabanil

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Religião

Há uma capela, dedicada a Santo Antônio (Figura 47), padroeiro do lugar, comemoram também Santa Maria. Há uma Igreja evangélica Assembleia de Deus.

Figura 47 - Capela de Santo Antônio

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

O povoado tem luz elétrica e água encanada distribuída de um poço artesiano da comunidade.

Turismo e Lazer

Pode ser considerado como atração turística as ruínas da antiga Fazenda Cabanil (Figura 48), onde estão inúmeras peças das máquinas. Quanto ao lazer a única distração são os jogos de futebol dos vários times da comunidade, as festas religiosas de Santo Antônio, Santa Maria e tambor de crioula.

Figura 48 - Ruínas da antiga fazenda de Cabanil

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Sociabilidade

Como as demais comunidades quilombolas visitadas, esta também é solidária entre os seus moradores. Em mutirão, fazem adobe para a construção das casas e, quando de taipa, colaboram na construção e na cobertura, limpam os poços e capinam as ruas e praças.

Transporte

Tem linha diária de ônibus para Cururupu e para a sede do município, passando por várias comunidades. Utilizam também motocicleta, automóvel, bicicleta, D-20, carro de boi e, em algumas ocasiões deslocam-se a pé.

Reivindicações

Solicitam a construção de mais salas de aula para que as turmas sejam por série. A criação de ensino médio profissionalizante que satisfaça a mão de obra para a aptidão econômica local.

Limpar as ruínas da fazenda, transformando-a em atração turística.

6. 3. 7 Comunidade Quilombola Campinho

Certificada pela Fundação Palmares em 2014, fica distante da sede municipal 2,84 km. Esta comunidade tem suas raízes antropológicas nas fazendas União e Bem Fica.

Histórico

A ideia da criação de Campinho surgiu em uma determinada ocasião, em que alguns moradores de Santo Antônio trabalhavam em mutirão, construindo uma casa de taipa e um dos trabalhadores sugeriu, que edificassem uma casa após uma ladeira que ia até o rio Santo Antônio. Essa pessoa da qual não lembram o nome, tomou a iniciativa e, além de fazer a casa, limpou uma parte do terreno transformando-o em campo de futebol. Esse ato, não só colaborou para que fossem jogar como atraiu outros moradores.

Quando jovens de outras comunidades próximas queriam jogar diziam: “Vamos jogar no Campinho”, os moradores também diziam que moravam no Campinho, nome que se oficializou à comunidade.

A Comunidade

O povoado tem 60 famílias; distribuem-se paralelo à rodovia MA 303 (Figura 49), em ambos os lados, interiorizando através de uma rua transversal. As residências são espaçadas, cujo material de construção varia entre taipa rebocada, coberta com telhas, tijolo e adobe com a mesma cobertura; na fachada apresenta uma porta e uma ou duas janelas; no interior, de piso de argila batida ou cimento, os cômodos distribuem-se entre sala, corredor, dois quartos e cozinha; os quintais são grandes, alguns separados por cercas, outros sem separação, plantados com árvores frutíferas, criação de animais domésticos, banheiro e/ou sentina.

Figura 49 - Vista parcial da comunidade Campinho

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

Trabalham com agricultura familiar e pesca artesanal. Na agricultura cultivam mandioca, feijão, milho, maxixe, quiabo, jerimum e melancia. Comercializam a farinha d'água

na própria comunidade ou com terceiros; os demais produtos são destinados ao consumo. A agricultura é específica dos homens, que trabalham diariamente das 7:30 às 17:00 horas com intervalo para o almoço que às vezes fazem na própria roça e quando perto de casa, na residência, alimentando principalmente de peixe, farinha e feijão.

Na pesca, os homens não participam; é atividade especifica das mulheres, que a desenvolvem nos campos inundados, nos lagos ou no rio; utilizando malhadeira, tarrafa, landuá e anzol. Os produtos pescados raramente vendem; é voltado para o auto consumo.

Às mulheres também está a responsabilidade da coleta do buriti, do qual extraem um suco muito utilizado na alimentação.

Registrou-se a participação de crianças e adolescentes em determinadas atividades como roçar e retirar a coivara (madeira queimada) para fazer cerca para proteger a plantação.

Educação

Na comunidade não tem escola; as crianças estudam em Santo Antônio; não tem merenda escolar, não recebem uniforme, sapatos e material escolar.

Saúde

Não tem posto de saúde, nem visita do médico e da enfermeira; apenas a agente de saúde que comparece uma vez por mês.

Quando adoecem são encaminhados para o hospital de Cururupu, onde as gestantes são atendidas por ocasião do parto.

Religião

Inexistem templos de qualquer religião, embora considerem-se católicos.

Serviço Público

Tem água encanada retirada de um poço artesiano do município; a distribuição de energia é direta.

Turismo e Lazer

Não dispõem de nenhuma atividade que possa ser considerada lazer, exceto os jogos de futebol aos fins de semana; quanto ao turismo, a única atração são as ruínas do engenho Santo Antônio.

Sociabilidade

É uma comunidade bastante preocupada com seus semelhantes; sempre em mutirão, colaboram quando constroem uma casa de taipa, ocasião em que participam da tapagem e da cobertura. Quando alguém adoece, juntam-se para substitui-lo na roça, a fim de que não percam a produção.

Transporte

Deslocam-se para outros lugares utilizando motocicletas e automóveis.

Reivindicações

Consideram como necessidade urgente, um posto de saúde funcionando e uma escola.

6. 3. 8 Comunidade Quilombola Cedro

A Comunidade Quilombola Cedro, certificada pela Fundação Palmares em 2011 está há 34,34 km da cidade de Serrano do Maranhão.

Histórico

Sua origem tem relação direta com o engenho da Ponta, atual comunidade com esse nome.

Toda área, isto é, Cedro e Ponta faziam parte do Curral Grande, ex-propriedade de Manduca Ribeiro que ficou como herança para D. Jaci e seu esposo Godinho. Tempos depois esse senhor vendou para Tomaz Cruz, que, na intensão de expulsar os moradores e, com o auxílio de um pistoleiro, provocou um grande incêndio no local, queimando casas, plantações e expulsou a população.

Outro personagem nesse cenário, foi o Netinho, dono das terras onde está a Comunidade Santa Filomena. Referido proprietário, segundo informações do entrevistado – Zenário Rodrigues – recebeu do banco um financiamento e, por não tê-lo liquidado, o banco se apoderou das terras e vendeu para Lázaro Ducanges, que também repetiu o ato de queimar casas e expulsar os moradores. Por último o Lázaro vendeu as terras para Tomaz. Após uma série de

tumultuadas negociações o INCRA, através de contatos seguidos com a população, dividiu as terras, atualmente em processo de titulação.

A Comunidade

A comunidade é um pequeno aglomerado distribuído em treze residências, organizadas de forma circular, próximo ao campo, onde vivem quatorze famílias (Figura 50). As casas são de taipa não revestida e, exceto uma circulada por uma varanda, as demais tem na frente uma porta e uma janela. O piso é de argila batida, nos cômodos predominam uma sala, dois quartos e uma cozinha. Os quintais são grandes, sem proteção, nos quais se observam árvores frutíferas e criação de porcos, galinha e patos. Ali está um tosco banheiro de meia parede, de palha e também uma pequena cabana de pau-a-pique coberta de palha – a sentina -. As famílias não se estruturam no casamento; simplesmente vão morar juntos e a união varia entre pessoas da mesma comunidade. O número de filhos por família está entre 1 e 3, a maioria ao atingir a maioridade muda para outro local.

Figura 50 - Vista parcial da comunidade Cedro

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

A atividade econômica principal é a agricultura familiar, depois a pesca. Trabalham em terras da comunidade. Diferente das demais comunidades visitadas, plantam só uma vez por ano. Derrubam a mata quase sempre em setembro, queimam, retiram os galhos queimados (coivara), limpam o terreno e aguardam a chuva para plantar; cultivam mandioca, milho, macaxeira, maxixe e outros cultivares. Da mandioca fabricam principalmente a farinha d'água, comercializada na cidade de Santa Helena. Entre a plantação e a colheita, fazem a capina de três a quatro vezes no ano. Trabalham das 7:30 às 17:00 horas, com intervalo para o almoço no rancho da roça, alimentando-se principalmente de peixe, farinha, arroz e às vezes, galinha e carne. Exceto a mandioca os demais produtos cultivados, são para consumo.

A pesca é a segunda atividade praticada no campo quando inundado e, quando começa a secar, restringe-se em lugares designados como Enseada Grande e Taquipé. Usam na captura, malhadeira, socó, anzol e tarrafa, não permanecendo o dia todo no campo, pois almoçam em casa. O excedente da pesca comercializam nas comunidades próximas.

Coletam o coco babaçu, de cuja amêndoa extraem o leite e o óleo, utilizado na alimentação e este vendido em Santa Helena.

As mulheres participam de todas as atividades na agricultura e na pesca e nesta, também as crianças colaboram.

Educação

Não tem escola no lugar; as crianças estudam em Ponta, comunidade próxima, para a qual deslocam-se andando 1,5 km, a maior parte do campo inunda no período chuvoso, ocasião em que usam as canoas. Não são distribuídos material escolar e merenda.

Saúde

Assim como a educação, não há infraestrutura para a saúde; sem posto de saúde, sem visita médica, de enfermeira e de agente de saúde. Quando adoecem recorrem a Santa Helena, cidade mais próxima, inclusive as gestantes. Aparentemente são sadios; segundo informações do entrevistado - Zenário Rodrigues - as doenças mais frequentes são febre, gripe e malária, o que justifica-se com a aproximação do campo.

Religião

Consideram-se católicos, embora estejam à margem de qualquer orientação religiosa, pois não tem capela, o padre nunca visita o povoado; mesmo assim têm como padroeira Santa Filomena. Não dispõem de templo evangélico e nem terreiro de umbanda ou similar.

Serviço Público

A única assistência nesse gênero é a energia elétrica permanente, pois a água adquirem-na numa cacimba, não tão próxima, transportando-a em recipientes domésticos.

Turismo e Lazer

Não há coisa alguma nesse sentido.

Sociabilidade

Não participam de mutirão ou algo que possa ser considerado como movimento solidário.

Transporte

Deslocam-se principalmente andando; às vezes utilizam D-20 e canoa na época da inundação do campo, dirigindo-se sempre e somente para Santa Helena; a identificação com a cidade de Serrano do Maranhão é somente geográfica.

Reivindicações

Consideram como necessidades mais urgentes água encanada de qualidade, instalação elétrica oficial, uma vez que todas as instalações são irregulares (gambiarra); colégio, capela e posto médico com assistência frequente dos profissionais da saúde.

6. 3. 9 Comunidade Quilombola Deus Bem Sabe

Certificada pela Fundação Palmares em 2014, a Comunidade Quilombola Deus Bem Sabe fica distante da cidade de Serrano do Maranhão 10,624 km.

Histórico

A comunidade tem as suas raízes diretamente ligadas à Fazenda Bem Fica, uma das mais prósperas da época, que se destacava pelo número de escravos e pela agressividade com que os negros eram tratados.

Supriana Piedade era uma escrava que se sobressaia por ser de temperamento indisciplinado e muito brava; não admitia ser humilhada, diminuída e por isso sofria consequentes castigos. Embora vivesse constantemente acorrentada, quando livre fugia sempre, e nessas fugas, embrenhava-se na mata, onde se alimentava com coco babaçu.

Quando encontrada pelo capataz que a procurava montado em um cavalo, era surrada com relho, acorrentada e colocada no tronco; mas não adiantava, logo que se via livre, fugia novamente. Numa dessas fugas, ao ser encontrada, foi ferrada com um ferro de engomar em brasa. Revoltada, Supriana convidou vários escravos para fugirem, dentre os quais Artur Vieira, que fugiram e se amotinaram no local onde hoje é a comunidade Deus Bem Sabe e ali permaneceram escondidos, não colocando o nome no quilombo, para não serem identificados.

Após a Lei Áurea, ainda escondidos, passou pelo quilombo um viajante que bateu na cabana de Artur Vieira e pediu água. Depois de saciada a sede e ter descansado, perguntou: "como é o nome deste lugar?", o Artur, com medo de ser denunciado disse: "Só Deus Bem Sabe"! Então o viajante disse: "Pois assim fica sendo o nome do lugar".

A Comunidade

A comunidade desenvolveu-se paralela a ambos os lados da rodovia MA 303 onde estão 73 residências que abrigam 88 famílias. As casas distribuem-se espaçadas, construídas aproximadamente 50% de taipa exposta, cobertas com pindoba; os percentuais restantes representam casas rebocadas cobertas de pindoba, de taipa com telha e alvenaria. Na fachada está sempre uma porta e uma janela ou uma porta e três janelas. O piso é de terra batida; no interior os cômodos são: sala, dois quartos, cozinha e as vezes um corredor; os quintais, as vezes cercados, são grandes, plantados com árvores frutíferas, onde estão o banheiro e a sentina improvisados e onde criam galinha, porco e outras aves (Figura 51).

Figura 51 – Vista parcial da comunidade Deus Bem Sabe

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

Vivem principalmente da agricultura familiar e da pesca artesanal. Na agricultura cultivam mandioca que é transformada em farinha d'água fabricadas nas 10 casas de forno artesanais existentes na comunidade; cultivam também milho, quiabo, maxixe, vinagreira, feijão e melancia. Comercializam a farinha no próprio local usando como medida o litro, que corresponde aproximadamente 1,5 kg, se a quantidade for maior utilizam o alqueire (30 kg) armazenado em saco, de 30 ou 15 kg. Os demais produtos são para o consumo da família.

A pesca é feita no campo inundado ou nos lagos perenes; cujos instrumentos usados são o landuá, malha, o anzol e a tarrafa.

Em ambas as atividades, a mulher participa ativamente, exceto quando se trata na derrubada da mata, atividade masculina.

Trabalham das 7:30 as 16:30 horas com intervalo para o almoço, que pode ser na própria roça ou campo, ou então em casa, dependendo da distância entre o local de trabalho e a residência, alimentando-se principalmente de peixe e farinha e às vezes galinhas, arroz e feijão.

A renda familiar está na agricultura familiar, pesca, aposentadoria de idosos e em alguns casos a bolsa família.

Educação

Há um prédio com duas salas de aula, ministradas no sistema multisseriado, da educação infantil até o 9º ano (Figura 52).

Os alunos não recebem uniforme, calçados; recebem material escolar e merenda só na educação infantil.

Figura 52 – Escola de Deus Bem Sabe

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

Embora haja um posto de saúde (Figura 53), o médico não o utiliza, apenas uma profissional de enfermagem que comparece uma vez por semana e a agente de saúde uma vez por mês. Quando adoecem são atendidos no hospital de Cururupu, onde as gestantes fazem o pré-natal e tem também o parto. Os problemas dentários são solucionados na cidade de Cururupu; as doenças mais frequentes são hipertensão, febre, gripe e verminose.

Figura 53 - Posto de saúde de Deus Bem Sabe

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Religião

Predomina o catolicismo. Há uma capela dedicada a Santa Maria (Figura 54) e um templo evangélico e três terreiros de umbanda.

Figura 54 - Capela dedicada a Santa Maria

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

Tem água encanada, distribuída de um poço da comunidade e energia elétrica.

Turismo e Lazer

Como atração turística podem ser aproveitadas as ruínas de dois engenhos existentes na comunidade ou imediações (Figura 55) e como lazer dois times de futebol: de adulto e de criança (Figura 56) e a festa da padroeira.

Figura 55 – Ruínas da fazenda Bem Fica

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Figura 56 - Campo de futebol

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Sociabilidade

Quando necessário, fazem mutirão para tapagem e cobertura das casas e nas roças, principalmente quando o dono da mesma adoece.

Transporte

Para se deslocar utilizam o carro de boi, automóvel, motocicleta e bicicleta.

Reinvindicações

Consideram como necessidades mais urgentes maior número de salas de aula, presença do médico no posto e dentista.

6. 3. 10 Comunidade Quilombola Frechal dos Campos

Certificada pela Fundação Palmares em 2011, a Comunidade Quilombola Frechal dos Campos está distante da cidade de Serrano do Maranhão, 16,583 km.

Histórico

Sua história está ligada à Fazenda Curral Grande, cujos escravos, após a abolição foram gradativamente saindo, reunindo-se no local que deu origem ao quilombo. Quanto à toponímia, consta que um determinado senhor português ou descendente, juntou-se maritalmente com uma escrava e plantou no lugar um vegetal – frecha, cuja árvore ainda existe no lugar e que deu ao mesmo o nome.

A Comunidade

As 30 casas existentes, que correspondem aproximadamente a 38 famílias distribuem-se distante entre si, são de taipa, cobertas de pindoba, com uma porta e uma janela na frente, com dois quartos e uma cozinha, algumas com varanda na frente, piso de argila batida. Os quintais são grandes, e por estarem muito afastadas não têm cerca, onde plantam árvores frutíferas, e onde está a sentina, sem dependência destinada a banheiro (Figura 57). Criam galinhas, boi, burro e cavalo, esses três últimos não são comuns em todas as famílias.

Figura 57 – Vista parcial da comunidade Frechal dos Campos

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

A principal atividade econômica é a agricultura familiar. Plantam mandioca, arroz, milho, feijão, maxixe, jerimum e quiabo, dos quais comercializam apenas a farinha d'água, vendida principalmente para intermediários em Cururupu. Como segunda atividade têm a pesca praticada nos campos inundáveis, destinada para o auto consumo.

Toda atividade econômica é compartilhada com a mulher, exceto a derrubada da mata; as crianças também colaboram na agricultura.

O horário de trabalho é entre 7:30 e 16:30 horas, com intervalo para o almoço; quando a roça fica perto de casa, almoçam lá, caso contrário, o fazem na própria roça, tendo como alimentação principalmente, peixe, farinha, arroz feijão e às vezes galinha e carne de porco, distribuindo a alimentação em café, almoço e jantar.

Educação

Não tem escola na comunidade: as crianças para estudar moram temporariamente em outras comunidades ou na sede municipal, em casa de amigos ou parentes.

Saúde

A comunidade não tem posto de saúde, não é visitada por médico, dentista e enfermeira. A única assistência que tem é da agente de saúde, uma vez por semestre. Quando adoecem recorrem a sede do município ou então ao município vizinho – Cururupu. Em ambos os lugares não recebem remédio; as doenças mais frequentes são: gastroenterocolite aguda, hipertensão e febre. As gestantes fazem o pré-natal na sede municipal, tendo os filhos no hospital do município, e às vezes em casa, atendidas por uma parteira prática.

Religião

Embora católicos não tem capela nem templo evangélico. As únicas demonstrações religiosas são as festas dos dois terreiros de umbanda, quando festejam Santa Bárbara ou Santo Antônio.

Serviço Público

Não tem energia elétrica e a água é retirada de uma cacimba.

Turismo e Lazer

Não tem algo que possa ser considerado atração turística, exceto o campo inundado na época chuvosa.

A única distração da comunidade é o jogo de futebol no campo local, quando o time do lugar disputa com outro, ou então entre si, e a festa de Santa Bárbara, referenciada em ambos os terreiros.

Sociabilidade

É, no entanto, uma comunidade muito unida; quando alguém vai fazer uma casa todos ajudam na busca da madeira, da pindoba e depois na tapagem e na cobertura; juntam-se para limpar o caminho de acesso e, quando alguém adoece são solidários, ajudando no que podem, doando parte do pouco que têm e às vezes substituindo na roça, sem nenhum pagamento.

Transporte

Utilizam motocicleta, cavalo, boi ou andando. Na época da cheia do campo, deslocam-se em canoas.

Reivindicações

Quando perguntado à entrevistada, Gracinha de Jesus da Silva, segunda secretária da comunidade, o que mais deseja para a sua comunidade, ela citou: estrada, escolas, posto médico, energia elétrica e água de qualidade.

6. 3. 11 Comunidade Quilombola Iteno

Certificada pela Fundação Palmares em 2010, a comunidade Quilombola Iteno fica distante da cidade de Serrano do Maranhão 52,769 km.

Histórico

Iteno é outra comunidade que tem a sua história ligada ao engenho Santo Antônio, uma vez que resulta de um quilombo que se formou pelos escravos fugidos, dos quais os habitantes atuais são descendentes.

Quanto a toponímia, foi relatado por May-Lene Maria Pinto, ex-presidenta da Associação que, em uma determinada ocasião, um viajante procurou comida em uma casa e o morador disse que não tinha. Então o viajante foi no lago, fisgou peixe, foi na mata abateu animais e, voltando, disse ao único morador do lugar: "você disse que não tinha comida e teno", mostrando a caça e o peixe; daí ficou o nome do lugar – Iteno.

A Comunidade

A comunidade tem 65 residências, onde vivem 75 famílias. Sua espacialização está principalmente dividida em dois núcleos, além de um terreiro, que margeia a MA. 006. Os dois primeiros aglomerados ficam ao lado da estrada vicinal que passa por Vista Alegre. Em todos os aglomerados, as casas são espaçadas, com quintais grandes com árvores frutíferas; entretanto, observam-se algumas particularidades. No primeiro núcleo, as casas são mais simples, de taipa, cobertas de palhas, tendo na frente uma porta e uma janela com dois quartos e uma cozinha, piso de terra batida. No quintal plantam hortaliças em canteiros suspensos (jirau) e criam galinhas e porcos; isso é comum nos outros dois núcleos. Neste primeiro núcleo está o campo de futebol. No segundo núcleo as casas apresentam um aspecto melhor; são de adobe e de tijolo, revestidas de reboco, cobertas de telhas, embora exista algumas de taipa cobertas de palha. Neste núcleo fica a escola Santa Terezinha, a Igreja Católica e o poço artesiano. As casas tem na sua maioria, uma porta e uma janela, o piso de cimento ou terra batida (Figura 58). O terceiro núcleo, como já foi explicado, está à margem da MA 006. As casas são bastante espaçadas, de adobe, tijolo ou taipa, com as particularidades das demais.

Figura 58 - Vista parcial da comunidade Iteno

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

A principal atividade econômica é a agricultura familiar. Cultivam: mandioca, milho, feijão, maxixe, macaxeira; batata, utilizando terras cedidas ou aforadas dos proprietários. Da mandioca produzem principalmente farinha d'água, preparada nos 11 fornos que existem na comunidade, cujo remanescente é comercializado na comunidade ou outros lugares do próprio município; os demais produtos são para o consumo. A mulher participa de todas as etapas da produção, exceto da derrubada da mata. A jornada de trabalho é das 8:00 às 16:30 horas com intervalo para o almoço que, dependendo da distância o fazem na própria roça ou em casa.

Educação

A escola tem duas salas (Figura 59); nelas são ministradas no sistema multisseriado aulas da educação infantil até o 5º ano. Os alunos recebem merenda, mas não tem acesso a calçado, uniforme e material escolar.

Figura 59 – Escola de Iteno

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

Não tem posto médico; o médico, assim como a enfermeira e a agente de saúde visitam a comunidade bimestralmente. As gestantes fazem o pré-natal e na ocasião do parto vão para o hospital do município ou de Cururupu; as doenças mais frequentes são: gripe, febre e hipertensão; o tratamento dentário é resolvido na cidade de Cururupu.

Religião

Há uma capela dedicada a Nossa Senhora do Livramento, padroeira da comunidade (Figura 60); não tem templo evangélico; tem um terreiro de umbanda, onde referenciam Santa Bárbara.

Figura 60 – Capela de Iteno

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

A água é retirada de um poço tipo cacimba, que obviamente não é tratada; a luz elétrica funciona ininterrupta.

Turismo e Lazer

Não há nenhuma referência que possa ser considerada como atração turística; quanto ao lazer, só dispõem da festa da padroeira.

Sociabilidade

Fazem mutirão para roçar e plantar, estabelecendo o dia de cada um; colaboram na tapagem e cobertura das casas e ajudam-se mutuamente quando adoecem.

Transporte

Deslocam-se diariamente de ônibus que faz linha entre as cidades de Serrano do Maranhão e Cururupu e que passam na comunidade.

Reivindicações

Ao ser indagada à entrevistada, May Lene Maria Pinto, quais as necessidades mais urgentes da comunidade, ela citou: estrada, posto de saúde funcionando, abastecimento de água e maior número de salas de aula.

6. 3. 12 Comunidade Quilombola Luciana

A Comunidade Quilombola Luciana, certificada pela Fundação Palmares em 2014, está 7,389 km distante da cidade de Serrano do Maranhão.

Histórico

O proprietário da Fazenda Conceição, após a liberdade dos escravos, doou parte de suas terras a seus ex-escravos e, dentre eles, à escrava Luciana que deu ao seu quinhão o seu próprio nome. Com o tempo, outras pessoas para ali se mudaram.

A Comunidade

O povoado acompanha ambos os lados da estrada, onde estão 35 casas nas quais residem aproximadamente 55 famílias. As casas distribuem-se espaçadamente, a maioria de taipa, cobertas de palha, e algumas de alvenaria, tendo na fachada uma porta e uma janela e, no interior sala, quartos e cozinha e em alguns casos, um corredor com piso de argila batida. Os quintais são grandes, sem cercas, com várias árvores frutíferas e canteiros suspensos onde cultivam hortaliças, onde estão também um tosco banheiro de palha de babaçu e a sentina (Figura 61).

Figura 61 - Vista parcial da comunidade Luciana

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

As principais atividades econômicas são a agricultura familiar e a pesca. A agricultura é desenvolvida em terras da comunidade, cultivando principalmente mandioca, milho, feijão, utilizando a mandioca para a produção de farinha d'água, em seis casas de forno na comunidade. Ficam na roça das 7:30 às 17:00 horas, com pequeno intervalo para o almoço, às vezes na própria roça. Referida produção está voltada principalmente para o auto consumo, vendendo às vezes pequena quantidade na própria comunidade.

Plantam no quintal, em jiraus ou canteiros suspensos hortaliças para a própria alimentação.

A pesca, de subsistência desenvolve-se no lago e nos campos inundados, utilizando malhadeira, socó e anzol. A produção é comercializada no próprio local. Criam nos quintais galinha e porco.

A mulher participa em todas as atividades, exceto quando da derrubada da mata, atividade tipicamente masculina.

Na dieta alimentar, distribuída em três refeições por dia, consomem principalmente peixe, arroz, farinha e feijão.

À renda familiar, resultado da venda dos produtos, pode-se incluir a bolsa família para alguns.

Educação

Não tem escola; os alunos estudam na comunidade mais próxima Olho d'Água dos Mulungus.

Saúde

Não tem posto de saúde, nem visita médica. A única assistência é a visita esporádica da agente de saúde. Quando adoecem vão às vezes para a sede do município onde, quando grávidas as mulheres fazem o pré-natal e têm o parto, embora em alguns casos sejam assistidas por parteiras práticas.

Religião

A maioria da população é católica, dispondo de uma capela para os seus preceitos religiosos (Figura 62); tem também um templo evangélico e um terreiro de mina.

Figura 62 – Capela de Luciana

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

Tem energia elétrica e poço artesiano com água encanada.

Turismo e Lazer

Não praticam nenhuma atividade que possa ser considerada potencial turístico ou lazer, exceto as festividades dos terreiros.

Sociabilidade

Como atividade solidária, quando adoecem, a comunidade une-se para trabalhar na roça do doente, fazem coleta para ajudá-lo, quando alguém vai construir ou melhorar a sua casa, participam na tapagem e cobertura.

Transporte

Deslocam-se de moto ou à pé, quando gastam aproximadamente 90 minutos até a sede municipal.

Reivindicações

Quando indagada, a presidenta da Associação Esperança Vila Nova dos Negros Quilombolas de Luciana, a Sra. Deuzilene Rodrigues Ferreira, informou que, o que mais reivindica para a sua comunidade é iluminação pública, água, escola, um posto de saúde com a presença constante de médico e enfermeira e melhoria da estrada.

6. 3. 13 Comunidade Quilombola Malungos do Olho d'água

Certificada pela Fundação Palmares em 2014, a Comunidade Quilombola de Malungos do Olho d'Água dista 9,077 km da cidade de Serrano do Maranhão.

Histórico

A comunidade tem suas raízes antropológicas na fazenda Conceição.

As ruínas da fazenda Conceição estão dentro de uma mata fechada com características amazônicas com uma multiplicidade muito grande de árvores cujos troncos não conseguem ser abraçados por seis homens de mãos dadas (Figura 63).

Figura 63 – Mata fechada nas ruínas da fazenda Conceição

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Pela sua exuberância é uma floresta escura, onde os raios solares penetram com dificuldade, enquanto o solo atapetado de sucessivas ramagens de folhas e galhos (sem característica de serapilheira) formam uma camada espessa de húmus.

No interior da mata estão enormes paredões, peças de ferro fundidas, grandes e pesadas placas de ferros, caldeiras e muitas outras peças, um fosso enorme que dizem ser a ruína de um sumidouro onde os escravos eram sacrificados.

Dentro da mata sente-se um aroma constante de baunilha. Ali está uma relíquia de uma história esquecida, que não foi contada.

No povoado Conceição, a mãe de santo que tanto bem praticou, está envelhecida, com pouca memória, não pode mais contar a história da dominação econômica rural da época, no entanto, seus descendentes, como o Cláudio que nos serviu de guia às ruínas, deu as informações históricas.

Três meses após o relato acima, teve-se notícia que a mãe de santo e seu esposo faleceram.

A Comunidade

O povoado, com 45 casas, onde residem 45 famílias distribui-se ao longo da estrada acompanhando-a. As casas são relativamente próximas, construídas aproximadamente 50% de taipa exposta coberta de pindoba e as 50% restantes, distribuídas entre rebocadas cobertas com pindoba e rebocadas cobertas de telha. Na frente estão uma porta e uma janela, enquanto o interior distribui-se a maioria uma sala, dois quartos e uma cozinha; algumas tem um avarandado na frente e um corredor; todas tem o piso de argila batida. O banheiro fica no fundo do quintal grande, onde vicejam árvores frutíferas; o banheiro é feito de um quadrado de meia parede, na maioria tapado com palha de babaçu, descoberto; e como sanitário usam sentina (Figura 64).

Figura 64 - Vista parcial da comunidade Malungos do Olho d'Água

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

A economia restringe-se à agricultura e a pesca. A agricultura desenvolve-se por métodos tradicionais, a roça de toco, onde cultivam de maneira consorciada principalmente mandioca, milho, feijão, como subsistência apenas a mandioca da qual fazem a farinha d'água utilizando as duas casas de forno disponíveis no lugar, cuja farinha é comercializada na sede do município pelo intermediário.

A pesca é totalmente artesanal, desenvolvida nos campos inundados, usando para isso o anzol, a malhadeira, o landuá e outros utensílios. Pescam principalmente para a alimentação, mas as vezes vendem.

A mulher atua ativamente desses dois tipos de ocupação; a única particularidade está na agricultura; quando se trata de derrubada da vegetação, ela não participa, entretanto, capina, planta, colhe e faz farinha.

As crianças colaboram em algumas atividades econômicas como plantação e colheita.

Trabalham das 7:00 às 16:00 horas, com intervalo para o almoço. Quando a roça é próxima da comunidade fazem as refeições em casa, quando distante fazem na roça. Alimentam-se sempre com peixe, carne e farinha, fazendo as três refeições comuns: café, almoço e jantar.

Educação

Tem uma escola com duas salas onde são ministradas a educação infantil até o 5º ano do ensino fundamental (Figura 65). Se pretenderem continuar vão para os povoados que tem as demais séries ou para a cidade de Serrano do Maranhão; neste caso, moram com parentes ou amigos. Tem transporte escolar e merenda, mas o uniforme, calçado e material escolar é de responsabilidade dos pais.

Figura 65 – Escola de Malungos do Olho d'Água

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

A comunidade tem um posto de saúde que, no entanto, não recebe a visita de médicos; apenas uma técnica em enfermagem comparece uma vez por mês e a agente de saúde uma vez por semana (Figura 66).

Quando adoecem, consultam na sede do município, ocasião em que recebem medicamentos. Se o caso for grave são levados para a cidade de Cururupu.

Embora pouco assistidos e em que pese a aparência de desnutrição, não foram declaradas doenças graves; o mais frequente é febre, gripe e diarreia.

As gestantes fazem o pré-natal na sede do município e tem o parto no hospital do mesmo.

Quanto a assistência bucal, só na sede do município.

Figura 66 – Unidade Básica de Saúde de Malungos de Olho d'Água

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Religião

Toda a população é católica, tendo como padroeiro São Francisco de Assis, para o qual construíram uma capela (Figura 67). Não há igreja evangélica, entretanto há um terreiro de umbanda.

Figura 67 – Capela de Malungos do Olho d'Água

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

O abastecimento de água é encanado, retirado de um poço artesiano, de responsabilidade do município e energia elétrica direta.

Turismo e Lazer

Pode-se considerar como atração turística, as ruínas da Fazenda Conceição; o lazer restringe-se a um campo de futebol onde são disputadas partidas entre os jovens do lugar, o tambor de crioula e a festa religiosa de São Francisco de Assis.

Sociabilidade

Chama a atenção a solidariedade entre famílias;

Embora pobres, são no entanto solidários entre si, comportamento que se concretiza quando alguém adoece e não tem recursos para viajar, promovem jogos de futebol e na ocasião, apelam para que os assistentes, que colaboram, embora tenham poucos recursos. Outra atividade é quando alguém vai construir uma casa, juntam-se e, em mutirão tapam com argila e cobrem com folhas da palmeira babaçu.

Transporte

Deslocam-se usando carro de boi; motocicletas e andando.

Reivindicações

Consideram como necessidade urgente: maior número de salas de aula, atendimento médico no local e uma estrada melhor.

6. 3. 14 Comunidade Quilombola Mariano dos Campos

A Comunidade Quilombola Mariano dos Campos, certificada pela Fundação Palmares em 2013, está 8,5 km distante da sede municipal de Serrano do Maranhão.

Histórico

A única informação que se obteve é que as terras pertenciam a Fazenda União, cujo proprietário doou uma parte a uma escrava que para ali se mudou. Gradativamente foram chegando outros moradores resultando no povoado, que se estruturou com antigos moradores das fazendas União e Conceição.

Segundo depoimento da entrevistada – Maria Cristina Teixeira – há alguns anos houve um conflito no local, resultado de um dos descendentes dos primeiros moradores ter tentado se apossar da área, reivindicando-a através de falsos documentos, destruindo plantações e sacrificando animais. Os moradores então se uniram, entraram na justiça e apoiados pelo INCRA conseguiram que a comunidade fosse certificada.

A Comunidade

A comunidade está distribuída em três pequenos povoados intercalados pelos campos. Os aglomerados com 35 residências, distribuem-se em forma de círculo, ou estão à margem do campo em ambos os casos de maneira esparsa; a maioria das casas são construídas de taipa exposta, coberta com pindoba; as restantes rebocadas e com a mesma cobertura, ou então de taipa com telhas; a frente é sempre de uma porta e uma janela, cujos cômodos são uma sala, dois quartos e cozinha, com piso de argila batida. Os quintais são grandes, plantados com árvores frutíferas, sem separação com os do vizinhos, onde criam galinhas, patos e porcos. No quintal está o banheiro, de meia – parede de pindoba e mais atrás a casinha de taipa – a sentina (Figura 68).

Na comunidade predomina o sexo feminino. As trinta e cinco famílias são resultado de união – sem casamento – entre pessoas desta e de outras comunidades.

Embora vários moradores tenha fogão a gás é quase luxo, na realidade preferem utilizar o fogão a lenha ou carvão, usando o gás só para fazem o café, por economia ou herança cultural.

Fazem três refeições diárias; café, almoço e jantar, alimentando-se principalmente de feijão, peixe, arroz e farinha, e às vezes de carne de caça.

Figura 68 - Vista parcial da comunidade Mariano dos Campos

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

São agricultores – pescadores, com atividades voltada para agricultura familiar; trabalham em terra da comunidade, onde cultivam principalmente mandioca, milho e em menor quantidade maxixe, quiabo, jerimum; estes três últimos para o consumo.

A atividade divide-se em duas etapas por eles designadas em verão: quando derrubam a vegetação em junho e deixam sobre o solo queimando-a só quando secam e plantam somente mandioca; a roça, derrubam em outubro, queimam, fazem a coivara, capinam quantas vezes forem necessárias e esperam chover para plantar. Nesta a plantação é comercializada. Em ambos os casos a colheita da mandioca é entre, onze e doze meses. Como a plantação se faz em épocas especificas, a colheita do verão é entre junho e julho e da roça, de outubro a dezembro do ano seguinte, quando então produzem a farinha em um forno da comunidade.

Voltam a derrubar a vegetação do mesmo lugar após 10 anos, embora a maioria não roce no mesmo lugar.

No trabalho da roça a mulher participa em todas as etapas, exceto na derrubada da vegetação, atividade reservada aos homens. Trabalham das 7:00 ás 16:30 horas, com intervalo para o almoço que às vezes fazem no rancho da própria roça; quando distante da casa, quando perto almoçam em casa.

A pesca da qual participam ambos os sexos é a única atividade complementar, praticada principalmente nos campos inundados (Figura 69) o que, dependendo da intensidade das chuvas, acontece o ano inteiro, embora no período de estiagem fique ocasionalmente mais longe, dada o escoamento ou evaporação.

Figura 69 – Campo inundado em Mariano dos Campos

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Usam como utensílios de pesca a rede, anzol, malhadeira, tarrafa e socó. As espécies mais comuns são: traíra, jeju, acará e piaba o que raramente vendem, é só para o consumo.

Como extrativismo utilizam as folhas da palmeira babaçu na cobertura de casas e na fabricação de alguns utensílios domésticos e a amêndoa da qual extraem o leite que utilizam na condimentação dos alimentos e o óleo, que às vezes vendem[2].

[2] Da amêndoa triturada e cozida, extraem o óleo puro que na ocasião da pesquisa (dezembro de 2016) custava R$15.00 (quinze reais) o litro.

A comunidade, através do Plano de Ações Mais IDH, está inscrita no programa Sistema Simplificado de Abastecimento de Água e SISTEC, que beneficiou três pessoas, com a construção de tanques e doação de alevinos para a piscicultura que no entanto, fracassou pela falta de água.

Compõe a renda familiar também, daqueles que recebem bolsa-família e aposentadorias.

Educação

Pode-se considerar a situação caótica. Segundo declarações da entrevistada Maria Cristina Teixeira, não tem escola na comunidade, as crianças estudam na sede municipal que fica distante 9 km. Por não terem transporte escolar, os pais pagam R$ 20,00 (vinte reais) diariamente para o transporte de moto, que atrasam e faltam às vezes. Alguns pais deixam os filhos em casa de parentes ou amigos na sede municipal ou nas comunidade onde tem escolas, vendo-os só aos fins de semana. As crianças não recebem merenda, uniformes e material escolar.

Saúde

Não tem posto de saúde, nem visita médica; apenas um auxiliar de enfermagem comparece uma vez a cada trimestre. Quando adoecem são encaminhados pela Secretaria de Saúde do Município para serem atendidos em Cururupu. As doenças mais frequentes são: gripe, enterocolite aguda, febre e hipertensão. As parturientes não fazem pré-natal e tem o parto em Cururupu, visto o povoado não ter parteira prática. Os problemas dentários são resolvidos na sede do município, quando tem dentista.

Religião

Embora considerem-se católicos, na comunidade não há igreja de nenhuma religião, mesmo assim, em um salão improvisado reverenciam Santo Antônio.

Serviço Público

Tem luz elétrica permanente, entretanto a água é muito difícil, quando o poço seca ficam na dependência da boa vontade da visita de um carro pipa, que, no entanto, não distribui em todas as casas. As pessoas armazenam a água em latas, baldes e outros utensílios.

Turismo e Lazer

Acidentalmente, quando o campo está inundado a comunidade é visitada por grupos de jovens e casais de outros lugares.

Como lazer, às vezes há apresentação de times de futebol.

Pelo carnaval, organizam alguns blocos populares, como por exemplo o Cabeção.

Sociabilidade

Em que pese suas necessidades, estão sempre disponíveis para colaborar na construção das casas pelos homens enquanto as mulheres preparam a comida, quase sempre arroz com feijão regado a muita bebida; isso para eles é uma diversão. Quando o chefe de família adoece juntam-se e vão "tocar o trabalho" da lavoura, da roçagem até o preparo da farinha, sem nenhuma remuneração.

Transporte

Deslocam-se principalmente de motocicleta, entretanto ainda usam o carro de boi, bicicleta, carroça e até mesmo a pé.

Reivindicações

Disseram que urgentemente precisam de escola, posto de saúde funcionando, água de qualidade, visita do médico, uma capela e estrada, pois na ocasião das chuvas o campo fica inundado.

6. 3. 15 Comunidade Quilombola Nazaré

A comunidade certificada pela Fundação Palmares em 2011 fica a 29,421 km da cidade de Serrano do Maranhão e tem suas raízes antropológicas na fazenda Soledade.

Histórico

Segundo informações de Joana Batista Santos, presidenta da Associação da comunidade, ali era uma área de cultivo de um português supostamente conhecido como Ramiro Pires da Fonseca, e que tinha muitos escravos. Em determinada ocasião aconteceu um

grande incêndio, que tomou grandes proporções e que se aproximou do canavial do Ramiro, ao ver o canavial queimando, o português prometeu a Nossa Senhora de Nazaré que se o fogo apagasse, ele iria à Portugal buscar uma imagem da santa para a qual faria uma capela; instantaneamente, o fogo parou.

Tempos depois, ao abrir a porta de sua residência encontrou sobre uma pedra a imagem da santa.

Gradativamente foram acontecendo milagres atribuídos à santa, isso colaborou para que várias famílias fossem se instalando ali, surgindo assim o povoado.

A Comunidade

As casas onde residem 30 famílias, distribuem-se espaçadas, formando um grande círculo (Figura 70) dentro do qual estão a capela e várias mangueiras. Chama a atenção as 23 casas abandonadas, enquanto as demais apresentam aspecto de decadência.

As casas abandonadas levam a inferir que a comunidade já teve momentos mais prósperos. A própria igreja que, se comparada com as demais visitadas, está se deteriorando; os azulejos caindo, goteiras e piso manchado. Quanto as casas, são todas de taipa aparente, cobertas de palha, com piso de argila batida, tendo na frente uma porta e uma janela e no interior a sala e dois quartos, um corredor e as vezes uma varanda. Os quintais não são determinados por qualquer separação; são grandes, com árvores frutíferas, onde criam galinhas e porcos; ao fundo, um tosco banheiro de meia parede de pindoba; quem está de fora observa metade do corpo de quem o usa; a sentina fica mais afastada. O núcleo familiar é resultado da união de pessoas da mesma comunidade e as vezes, de comunidades vizinhas.

Figura 70 - Vista parcial da comunidade Nazaré

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

Dedicam-se a agricultura familiar e a pesca. Cultivam principalmente, mandioca, da qual fazem a farinha d'agua, milho e macaxeira. Para a fabricação da farinha utilizam três casas de forno existentes na comunidade (Figura 71).

Figura 71 – Morador Local descascando mandioca

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Plantam banana, coletam juçara, pequi e bacuri.

O remanescente da produção da farinha é comercializado em Cururupu por ser mais perto, cujo paneiro (30kg) na ocasião (janeiro de 2016) era R$ 60,00 (sessenta reais).

Na roça trabalham entre 7:30 e 17:00 horas com intervalo para o almoço, que pode ser no próprio local de trabalho, quando distante da casa; caso contrário almoçam em casa.

Pescam no lago e no rio, usando principalmente socó, tarrafa e landuá, cuja produção muito raramente vendem, destinando-a para o consumo doméstico.

A renda familiar que não se pode precisar em vários casos é complementada com a bolsa familiar e a aposentadoria de idosos.

Educação

Não tem escola; os alunos assistem aula em uma sala no centro comunitário, onde estão juntos todos da 1º ao 9º ano (Figura 72). Recebem o material escolar, mas não dispõem uniforme, calçado e merenda.

Figura 72 – Barracão onde os alunos assistem aula

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

Não tem posto de saúde, o médico visita a comunidade uma vez por semestre, enquanto a enfermeira vai uma vez por bimestre. Quando adoecem procuram o hospital do município ou de Cururupu.

Segundo informações da entrevistada Joana Batista Santos, presidenta da Associação são sadios; as doenças mais frequentes são: febre, gripe e hipertensão.

As gestantes fazem o pré-natal na cidade de Serrano do Maranhão, onde sempre têm o parto, assistidas por médicos e enfermeiras.

Religião

A comunidade é católica e, para as práticas religiosas tem uma capela dedicada à Nossa Senhora de Nazaré (Figura 73) cuja festa atrai romeiros de vários povoados do município, inclusive Cururupu.

Figura 73 - Capela dedicada a Nossa Senhora de Nazaré

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

O povoado não tem água encanada, para abastecerem andam praticamente 1km, enfrentando grandes ladeiras, transportando o líquido em recipientes diversos. A energia elétrica é permanente.

Turismo e Lazer

Embora não tenha movimento turístico, pode-se considerar, no entanto, a festa religiosa da padroeira que atrai muita gente, além da frequência de visitantes que procuram o lugar para pagar promessa, pois a santa é considerada milagrosa. Outra atração poderia ser a ruína de dois engenhos que, se conservados e divulgados podem servir como atração.

Quanto ao lazer, não tem; é uma comunidade passiva, sem nenhuma criatividade para tal.

Sociabilidade

Em que pese as suas deficiências econômicas, é uma comunidade excessivamente solidária; fazem mutirão para construção de casas, que por serem de taipa e coberta de palhas,

são de curta duração; colaboram na roça entre si, especialmente quando alguém adoece, reúnem-se para limpar o espaço onde está a comunidade.

Transporte

Deslocam-se de moto, carro de boi ou a pé.

Reivindicações

Indagada qual são as suas reivindicações para a comunidade, a entrevistada citou: poço artesiano, escola, estrada e posto de saúde com assistência frequente de médico.

6. 3. 16 Comunidade Quilombola Palacete

A Comunidade Quilombola Palacete está 16,63 km distante da cidade de Serrano do Maranhão.

Histórico

Não se obteve informações detalhadas sobre a origem do lugar; tudo faz acreditar que era uma propriedade rural, pois o nome deriva de um casarão que as pessoas chamavam Palacete e que ali moravam os proprietários com seus inúmeros escravos nas adjacências, inclusive os parentes dos senhorios. A população foi aumentando à proporção que as pessoas procuravam o lugar em busca de trabalho. Após a Lei Áurea, o povoado aumentou.

Contam que os proprietários construíram no subsolo da residência - túneis e um compartimento, onde colocaram várias joias e ouro em espécie e depois concretavam por cima.

A Comunidade

A comunidade possui 48 residências com o mesmo número de famílias.

As casas são construídas principalmente de adobe, rebocadas, cobertas de telhas, entretanto, ainda persistem casas de taipa com teto de palha. Na frente tem sempre uma porta e uma janela e no interior sala, dois quartos e cozinha com piso de argila socada; distribuídas ao

longo da estrada, bastante afastadas entre si, com quintais grandes, não cercados, onde observam-se várias árvores frutíferas, hortas, galinha e porcos e, mais ao fundo um rústico banheiro de meia parede, descoberto; depois, uma casinha de taipa coberta de pindoba, que faz as vezes da sentina (Figura 74).

Figura 74 - Vista parcial da comunidade Palacete

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

As famílias resultam da união entre pessoas da comunidade, sem casamento oficial, simplesmente unem-se. Alimentam-se principalmente de peixe, galinha, carne, arroz e farinha.

Fazem parte da comunidade também os núcleos Barreto e Pindobal.

Embora esteja distante de Cururupu 18 km, todas as suas relações sociais, econômicas e culturais são com a cidade daquele município, visitando a sede de Serrano do Maranhão só em casos estritamente necessários relacionado com o território político - administrativo.

O número de filhos por casal varia entre dois e quatro; como gênero, predominam os homens.

Economia

Economicamente são agricultores ou pescadores e às vezes dedicam-se às duas atividades. Na agricultura, como nas outras comunidades estudadas, distribuem as atividades em duas etapas: “verão”, que começa com a derrubada da mata em junho, plantio da maniva em agosto e colheita da mandioca entre abril e maio do ano seguinte; roça, com a derrubada, queima entre setembro e outubro e depois esperam as chuvas para plantar; nesta etapa, além da

maniva, plantam milho, jerimum, maxixe e quiabo; colhem entre nove e dez meses a mandioca; os outros vegetais a colheita é antes.

Trabalham das 7:00 às 16:30 horas, com intervalo para o almoço em casa. As mulheres fazem todo o trabalho, exceto na derrubada e queima, enquanto as crianças colaboram só no preparo da farinha, fabricada nas nove casas de forno local. A produção é comercializada no local ou na cidade de Cururupu.

A pesca é geralmente no mar; usam principalmente espinhel, rede, tarrafa, zangaria e outros, comercializada nos mesmos lugares da farinha; nesta, a mulher não participa.

Outras atividades próprias da comunidade são: fabricação de adobe e tecelagem de utensílios de pesca.

Não foi revelado nenhum programa relacionado ao Plano de Ações Mais IDH, entretanto, há vários aposentados e beneficiários do bolsa família que obviamente influem na renda familiar.

Educação

Não tem escola. As crianças estudam em Arapiranga, distante 8km, usando o ônibus escolar; entretanto, não recebem merenda nem qualquer material escolar. Há pessoas que mandam seus filhos estudar em Cururupu, hospedando-se com parentes ou amigos.

Saúde

Não tem posto de saúde nem visita do médico, apenas uma enfermeira comparece uma vez por mês e a agente de saúde uma vez por bimestre. Todos os casos de saúde e odontológicos, inclusive pré-natal e parto são resolvidos em Cururupu, exceto alguns partos assistidos na própria comunidade por uma parteira leiga.

Religião

Embora raramente sejam visitados pelo pároco do município, são predominantemente católicos, tendo como padroeira Nossa Senhora das Graças, a quem é dedicada a capela local (Figura 75).

Figura 75 – Capela de Palacete

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

Tem somente energia elétrica permanente; a água é retirada de um poço.

Turismo e Lazer

O lazer está restrito a um time de futebol que usa um espaço vazio como campo; as festas religiosas da padroeira e de São João Batista, e a apresentação do tambor-de-crioula; quanto ao turismo, não há nenhum movimento, embora pudessem aproveitar as festas religiosas, difundindo-as.

Sociabilidade

Não foi relatada nenhuma ação nesse sentido.

Transporte

Usam o ônibus de linha que passa pela comunidade, mototaxi e a pé.

Reivindicações

Interrogada sobre o que mais deseja para a comunidade, a entrevistada Lucilde Pinto Silva, considera principalmente um posto de saúde com presença sistemática do médico, água encanada de qualidade, estrada, e escola.

6. 3. 17 Comunidade Quilombola Paxibal

A Comunidade Quilombola Paxibal certificada pela Fundação Palmares em 2014, está distante da sede municipal de Serrano do Maranhão 50,15 km.

Histórico

Segundo informações prestadas por Cledson Oliveira Costa, filho do vice líder comunitário que, assim como o líder estava ausente na ocasião da entrevista, a história da comunidade tem ligações diretas com a fazenda Santa Vitória, uma das mais antigas da região. Referida fazenda que hoje pertence a Egídio Marçal Pestana Trovão, inicialmente pertenceu ao português João Gaspar, que doou parte de suas terras para um filho bastardo, fruto de seu relacionamento com a escrava Guilhermina, Hermógenios, ao receber as terras doadas pelo pai para ali se mudou, com a sua esposa Epifânia, também filha de uma escrava que morava na fazenda Bruto, na época pertencente aos Britos.

O topônimo da comunidade deve-se a grande abundância de uma palmeira chamada Paxiba.

A Comunidade

A comunidade concentra-se principalmente ao longo da estrada, da qual saem duas transversais com casas de um só lado. As 22 residências distribuem-se ao longo das duas margens da estrada, especialmente à margem esquerda, em cujo lado estão a escola, o campo de futebol, uma pequena praça e a igreja evangélica. Predominam casas de taipa exposta, cobertas de folhas da palmeira babaçu (pindoba) com a frente representada por uma porta e uma janela, piso de argila batida, com sala, dois quartos, uma cozinha e ao fundo, o quintal grande,

sem separação com os dos vizinhos, onde vicejam árvores frutíferas, um banheiro de meia parede de pindoba ou tábua, e mais ao fundo, outra casinha - a sentina (Figura 76).

Figura 76 - Vista parcial de Paxibal

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Embora predomine a arquitetura já mencionada, há seis casas de alvenaria avarandadas, em grandes terrenos como se fossem pequenas chácaras, onde criam galinhas, patos, e em alguns casos animais de maior porte. Na comunidade residem 37 famílias, onde predomina o sexo masculino.

As famílias se estruturam em uniões, sem necessidade do casamento oficial; unem-se quase sempre entre parentes e com pessoas de outras comunidades.

Economia

Toda a comunidade vive exclusivamente da agricultura familiar, utilizando terra própria para desenvolverem a atividade agrícola em dois períodos que denominam de verão –

período de estiagem – e roça – quando plantam de acordo com a chuva. No "verão", derrubam a mata em julho; a vegetação abatida permanece no solo, a fim de conservar a umidade ainda existente, resultado das chuvas precipitadas no primeiro semestre do ano. Entre agosto e setembro quando as folhas já estão secas, queimam e retiram os galhos queimados – a coivara – e depois plantam somente a maniva (galhos). Após um ano começa a colheita, cuja safra é mais intensa entre outubro e novembro com a produção da farinha. No período que chamam "roça" derrubam a vegetação entre setembro e outubro, queimam, limpam e ficam aguardando as chuvas que começam em dezembro, quando plantam; entretanto, se a chuva atrasar eles esperam chover; só plantam quando chove. Na roça a atividade é mais intensa pois como plantam no período chuvoso, o solo se recobre geralmente de vegetação, daí procederem uma, duas ou até três capinas, conforme a intensidade e distribuição da precipitação. Na roça o cultivo se diversifica, pois plantam a maniva, milho, feijão, arroz, melancia, maxixe, quiabo além de outros.

Do tubérculo (mandioca), fabricam a farinha em cinco casas de fornos existentes no lugar (Figura 77). Comercializam a farinha e às vezes o arroz e o milho; os demais produtos estão restritos ao consumo familiar. A mulher e as crianças participam ativamente em todas as etapas do cultivo exceto no desmatamento, atividade tipicamente masculina. Comercializam a farinha no próprio local com os intermediários.

Outras atividades desenvolvidas são a pesca e a caça; aquela praticamente nos lagos e rios, utilizando malhadeira, landuá e caniço, cuja produção está direcionada para o consumo.

Caçam veado, cotia, paca e quati, só para alimentação.

Trabalham diariamente das 7:30 às 16:00 horas, com intervalo para almoço, cuja refeição fazem no rancho da roça, se esta for distante, ou em casa.

Suas refeições são café, almoço e jantar, utilizando na dieta alimentar farinha, feijão, arroz, caça (animais já citados), peixe, frango e carne, estes três últimos adquiridos em Cururupu.

A renda familiar estabelece-se com o resultado da agricultura, do extrativismo embora pouco significativa, das bolsas famílias e dos salários de aposentados.

Figura 77 - Casa de forno em Paxibal

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Educação

Há uma pequena escola com uma sala de aula, do tipo multisseriado, do 1º ao 5º ano do fundamental (Figura 78).

Os alunos recebem merenda, mas não têm acesso a material escolar e uniforme. Não tem educação infantil e nem EJA. Ao concluírem o 5º ano vão principalmente para Cururupu, hospedando-se em casas de parentes, embora seja frequente a migração da família ou de parte dela para referido município para acompanhar os filhos.

Figura 78 – Escola de Paxibal

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

É precária a assistência à saúde; não tem posto médico, e este acompanhado de uma auxiliar de enfermagem, visita a comunidade uma vez por trimestre, ocasião em que dá consulta. Há também visita semanal da agente de saúde.

Quando consultados, não recebem medicamento e quando adoecem dirigem-se para Cururupu, onde, se necessário, ficam hospitalizados. Entretanto, os paxibenses são saudáveis; raramente adoecem e as doenças mais frequentes são: malária, reumatismo, enterocolite aguda, e mais recente zika e chikungunya. Quanto às gestantes fazem o pré-natal em Cururupu, em cujo hospital têm o parto. O tratamento dentário também é feito em Cururupu.

Religião

Embora a grande maioria se considere católica, não tem capela, não tem santos padroeiro, não recebem visita do padre, não tem terreiro de umbanda. O único templo religioso é a igreja Adventista do Sétimo Dia (Figura 79).

Figura 79 – Igreja evangélica

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

Tem energia elétrica permanente e abastecimento d'água de um poço artesiano da comunidade que fornece o líquido não tratado para cujo consumo as residências pagam uma taxa mensal de R$ 5,00 (cinco reais).

Turismo e Lazer

Não há nenhuma atração turística natural ou cultural. O único lazer é um campo de futebol, onde são praticadas as famosas "peladas" pelos jovens, pois não têm time organizado.

Qualquer entretenimento como carnaval, festas juninas e outras, dirigem-se à cidade de Cururupu.

Sociabilidade

Em si tratando de assistência foi implantada na comunidade o programa Minha Casa Meu Maranhão, do Plano de Ações Mais IDH, algumas famílias foram cadastradas, mas até o momento (dezembro de 2016) nada se concretizou.

Diversos agricultores estão cadastrados no Sindicato Rural de Serrano do Maranhão, para o qual contribuem com R$ 15,00 (quinze reais) mensais.

É uma comunidade bastante solidária entre si, solidariedade essa demostrada quando dá construção de casas, que se juntam em mutirão para tapar e cobrir. Na roça usam o sistema de troca de dia, em que reúnem-se e colaboram-se reciprocamente.

Merece referência a influência da cidade de Cururupu na comunidade. Embora a sede municipal de Serrano do Maranhão esteja mais próxima, é para Cururupu que direcionam todas as suas necessidades: de educação, saúde, comércio, lazer, religião e outras.

Na entrevista, quando abordado sobre o fator saúde, o entrevistado Clebson Oliveira Costa assim se expressou: “em Serrano eles só morrem, não nascem, pois é uma calamidade”.

Transporte

Deslocam-se, para outras comunidade ou sedes municipais circunvizinhas, especialmente de motocicleta e a pé.

Reivindicações

Casa de forno mecanizada, trator, escola de melhor qualidade e com outros anos, presença do médico, transporte e presença executiva do município.

6. 3. 18 Comunidade Quilombola Ponta

A Comunidade Quilombola Ponta certificada pela Fundação Palmares em 2011, está distante da sede municipal de Serrano do Maranhão 28 km.

Histórico

Inicialmente a área era uma exuberante mata com características amazônica, que revestia todo o teso, a partir de uma das margens do Campo das Almas, que se transforma num grande lago no período das chuvas.

Segundo registro oral dos antigos moradores ali inicialmente chegou o descendente português, ou português nato Zezinho Ramos que adquiriu escravos e instalou a usina ou engenho – Santa Filomena – que produzia aguardente, açúcar e mel.

Na fazenda havia um oratório com uma imagem de Santa Filomena, que, em determinada ocasião teve um braço fraturado. O Sr. Lázaro Ducanges, da empresa NORCASA, responsabilizou-se pela recuperação da mesma, entretanto nunca a devolveu.

Muitos anos depois, Lázaro Ducanges e Tomaz, este proprietário da Fazenda Aliança, adquiriram as terras do Zezinho; reuniram os moradores e prometeram que os mesmos não seriam molestados, podendo ficar tranquilos. Essa promessa, entretanto, não foi cumprida, pois, acompanhados de inúmeros capangas incendiaram a mata e as casas dos moradores expulsando-os, além de surrá-los.

Quanto ao nome da comunidade – Ponta – deve-se ao fato de ali, à margem do campo começar o teso no qual está a comunidade e também Santa Filomena. Quando o campo inundava (ainda inunda) ali era usado como um porto para ir até Santa Filomena. As pessoas referiam-se ao porto da Ponta e, lentamente formou outro aglomerado que recebeu o nome de Ponta.

Vale ressaltar que as comunidades quilombolas: Ponta, Santa Filomena, Nazaré, Paxibal, Mariano dos Campos, além de outras que ocupam 700 hectares arrecadados pelo Instituto de Colonização e Terras do Maranhão - ITERMA, estão incluídas no Programa Rota do Rio das Almas, um projeto do governo estadual, cujo objetivo é o desenvolvimento da região, através de políticas públicas capazes de elevar o padrão de desenvolvimento dessas comunidades.

A Comunidade

A comunidade tem 22 residências, nas quais, residem 66 famílias cujas casas distribuem-se espaçadas ao longo da estrada larga, arenosa. Referidas residências são edificadas com taipa exposta, cobertas de palha da palmeira babaçu. À frente tem uma porta e uma janela e, no interior, o piso de argila socada, com sala, dois quartos, cozinha e atrás um quintal grande, sem proteção nos lados, com árvores frutíferas, criam alguns animais, além de pequenas hortas que no entanto, não são cultivadas por todos os moradores. Um quadrado de palha de babaçu, em meia parede e descoberto é usado como banheiro e mais ao fundo uma casinha – a sentina (Figura 80).

As famílias são estruturadas sem o casamento formal; simplesmente unem-se, de preferência, entre pessoas da mesma comunidade; o número de filhos varia entre dois e cinco por família, havendo um certo equilíbrio entre moradores dos sexos feminino e masculino.

Figura 80 - Vista parcial da comunidade Ponta

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

A principal atividade econômica é a agricultura familiar, que se desenvolve através de duas etapas: O “verão”, com derrubada da vegetação, em junho ou julho, deixando a folhagem cobrindo o solo. Quando a chuva desaparece, procedem a queima e plantam a maniva, cujo tubérculo – a mandioca, é colhida e transformada em farinha, entre maio e junho do ano seguinte. À segunda etapa denominam “roça”, neste caso, queimam entre setembro e outubro e, após a coivara, esperam a chuva para plantar. Nessa etapa, plantam também milho, feijão, melancia e maxixe. A mandioca retiram principalmente entre outubro e novembro do ano seguinte, época em que a safra da farinha se intensifica, fabricada em quatro fornos da

comunidade. Comercializam apenas a farinha e parte do milho, vendidos principalmente em Santa Helena ou na própria comunidade para intermediários. Os demais produtos destinam-se ao consumo da família. Trabalham entre 7:00 e 16:00 horas diárias, com intervalo para o almoço, que às vezes é feito no rancho da própria roça, quando é distante, ou então em casa se for perto, pois além da derrubada da mata, plantação e colheita, há ainda a capina, isto é, limpeza do terreno, tirando os vegetais que surgem, que às vezes é até três por período, dependendo da quantidade de chuvas. Voltam a roçar no mesmo local após três anos.

A mulher, as crianças e os adolescentes participam ativamente de todas as etapas da produção.

A pesca é praticada o ano inteiro, embora se intensifique quando os campos estão inundados. Nesta atividade toda a família participa; usam principalmente o anzol, rede, malhadeira e socó; as espécies mais comuns capturadas são traíra, jeju, piaba e cascudo.

Alguns chefes de família complementam a renda trabalhando também como vaqueiro, atividade que pode ser conciliada com a agricultura.

Pode-se considerar como complemento da renda familiar o bolsa família e a aposentadoria de idosos.

A comunidade foi beneficiada pelo Plano de Ações Mais IDH, através do SISTEC, quando quatro famílias receberam auxílio para a construção de tanques para criação de peixes.

Educação

Há uma escola, com uma sala de aula onde estudam alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, no sistema multisseriado (Figura 81). Os alunos não atendidos, ou que cursam séries mais adiantadas estudam na comunidade Santa Filomena, distante 2 km para onde se deslocam através de ônibus escolar.

Não recebem material escolar, uniforme e merenda.

Funciona no local uma turma do EJA.

Figura 81 – Escola de Ponta

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

Não tem posto de saúde; o médico visita a comunidade uma vez por bimestre, distribuindo remédios após a consulta, entretanto, não tem agente de saúde; quando adoecem são atendidos na cidade de Santa Helena. As gestantes às vezes fazem pré-natal, mas, é comum terem o parto na própria residência, atendidas por uma parteira prática do local.

São aparentemente sadios; as doenças mais frequentes são febre, gripe e malária. O dentista visita a comunidade a cada bimestre.

Religião

Embora não tenha capela, visita do padre e nem santo padroeiro, consideram-se católicos. Não tem templo evangélico e nem terreiros de umbanda.

Serviço Público

Tem energia elétrica diariamente. A água é encanada, captada de um poço artesiano da comunidade, para a qual contribuem com R$ 5,00 (cinco reais) por residência. Outros serviços públicos não existem.

Turismo e Lazer

Não há nenhuma atividade turística, em que pese o potencial do campo quando inundado (Figura 82). Como lazer tem dois times de futebol, um masculino e outro feminino, utilizando para suas disputas um espaço considerado campo. Há um tambor de crioula que às vezes funciona, suavizando a monotonia local. Do engenho sobraram algumas peças de ferro esparsas (Figura 83); quanto ao local, não há nenhum vestígio.

Figura 82 – Campo na época de estiagem

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Figura 83 - Tacho (peça de ferro do antigo engenho)

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Sociabilidade

Não costumam desenvolver atividades que possam ser consideradas sociais; nem a prática de mutirão foi encontrada.

Transporte

Deslocam-se para qualquer lugar em D-20, a cavalo ou andando.

Reivindicações

Em que pese as dificuldades encontradas, inclusive a falta de políticas públicas, de todos os entrevistados, só um deseja sair; os demais estão satisfeitos em morar ali. Entretanto, reivindicam com necessidades mais urgentes uma creche, estrada, posto de saúde com a presença frequente do médico, colégio seriado e uma capela.

6. 3. 19 Comunidade Quilombola Rio de Peixe

A Comunidade Quilombola Rio do Peixe, certificada pela Fundação Palmares em 2010, está 46,82 km distante da cidade de Serrano do Maranhão.

Histórico

Tudo começou com o castigo aplicado pelo dono da Fazenda Santo Antônio ao escravo Jacó, que, conseguindo fugir escondeu-se inicialmente no mangue, onde morou por um tempo sozinho, sobrevivendo do peixe que pescava. Tempos depois, escondido, visitou a senzala à noite, ocasião em que incentivou um casal de escravos a fugir também. Juntos, fizeram suas cabanas à margem do rio, atraídos pela piscosidade. Desse casal surgiram os demais moradores, embora se presuma que outros escravos fugidos se tenham instalados ali; de cujos cruzamentos se formou o quilombo.

Graças a grande quantidade de peixe existente no rio, a comunidade foi cognominada Rio de Peixe.

A Comunidade

A distribuição das 60 casas, onde residem 75 famílias, apresenta dois aspectos; em círculo, como se fosse uma praça de onde saem algumas travessas e depois paralela à estrada. São casas simples, com fachada de uma porta e uma janela, de taipa exposta, com teto de palha da palmeira babaçu, verificando-se, no entanto, construções de adobe, cobertas de telha. Naquelas, o piso é de argila socada e nestas, de cimento. Todas, no entanto, tem como cômodos sala, dois quartos e cozinha e ao fundo um quintal grande, sem delimitação com os vizinhos, onde cultivam árvores frutíferas e em alguns casos hortas. Ali estão um tosco banheiro, na realidade um quadrado de meia parede de tábua ou palha e, mais afastada a sentina – uma casinha de taipa, encontrando-se também animais domésticos como porco, galinha e patos (Figura 84).

As famílias são resultado de jovens que formalizam a união através do casamento ou então vivem juntos, escolhendo principalmente como companheiro(a) parentes ou pessoas da própria comunidade. O número de filhos varia de dois a nove por casal; quando ao gênero, predomina o sexo masculino.

Figura 84 - Vista parcial da comunidade Rio de Peixe

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Alimentam-se principalmente de peixe, camarão, galinha, ovos, arroz e farinha.

Pode-se considera-la uma comunidade desenvolvida, dado o padrão das residências, o traçado das vias do povoado razoavelmente estruturado, além da tendência de diversificação das atividades sociais e econômicas.

Por ficar próxima da cidade de Cururupu, a comunidade sofre influência direta da mesma; onde procura suprir as suas necessidades, principalmente saúde, educação e comércio.

Infelizmente o desenvolvimento da comunidade e principalmente a proximidade com o porto Pindobal, vem contribuindo para o uso de drogas, prejudicando a tranquilidade do lugar.

Economia

Como já foi citado, há uma tendência de diversificação na cadeia produtiva com a demanda de atividades urbanas, como o tipo de comércio, uma fábrica de gelo (Figura 85), que abastece os pescadores de determinadas praias de Cururupu que ancoram no porto de Pindobal (Figura 86). Contudo, a agricultura familiar é a atividade econômica mais importante. Cultivam

em terra própria ou da comunidade, dividido em dois períodos: **“**verão**”**, queimam a vegetação entre junho e julho e deixam-na cobrindo o solo para proteger a umidade que ficou do período chuvoso; em agosto, quando a folhagem já secou, queimam, limpam e plantam os talos da maniva que possibilitarão o surgimento do tubérculo – a mandioca. Desde que surjam vegetais invasores, limpam o terreno e esperam o desenvolvimento do tubérculo que estará pronto para ser colhido entre abril e maio do ano seguinte. **“**Roça**”**, segundo período – derrubam entre agosto e setembro, queimam, limpam e esperam chover para plantar, ocasião em que, além da maniva, plantam milho, feijão, arroz, maxixe, além de outras leguminosas, trabalhando das 7 às 17 horas, com descanso para o almoço, que fazem no próprio rancho da roça.

Figura 85 - Fábrica de gelo

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Figura 86 – Porto Pindobal

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Para a fabricação da farinha, utilizam as doze casas de forno da comunidade. As mulheres e as crianças participam de todas as lidas na agricultura; exceto na derrubada e

queima, atividades só dos homens. Os produtos são comercializados na própria comunidade, e às vezes no porto do Pindobal. Voltam a roçar o mesmo lugar após quatro anos.

Graças à proximidade da comunidade com o mar, a pesca é outra atividade econômica significativa da qual participam alguns agricultores, embora haja pescadores profissionais, usando a linha, tarrafa, espinhel, tapagem, arrasto (pesca o camarão) utilizando canoa a remo, a vela e à motor.

Na pesca, as mulheres e as crianças participam na coleta de mariscos e na muruada. Toda a produção pesqueira é comercializada na própria comunidade.

Outras atividades econômicas são**:** o comércio varejista, a fábrica de gelo, operários como pedreiro e fabricantes de adobe.

O Plano de Ações Mais IDH – cadastrou dez famílias, que estão esperando treinamento para o cultivo nas hortas e criação de galinhas, além do Projeto Brasil sem Miséria.

Educação

Funciona uma escola, com duas salas em multisseriado, a educação infantil e o fundamental até o 5º ano (Figura 87). A seguir, os alunos que forem continuar estudando podem optar pela escola da comunidade Arapiranga, distante 5 km, percorridos de bicicleta, motocicleta ou a pé, uma vez que a comunidade não tem ônibus escolar, nem material escolar, embora tenha merenda.

Figura 87 – Escola de Rio do Peixe

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

Não tem posto médico; entretanto, o médico e uma auxiliar de enfermagem visitam a comunidade uma vez por mês. Quando adoecem são atendidos na cidade de Cururupu. A agente de saúde, embora resida na comunidade, trabalha só dois dias em cada semana. Aparentemente são sadios. Segundo informações da entrevistada Noriane dos Santos Ferreira, as doenças mais frequentes são**:** catapora, gripe, virose e malária, esta última assistida pela FUNASA.

As gestantes geralmente fazem o pré-natal em Cururupu; em cujo hospital dão a luz, atendidas por médico e enfermeira. É também nessa cidade que resolvem os seus problemas odontológicos.

Religião

Embora a maioria da população se considere católica, não tem capela, nunca escolheram um santo(a) para padroeiro(a), o que é compreensível, uma vez que nunca recebem visita do padre; tem uma igreja evangélica – Assembleia de Deus. Os adeptos da Testemunha de Jeová desenvolvem as suas cerimônias em um salão (Figura 88). Não tem terreiro de outra religião.

Figura 88 – Salão do Reino das Testemunhas de Jeová

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

Tem água encanada não tratada, distribuída de um poço artesiano da comunidade; a energia elétrica é permanente; não tem outros serviços públicos.

Turismo e Lazer

Não há nenhum local ou algo similar que possa ser aproveitado como atração turística e nem como potencial, exceto algumas lendas, como a dos cachorros que misteriosamente são surrados à noite pela mãe d'água, entidade que às vezes é observada no rio. Há também a estória de pessoas que se perderam no mangue ao serem atraídas pela currupira, não conseguiram voltar. Conta-se também, que as pessoas brancas, não residentes no lugar, ao tomar banho no rio, adoecem.

Como lazer dispõem de um espaço vazio considerado campo de futebol, onde sistematicamente se apresentam os três times de futebol local – dois masculinos e um feminino.

Divertem-se também com a apresentação do grupo de tambor de crioula local.

Pelo carnaval preferem divertir-se na cidade de Cururupu.

Sociabilidade

É uma comunidade bastante solidária, sempre disponível para colaborar com o próximo; quando alguém vai construir uma casa de taipa, juntam-se em mutirão; se alguém adoece, vão substituir o chefe de família na roça para que ele não tenha prejuízo ou então trocam o dia, isto é, como o dono da roça não pode pagar um trabalhador, vão ajudá-lo gratuitamente, entretanto, este tem que fazer o mesmo quando os que o ajudaram vão roçar.

Transporte

Como transporte usam o ônibus que faz diariamente o percurso Cururupu/Porto do Pindobal, de lá vão até o povoado de carro de boi, motocicleta ou andando, recursos que utilizam quando se trata de outros lugares. Para ir à cidade de Serrano do Maranhão – o que fazem só por extrema necessidade – vão ao porto do Pindobal; de lá, de ônibus até Cururupu e depois de ônibus ou van até a cidade de Serrano do Maranhão.

Reivindicações

Ao ser consultada sobre o que considera necessidades mais urgentes para a comunidade, a entrevistada – Noriane dos Santos Ferreira, enumerou**:** cursos profissionalizantes; posto de saúde com a presença constante do médico; mecanização da agricultura; curso de informática; igreja ou capela; melhor maneira de alcançar a sede do seu município.

6. 3. 20 Comunidade Quilombola Rosário

A Comunidade Quilombola Rosário certificada pela Fundação Palmares em 2012, está há 29,182 km da cidade de Serrano do Maranhão.

Histórico

Segundo informações prestadas por Lígia dos Santos Borges, a comunidade atual reflete os seus primeiros habitantes. O primeiro núcleo teve origem com a chegada de Belizário (ou Aheliozário) que tinha muitos escravos; mais tarde formou-se um outro aglomerado, conhecido por rua Nova, tendo como primeiro morador o português Antônio Cruz, que instalou ali uma usina, da qual ainda existem vestígios.

Ambas as propriedades onde eram produzidas cachaça, açúcar, rapadura e se plantava café, prosperaram bastante. Com a promulgação da Lei Áurea, os negros, embora livres preferiram continuar trabalhando. Com o falecimento do Belizário, sua esposa Raimunda Cruz, conhecida como Sinhá Mundica resolveu mudar para São Luís; entretanto, antes de mudar, doou as terras para os seus ex-escravos, os quais deram origem ao povoado.

A Comunidade

A comunidade Rosário está distribuída em três núcleos. No primeiro está a maioria das residências, principalmente de taipa, coberta de palha; há também, casas de adobe e de tijolo, cobertas de telhas, com piso de terra batida ou cimento. Neste núcleo tem energia elétrica, com água encanada e um campo de futebol. O segundo núcleo tem menor número de casas. Todas são de taipa, cobertas de palha e piso de terra batida; apenas o terreiro de umbanda é de

tijolo rebocado, coberto de telha e piso de cimento. É servido de luz elétrica e tem um campo de futebol. O terceiro núcleo é onde começou o povoado; a maioria das casas é de tijolo, cobertas de telha e piso de cimento, cujas casas, a exemplo das anteriores, tem quatro cômodos. Neste núcleo tem um pequeno comércio, a escola (Duque de Caxias), luz elétrica, entretanto, não tem água encanada. Todos os núcleos tem suas residências distribuídas principalmente paralelas à estrada; formando um total de 85 residências, quase todas com uma porta e uma janela na frente (Figura 89).

Figura 89 – Comunidade de Rosário

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

As uniões variam: entre parentes, com pessoas da mesma comunidade, ou das comunidades vizinhas.

Economia

A comunidade é grande produtora de mandioca, transformada em farinha d'água nas oito casas de forno local: cultivam também feijão, milho, quiabo, maxixe, melancia, abóbora, arroz, macaxeira e hortaliças nos canteiros domésticos.

Além da agricultura, dedicam-se também a pesca, praticada no rio e no lago, utilizando anzol, tarrafa, socó, malhadeira; consumindo uma parte e vendendo o excedente no povoado.

Algumas famílias coletam coco babaçu, utilizando a amêndoa para retirar o leite que usam como condimento e às vezes transformar em óleo. Coletam também juçara, buriti e bacuri. Dos dois primeiros tiram o suco que colabora com a dieta alimentar.

Alimentam-se do que produzem e às vezes galinha e carne.

Em algumas famílias, a renda familiar é auxiliada com o bolsa família e aposentadoria de idosos.

Educação

Há uma escola no local com duas salas de aula, com alunos da educação infantil até o 5º ano (Figura 90); os alunos recebem, através do Bolsa Escola, uniforme, calçado e material escolar.

Figura 90 – Escola de Rosário

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

O povoado não tem posto de saúde e nem recebe visita do médico; a enfermeira comparece uma vez por mês e a agente de saúde, uma vez por semana. Quando estão doentes são atendidos na sede municipal, ocasião em que ganham remédios; se o caso for mais grave, são encaminhados para Cururupu ou Pinheiro.

Segundo a entrevistada, Maria José Silva, presidenta da Associação Comunitária local, os moradores são sadios; as doenças mais frequentes são: hipertensão, diabetes, anemia e febre.

As gestantes fazem o pré-natal na sede municipal, onde tem o parto, ocasião em que são assistidas por médicos e enfermeiros; as parturientes são atendidas na sede municipal ou em Pinheiro.

Sobre os problemas odontológicos, apelam para a comunidade Portinho. As gestantes são assistidas pelo Programa Saúde da Família.

Religião

A maior parte da população é católica, tendo como padroeira Nossa Senhora do Rosário, a quem é dedicada a capela local. Há uma igreja evangélica e dois terreiros de umbanda, nos quais são festejados Santa Bárbara e São Benedito (Figura 91).

Figura 91 – Terreiro de Santa Barbara

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

O serviço público restringe-se a energia elétrica permanente e água encanada, tratada e abastecida através de um poço artesiano da comunidade, para o qual pagam uma taxa.

Turismo e Lazer

Consideram como atração turísticas as ruínas da Fazenda Livramento, que sistematicamente são visitadas por turistas baianos e mineiros, que ali armam barracas permanecendo alguns dias.

Como lazer, pode-se considerar os dois times de futebol, sendo um feminino e a festa dos santos, já citados.

Sociabilidade

Praticam mutirão quando da fabricação da farinha; as famílias reúnem-se e de comum acordo determinam quando cada um vai "mexer", assim, ajudam-se mutuamente; também em mutirão roçam, plantam, capinam e na ocasião de construção de casas, colaboram todos.

Transporte

Deslocam-se usando carro de boi, bicicleta, moto e uma linha diária de pau de arara para Bacuri; há ocasião em que vão andando.

Reivindicações

A presidenta da associação já citada, considera como necessidade urgente para a comunidade um posto de saúde funcionando, melhorar a estrada, poço artesiano no sítio e ampliação da escola.

6. 3. 21 Comunidade Quilombola Santa Filomena

A Comunidade Quilombola Santa Filomena, certificada pela Fundação Palmares em 2011, está 28 km distante da cidade de Serrano do Maranhão.

Histórico

A história das comunidades quilombolas Santa Filomena e Ponta se inter-relacionam, se completam e não raro se confundem. Para melhor compreensão faz-se necessário detalhar o espaço físico de ambas.

Toda a região está inserida no campo das Almas, de onde fazem parte, além das comunidades quilombolas citadas: Boa Esperança dos Campos, Mariano dos Campos, além de outras, todas localizadas nos tesos encontrados ao longo do campo. Na época da estiagem essas comunidades comunicam-se entre si a pé ou no lombo de animais; no período chuvoso através de canoas.

Santa Filomena e Ponta estão em um desses tesos e, em uma de suas margens, à beira do campo, onde as embarcações ancoravam daí passarem a chamar Ponta e ali, gradativamente foram surgindo casas. Entretanto, mais para o interior do teso estava a comunidade Pirapemas que, com a construção do engenho do português Zezinho Ramos que ali se instalou com muitos escravos e que tinha na fazenda um oratório com a imagem de Santa Filomena, nome dado à fazenda. Assim, o antigo nome foi esquecido e o lugar herdou o nome da santa.

Consta que os primeiros moradores foram Emiliana Silva e Benedita; o engenho, no entanto, atraiu outras pessoas de Coloíde - município de Santa Helena - e de outras áreas rurais de Cururupu.

Ai surge um hiato, e a história só volta a se estruturar com a presença das famílias Garcês e Ramos, considerados proprietários do lugar.

Em 1986 o Sindicato de Cururupu solicitou a desapropriação das terras do Tomás e do Ramos. Por se tratar de área de campo inundável e de quilombo, não poderia ser desapropriada, então, através do INCRA, a solução foi procurar vestígios da fazenda para respaldar a situação de área quilombola, o que encontraram nas ruínas da fazenda.

Tudo indica que parte das terras foram vendidas antes para um certo Tomaz, pois foi este senhor que com o Ramos fizeram a negociação.

Com os documentos que oportunizaram a condição de quilombo e a participação dos sindicatos de Serrano e Cururupu, estabeleceram um território, com sede em uma área quilombola designada Brasília, incluindo as áreas quilombolas Frechal dos Campos, Boa Esperança dos Campos, Cedro, Ponta e Santa Filomena que, por se localizarem nos tesos do campo estão agrupadas na região dos Campos das Almas, conhecido também como Rio das Almas ou campo do Rio das Almas, desapropriado pelo INCRA. Atualmente os descendentes quilombolas aguardam o recebimento do título definitivo das terras.

A Comunidade

Considerando o perfil das comunidades quilombolas visitadas no município Serrano do Maranhão, podemos considerar Santa Filomena bem desenvolvida.

A concentração das residências, espaçadas entre si está principalmente paralela a rodovia, entretanto, expande-se em mais uma rua, unidas por três travessas. Nesse traçado distribuem-se 55 residências, nas quais vivem 66 famílias e onde estão dois comércios. As casas são construídas, a maioria de tijolo, cobertas de telhas; outras de taipa revestida e teto de telhas, algumas de taipa aparente cobertas de palha e outras de adobe e telha. A fachada, exceto os comércios, estão distribuídas entre uma porta, uma ou duas janelas e no interior, cujo piso é de cimento ou argila batida, está a sala, dois ou três quartos e cozinha. Os quintais são grandes, cercados, com árvores frutíferas, animais domésticos, banheiro e no fundo a sentina (Figura 92).

Figura 92 - Vista parcial da comunidade Santa Filomena

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

A estrutura familiar está entre casados legalmente ou simplesmente juntos, entre pessoas da mesma comunidade, que têm entre dois e sete filhos; quanto ao gênero o número de homens é praticamente igual ao de mulheres, estas com bastante representação como chefe de família.

Alimentam-se principalmente de peixe, arroz, frango e carne de animais selvagens: veado, paca, tatu, caititu, porco doméstico e, às vezes carne de boi.

Economia

Tem como atividade principal a agricultura familiar e complementar, a pesca. Trabalham em terras da comunidade, distribuindo as atividades em dois períodos: “verão”, quando o desmatamento se faz em junho ou julho, após o qual deixam a mata derrubada sobre o solo e um mês após, depois de seca, queimam, retiram os resíduos e plantam a maniva, colhendo a mandioca em abril e maio do ano seguinte. Entre o plantio e a colheita fazem uma ou duas limpezas do solo, a capina; roça - segundo período - desmatam entre setembro e outubro, queimam, retiram os galhos queimados - a coivara - e depois ficam esperando chover para plantar; maniva, milho, feijão, arroz, macaxeira, maxixe, quiabo e abóbora. Nessa etapa, por ser período chuvoso, fazem três capinas. A colheita da mandioca se faz entre nove e dez meses depois; dos demais produtos varia, principalmente das leguminosas, no máximo três meses.

Fabricam a farinha em dois fornos existentes na comunidade. A jornada de trabalho diário é entre as 7:30 e 17:00 horas, com intervalo para almoçar em casa.

As mulheres, assim como as crianças, trabalham ativamente na agricultura, exceto no desmatamento; em contrapartida, aquelas coletam e quebram o coco babaçu, fazem o óleo e do endocarpo carvão (Figura 93).

A produção é comercializada no local ou na cidade de Santa Helena.

Figura 93 - Quebradeira de coco babaçu em Santa Filomena

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

A pesca é uma atividade complementar, visto ser de preferência para alto consumo. Pescam nas partes inundadas do campo ou em alguns lagos perenes existentes no mesmo. Nessa atividade participam também as mulheres, as crianças e os adolescentes. Usam o anzol, socó, caniço, malhadeira e tarrafa; as espécies mais capturadas são: traíra, acará, jeju e piaba.

Alguns moradores tecem artesanato com talos de guarimã, fazendo urupema (peneira), tapiti (ou tipiti), além de outros utensílios utilizados na fabricação da farinha.

Segundo o informante José Inocêncio Ferreira - o Cedrão - o SISTEC, incluído no Plano de Ações do Mais IDH, mantém na comunidade para alguns moradores orientação e atendimento voltado para a criação de frangos e peixes, este último prejudicado pela falta de água.

Educação

Tem uma escola com três salas de aula, onde, no sistema multisseriado cursam do 1º ao 9º ano (Figura 94); não recebem material escolar, só merenda; a partir daí, os que forem continuar vão para as cidades vizinhas, principalmente Santa Helena, onde passam a residir temporariamente.

Figura 94 – Escola de Santa Filomena

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

Tem um posto de saúde, onde o médico, acompanhado da enfermeira trimestralmente dá consultas (Figura 95). A agente de saúde reside na comunidade e visita os moradores duas vezes por semana. Às vezes, quando adoecem, procuram o hospital da cidade de Santa Helena, onde as gestantes fazem o pré-natal e o parto. Há, no entanto, casos em que as crianças nascem na própria comunidade, assistidas por uma parteira leiga. As doenças mais frequentes são: febre, enterocolite aguda, gripe e dengue.

Figura 95 – Unidade Básica de Saúde de Santa Filomena

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Religião

A maioria da população é católica; tem uma capela dedicada a Santa Filomena, padroeira do lugar (Figura 96), onde o padre comparece uma vez por ano, na ocasião da festa da referida santa. Os evangélicos pertencem à congregação Assembleia de Deus (Figura 97).

Figura 96 – Capela de Santa Filomena

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Figura 97 – Assembleia de Deus

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

A água encanada é adquirida de um poço artesiano que, através da caixa d'água é distribuída para as residências; a energia elétrica é permanente. Esses são os únicos benefícios públicos encontrados no lugar.

Turismo e Lazer

Do engenho, cuja ruína poderia ser atração turística, restam somente algumas peças avulsas, inclusive em casa de moradores. Entretanto, embora não disponha de um local atrativo, esporadicamente moradores dos municípios vizinhos visitam o povoado a passeio.

Como lazer ou entretenimento, dispõem da apresentação do tambor de crioula, da festa da padroeira e de um time de futebol que aproveitam um espaço descampado, considerado campo.

Sociabilidade

São bastante solidários e hospitaleiros. Em mutirão, ou no sistema de troca de dia, compartilham entre si nas atividades agrícolas; quando o chefe de família está doente ou não tem recursos para pagar um trabalhador; juntam-se para cercar a comunidade e construir casas de taipa dos outros.

Transporte

Para Santa Helena e comunidades vizinhas vão a pé, em D-20 e a cavalo, na ocasião da estiagem; no período chuvoso, quando ficam quase ilhados, devido a inundação do campo, navegam em canoas.

Reivindicações

Consultado sobre o que considera mais urgente para a comunidade, o entrevistado - José Inocêncio Ferreira, conhecido por Cedrão, enumerou: mecanização agrícola, estrada,

titulação individual das terras para a comunidade, projetos capazes de elevar o nível de vida da comunidade, como construção de casas melhores e outros.

6. 3. 22 Comunidade Santa Rosa

A comunidade cujas raízes antropológicas têm origem na fazenda homônima certificada pela Fundação Palmares em 2001, fica há 26,119 km da sede municipal.

Histórico

Embora não se tenha conseguido detalhes sobre o surgimento da comunidade, foi relatado por uma das entrevistadas, Gorete Moura Piedade, que, ali chegou em tempos atrás Pedro Gonçalves de Moura, acompanhado de sua esposa Maria Gonçalves de Moura, cearenses de Juazeiro do Norte, que migraram para São Luís, indo morar no bairro Anil. Após algum tempo, o casal, desejoso de encontrar terra para trabalhar mudou para Cururupu, indo morar no interior de Serrano, então distrito de Cururupu. Ocuparam o lugar atual e ali tiveram 15 filhos que, depois adultos casaram e foram morar ali construindo suas casas.

Segundo a entrevistada, a ideia de transformar a comunidade em área quilombola, veio de uma sobrinha, que, há três anos reuniu os moradores propondo-lhes registrar o povoado como comunidade quilombola, o que na realidade aconteceu.

A Comunidade

É um aglomerado rural formado por 30 famílias que moram em casas distantes entre si, quase isoladas (como se fossem pequenas chácaras), feitas de taipa, cobertas de folhas de palmeira de babaçu, chão de argila socada, com sala, dois quartos, uma cozinha, na frente uma porta e uma janela. Os quintais não são determinados porque não existe cerca, entretanto, a área considerada como tal é grande, com árvores frutíferas; criam, galinhas, porcos e alguns têm jumento, boi e cavalo. Como banheiro usam um quadrado de meia parede, descoberto e mais a sentina (Figura 98).

Os relacionamentos afetivos, desenvolvem principalmente entre pessoas do lugar, embora haja casos com união com pessoas de outros povoados.

Figura 98 - Casas na comunidade Santa Rosa

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

Trabalham na agricultura e na pesca. A agricultura obedece o modelo familiar; cultivam mandioca para a produção de farinha d'agua, como atividade de subsistência (Figura 99); o remanescente é comercializado no local e as vezes na sede do município. Cultivam também milho, feijão e melancia, só para o consumo familiar. Calculam a produção em paneiro ou saco de trinta quilos. As roças são feitas em terras cedidas pelo município; na comunidade há dois fornos para fabricação da farinha. Quanto a pesca, desenvolvem-na no campo, usando para isso malhadeira, tarrafa e anzol.

Na agricultura o trabalho desenvolve-se entre 7:00 e 16:00 horas, com um rápido intervalo para almoço; quando a roça fica perto de casa, ali fazem a refeição, ao contrário, fazem-na no local de trabalho, alimentando-se principalmente com farinha, arroz, peixe, feijão e às vezes carne e galinha.

Não há diferença entre o trabalho masculino e feminino, inclusive na pesca, exceto quando da derrubada da mata, neste caso, cabe exclusivamente ao homem.

Figura 99 – Maniva e mandioca

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Educação

Não há escola na comunidade, as crianças estudam na comunidade Quilombola Soledade para onde vão andando, gastando aproximadamente 60 minutos em cada percurso, coisa que se torna muito difícil no período chuvoso. Na escola que frequentam não recebem nenhum auxilio.

Saúde

A comunidade não tem posto de saúde, não recebe visita médica, nem de algum profissional de enfermagem, restringindo-se apenas à visita da agente de saúde uma vez por mês. Qualquer problema de saúde apelam para a sede municipal ou para Cururupu; entretanto, tem aparência saudável, e, segundo informações locais, as doenças mais frequentes são febre, vômito e verminose.

Embora distante das cidades já citadas, e da precariedade das estradas, as gestantes fazem o pré-natal e, quando vão ter os filhos, o fazem no hospital da sede municipal, assistidas pelo médico e enfermeira, embora haja alguns casos que têm a criança em casa, na própria comunidade, assistidas por parteiras práticas.

Os problemas odontológicos são solucionados na sede municipal, já que não são visitados por dentistas.

Religião

Embora a maioria seja católica, não tem capela; contam, no entanto, com uma igreja evangélica da Congregação Batista e um terreiro de umbanda.

Serviço Público

Não há, por mais simples que seja; usam água não tratada retirada de um poço artesiano municipal, entretanto não tem energia elétrica.

Turismo e Lazer

Não há informação de nenhuma atividade nesse sentido, assim como nenhuma atração turística.

Transporte

Para se deslocarem para a sede municipal ou outros lugares utilizam o carro de boi, moto ou vão andando.

Sociabilidade

Embora pobres e carentes materialmente, tem no entanto o espírito de solidariedade.

Quando alguém vai construir a sua moradia, fazem mutirão para a tapagem das paredes (sempre de taipa) e na cobertura com folhas beneficiadas de palmeira de babaçu. São também eles, em mutirão e sem nenhum auxilio institucional que abrem o caminho, limpam a estrada, livrando-a da vegetação que desenvolve com muita rapidez, tapam buracos e diminuem as barreiras.

Quando da conservação da estrada o fazem com a ajuda das comunidades vizinhas.

Reivindicações

Questionada a entrevistada, representando a presidenta da comunidade (que reside na cidade de Cururupu) respondeu que, mesmo com todas as limitações, gosta do lugar e não quer sair e ficará enquanto o dono da terra permitir, gostaria, no entanto, que tivessem energia elétrica, escola e estrada.

A declarante ainda não assimilou o fato de ser uma comunidade de remanescentes quilombolas certificada e portanto, não estão mais ligadas a um dono.

6. 3. 23 Comunidade Santo Antônio

Certificada pela Fundação Palmares em 2000, a comunidade Santo Antônio está 2,66 km da sede do município, tem suas raízes antropológicas nas fazendas Bem Fica e União.

Histórico

A informação que se obteve é que, aproximadamente há 200 anos, portugueses que ali chegaram receberam parte das terras do engenho dos Vieiras, que pertencia a Bernardo Vieira, também português e que, após a Lei Aurea passou a viver maritalmente com uma ex-escrava. No dia 13 de junho, o referido português construiu ali uma casa, daí o nome da comunidade ser Santo Antônio (certificada em 13 de junho).

Mais tarde, migrantes das fazendas União e Conceição, assim como negros alforriados ou livres mudaram para o lugar.

Com a emancipação política do distrito Serrano, hoje Serrano do Maranhão, a expansão urbana alcançou Santo Antônio, transformando-o praticamente em um bairro rural.

A Comunidade

Atualmente não dá para se perceber onde começa ou termina a comunidade, dada a expansão urbana da sede municipal. Apenas os moradores sabem direcionar o seu espaço. Devido a isso, a comunidade perdeu as características rurais. Eufemisticamente, pode-se considerar uma comunidade urbana de remanescentes quilombolas.

O povoado estende-se em ambas as margens da MA 303, que ali é considerada Avenida dos Palmares, além de duas transversais.

Até fevereiro de 2016, época da pesquisa, ali havia 130 casas, das quais 82 foram construídas por um projeto, e que eram habitadas por 135 famílias. Referidas casas são todas de alvenaria, rebocadas e pintadas, cobertas de telha, a grande maioria de pequeno e médio porte, separadas por muro, tendo na frente uma porta e uma janela.

Algumas são residências e pequenos comércios. No interior os cômodos são: sala, corredor dois quartos e cozinha, com banheiro interno e as vezes no quintal, piso de cimento. Os quintais são grandes, separados dos vizinhos por cercas ou muros, nos quais há algumas árvores frutíferas (Figura 100).

Figura 100 - Vista parcial da comunidade Santo Antônio

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

Dada a sua aproximação com a sede municipal, a renda tem diversas origens: são funcionários públicos, pequenos comerciantes. Entretanto, a maior parte da população vive da agricultura familiar e da pesca.

Cultivam principalmente a mandioca, que beneficiada nos seis fornos é transformada em farinha d'água, farinha seca ou tapioca comercializadas no próprio local. Colhem também milho, feijão, maxixe e quiabo. Toda a plantação é feita em terra própria ou cedida (Figura 101).

Figura 101 – Roça de mandioca e fabricação de farinha

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Não há distinção de trabalho entre homem e mulher, exceto quando se trata da derrubada da vegetação, atividade só dos homens. As crianças ajudam no trabalho mais leve: plantar e colher.

A atividade diária começa às 6:00 e vai até as 17:00 horas, com intervalo para o almoço, que pode ser na roça, se esta for distante, ou então na própria residência se for perto.

Alimentam-se principalmente de farinha, peixe, arroz, carne e eventualmente galinha.

Outra atividade econômica é a pesca, praticada nos campos inundados, nos lagos e nos rios. Nessa atividade usam socó, landuá, anzol, tarrafa, malhadeira. A produção é principalmente para o consumo, comercializam o remanescente na sede municipal.

A juçara coletada e beneficiada tem significativa importância na economia.

Pode-se considerar como influência econômica o salário dos aposentados e a renda do Bolsa Família.

Uma declaração de um morador, retrata a realidade da agricultura no local: “Na lavoura não se tira o que se bota; se empata. Às vezes se faz a roça e não tira um pé, morre tudo”.

Educação

Há uma escola com quatro salas de aula, onde funciona da educação infantil até o fundamental completo, após o qual os jovens vão para a sede do município, usando para isso ônibus escolar (Figura 102). Os alunos não recebem livros, uniformes, calçados, apenas merenda.

Figura 102 – Escola de Santo Antônio

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

Não tem posto de saúde, nem visita de médico e enfermeira; apenas uma agente de saúde que faz visitas uma vez por mês. Quando adoecem vão para a sede municipal; se os casos forem mais graves são transportados para Cururupu.

As doenças mais frequentes são gastroenterocolite aguda, febre, vômito e gripe. As gestantes fazem pré-natal e têm os seus filhos no hospital do município, onde recebem tratamento adequado. Em alguns casos, quando o parto é em casa, são atendidas por parteiras práticas. Na assistência dentária só aplicam flúor; os demais tratamentos são feitos na sede municipal.

Religião

Há uma capela, dedicada a Santo Antônio (Figura 103), um templo evangélico e sete terreiros de umbanda, em que pese ser a maioria da população católica.

Figura 103 – Igreja de Santo Antônio

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

Como serviço público tem água encanada abastecida através de um poço artesiano do município, não tratada e distribuída gratuitamente: a luz elétrica funciona direta.

Turismo e Lazer

Como atração turística pode-se considerar o cemitério dos escravos e algumas lendas como a do Joaquim Duque, homem avantajado, que aparece exalando um odor desagradável; a da traíra da fonte de Joaquim, que quando alguém ia banhar e não pedia permissão, ela sujava toda a água.

Sociabilidade

É uma comunidade unida; frequentemente fazem mutirão para construção de casas, para limpar a igreja e a associação, para auxiliar ou substituir as pessoas na roça, quando estão doentes.

Transporte

Utilizam todos os transportes usados pela rede municipal: ônibus, vans, automóvel, motocicletas e outros.

Reinvindicações

Indagado sobre o pedido que considera prioridade para a comunidade, o interrogado respondeu: iluminação pública e melhoria nas ruas.

6. 3. 24 Comunidade Quilombola Soledade

A Comunidade Quilombola Soledade, certificada pela Fundação Palmares em 2016, está 21 km distante da cidade de Serrano do Maranhão.

Histórico

Não conseguiu-se informações sobre o primeiro proprietário das terras; soube-se, entretanto, através de uma senhora, tia do entrevistado Andrenilton Pires, que o português Antônio Manuel de Carvalho, conhecido por Dô Carvalho, pretendendo montar um engenho foi informado que aquelas terras estavam para vender, então adquiriu-as, instalando ali um engenho de produção de açúcar e aguardente que prosperou durante muitos anos. Três catastróficos eventos colaboraram para a desativação do engenho.

Dô Carvalho tinha feito uma represa de rio para desviar água para o engenho. Numa determinada ocasião esqueceram de abrir a comporta e a água inundou a fábrica; vencido o problema, tempos depois um incêndio fez estragos. Por último, a Lei Áurea favoreceu a liberdade da mão de obra escrava, restando a decadência.

Sobre a toponímia, dizem que Dô Carvalho, tocado pelo bucólico silêncio do lugar, interrompido apenas pelos canores dos pássaros deu-lhe o nome de Soledade, expressão que no seu vernáculo pátrio significava solidão ou saudade.

Dada a importância política e econômica de Dô Carvalho para Cururupu, a cujo território Soledade na época estava ligada, registrou-se alguns "fiapos" da sua biografia.

Antônio Manoel Carvalho de Oliveira – Dô Carvalho – era casado com Amância, com a qual teve os filhos Olímpia (Santa), Eulina (Lili), Ubaldo (Badico, esposo de Lili Abreu) e Dozinho (casado com Cocota Viegas).

Teve também, com Tereza (mãe Tetê) Lourivaldo (Loripa), Odila (Umó) e Flávio; este, farmacêutico, foi prefeito de Cururupu em duas ocasiões, numa das quais ficou quinze anos (ditadura Vargas) foi deputado estadual e enquanto viveu, o maior líder estrategista político de Cururupu.

Dô Carvalho teve também mais duas filhas: Inocência (Sensinha) – esposa de Francisco (Chiquito) Pinheiro e Duda.

Como recordação desse importante fazendeiro, há uma praça que recebeu o seu codinome – Dô Carvalho – e o casarão colonial onde residiu.

A Comunidade

A distribuição das habitações da comunidade ainda é a mesma de quando existia o casarão - sobrado - dos Carvalhos; que segundo os moradores era próximo a um tamarindeiro ainda existente. Nas proximidades está um casarão baixo, avarandado, em ruínas que foi construído após a destruição da casa grande. Do engenho, os únicos vestígios são peças avulsas de ferro que o tempo não conseguiu destruir (Figura 104).

Figura 104 – Ruínas da fazenda Soledade

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Num espaço mais ou menos circular, próximo umas às outras, estão as 21 residências onde moram 25 famílias; são casas de taipa exposta, com tetos de telhas, pindoba, ou amianto. Na frente estão uma porta e uma janela e no interior, cujo piso é argila batida, sala, dois quartos e cozinha (Figura 105). Ao fundo, um quintal grande, com árvores frutíferas, criação de animais domésticos, uma construção rústica, quadrada, com meia parede de palha de babaçu usada como banheiro e depois, uma casinha de taipa coberta de palha - a sentina.

Figura 105 – Vista parcial da comunidade Soledade

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

As famílias se formam entre casais da própria comunidade que casam oficialmente ou vão morar juntos, com filhos entre três e sete por casal.

Alimentam-se principalmente de peixe, feijão, arroz, carne de porco, às vezes de boi e caça, resultado do abatimento de animais selvagens.

Economia

A atividade econômica principal é a agricultura familiar, praticada em terras da comunidade e a pesca.

O trabalho agrícola distribui-se em duas fases: o "verão" e a roça; "verão" é quando desmatam entre abril e maio e deixam a vegetação cobrindo o solo; após secar, queimam-na, retiram os resíduos e plantam a maniva; a mandioca será colhida após dez meses; nesse intervalo, há necessidade da limpeza do solo - a capina - que varia conforme o surgimento de vegetais invasores. A roça corresponde ao segundo período - desmatam e queimam entre outubro e novembro, fazem a limpeza do terreno - a coivara - depois do solo limpo, esperam a

chuva para plantar. Na roça a plantação é consorciada; semeiam maniva, milho, gergelim, feijão, arroz, melancia, maxixe e outras leguminosas. A colheita varia de acordo com a planta, a mandioca só após dez meses; os demais cultivos são em menor tempo. A mandioca é beneficiada nos cinco fornos existentes na comunidade.

Trabalham diariamente, entre 7 e 16 horas, com intervalo para o almoço que, dependendo da distância fazem no rancho da roça ou então em casa.

A mulher, as crianças e os adolescentes participam de todas as atividades agrícolas, exceto do desmatamento. Voltam a desmatar no mesmo lugar após 8 anos.

A pesca, praticam no campo inundado, nos lagos e nos rios, usando anzol, tarrafa, rede, socó, caniço e malhadeira; pescam principalmente traíra, acará, piaba. Os produtos agrícolas são comercializados na própria sede municipal e em Cururupu, quanto à pesca, é só para o consumo da família.

Complementam a renda familiar com a extração da amêndoa do coco babaçu da qual extraem o suco para alimentação e para fabricação do óleo e socada, um tipo de farinha.

Coletam também buriti, bacuri, bacaba e juçara que vendem in natura ou o líquido.

O Plano de Ações Mais IDH, atende a comunidade através do SISTEC com orientação e assistência para a criação de galinha (Figura 106) e peixe.

Figura 106 – Galinheiro do Programa SISTEC

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Na comunidade há famílias beneficiadas com o Bolsa Família.

Educação

Há um prédio escolar, com três salas de aula, onde, em multisseriado são ministradas aulas da educação infantil até o 9º ano (Figura 107). Se forem continuar estudando, os jovens o fazem na sede municipal ou na cidade de Cururupu.

Recebem merenda, mas, não têm acesso ao material escolar.

Figura 107 – Escola de Soledade

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

Tem um posto de saúde, onde o médico, acompanhado de uma auxiliar de enfermagem atende uma vez por semana, ocasião em que fornece remédios (Figura 108). A agente de saúde, como reside na própria comunidade, está sempre disponível para atendê-los; as doenças mais frequentes são febre e gripe, entretanto, há alguns casos de hanseníase.

Quando adoecem vão para o hospital de Cururupu, onde as gestantes costumam fazer pré-natal e tem o parto, entretanto, há ocasião em que a criança nasce na comunidade, assistidas por uma parteira leiga.

São assistidos pelos planos de saúde PSE e Femara Força Total.

Os casos odontológicos são resolvidos em Cururupu.

Figura 108 - Posto de saúde de Soledade

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Religião

São todos católicos, entretanto, não tem capela, pois a que tinha caiu. Têm como padroeiro São João Batista. Tem dois terreiros de umbanda onde festejam Nossa Senhora da Guia; não tem templo evangélico.

Serviço Público

Embora tenha um poço artesiano com caixa d'água, está desativado; abastecem-se em poço comum. A energia elétrica é permanente.

Turismo e Lazer

Como atração turística tem apenas as ruínas do engenho e a casa grande térrea; quanto ao sobradão, não tem nem vestígio.

Para entretimento, dispõem de um grupo de bumba meu boi no sotaque costa de mão (Figura 109), um grupo de tambor de crioula; um time de futebol com campo próprio, a festa do lavrador em novembro, a festa do padroeiro em junho e as festas religiosas dos terreiros.

Figura 109 – Bumba meu Boi de Soledade

Fonte: IPHAN (2011)

Sociabilidade

São solidários em ocasiões que, em mutirão constroem ou reconstroem suas casas, trocam dia no trabalho agrícola ou substituem o dono da roça se este adoecer.

Transporte

Usam motocicleta e D-20 quando se dirigem às cidades de Cururupu e Serrano do Maranhão, embora em algumas vezes irem andando.

Reivindicações

Indagado sobre o que considera como necessidade mais urgente da comunidade, o entrevistado – Andrenilton Pires - informou: mecanização agrícola, capela, casa mecanizada de farinha, água encanada, tratada e de qualidade.

6. 3. 25 Comunidade Quilombola Vera Cruz

A Comunidade Quilombola Vera Cruz está distante 16,03 km da cidade de Serrano do Maranhão, tendo sido certificada pela Fundação Palmares em 2009.

Histórico

A área era terra devoluta, apenas alguns ranchos existentes nas roças.

Na década de 1950, o Governo Federal instalou ali o Projeto Fomento Agrícola Vera Cruz, cujo objetivo era assistir ao pequeno produtor rural, através de completa orientação agrícola. Para a época foi, além de um grande investimento uma atividade de grande alcance social e econômico; recebiam sementes, orientação em todas as etapas do cultivo, eram assistidos por técnicos e engenheiros agrícolas, dispunham da utilização de tratores, casas de forno e orientação na comercialização da produção. Entretanto, após dez ou quinze anos o projeto foi lentamente desativado; os funcionários foram transferidos, as máquinas abandonadas até a desativação total.

A Comunidade

Com a implantação do projeto Fomento Agrícola de Vera Cruz os produtores rurais foram mudando para o local, surgindo assim o povoado. A emancipação política de Serrano, acelerou a expansão urbana do antigo distrito, principalmente ao longo da rodovia MA - 303, alcançando Vera Cruz que, de área rural se transformou em um bairro rural da cidade de Serrano do Maranhão. Só os moradores sabem até onde é Vera Cruz.

A comunidade concentra-se principalmente ao longo da estrada, as casas são espaçadas (Figura 110). Há aproximadamente 70 residências próximas entre si com o mesmo número de famílias, cujas casas tem na frente uma porta com uma ou duas janelas, distribuídas em: de tijolos, cobertas com telhas, rebocadas e pintadas de cores alegres ou com tijolos aparentes. Outras são de taipa, rebocadas ou não, cobertas de telhas ou palha. No interior, o piso às vezes é de cimento, outras vezes de solo batido e também algumas com os dois tipos. A distribuição dos cômodos é: uma sala, dois quartos, cozinha e às vezes banheiro interno. Os quintais são grandes, plantados com árvores frutíferas, uns são separados dos vizinhos com cercas, outros não, onde criam animais de pequeno porte e em alguns casos tem uma horta. Nas casas que não tem o banheiro no interior, improvisam-no no quintal, num quadrado de meia parede de palha e separado, uma casinha de taipa - a sentina.

As famílias se formam em união informal, entre parentes ou pessoas da mesma comunidade. Os casais têm em média três filhos. Alimentam-se principalmente de peixe, feijão, galinha, ovos e às vezes de carne de animais selvagens como paca, tatu e cotia; complementando a dieta com juçara.

Na comunidade predominam homens.

Figura 110 - Vista parcial de Vera Cruz

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

A agricultura familiar é a única atividade econômica. Praticada em terras da comunidade dividem-na em dois períodos: "verão", quando derrubam a vegetação em junho ou julho, deixam o mato cobrindo o solo e, em agosto queimam, limpam e em setembro plantam a maniva, colhendo a mandioca entre abril e maio do ano seguinte: roça - segundo período - derrubam a mata entre setembro e outubro, queimam, limpam e esperam chuva para plantar, além da maniva, milho, feijão, arroz, macaxeira, maxixe e outros. Colhem entre janeiro e maio do ano seguinte, dependendo do vegetal.

Trabalham diariamente entre 7:30 e 17 horas, com intervalo para almoço feito no rancho da roça.

As mulheres e os adolescentes participam de todas as atividades, exceto do desmatamento. Após a colheita deixam o solo repousando, voltando a cultiva-lo no mesmo lugar depois de 5 anos.

Da mandioca extraída preparam a farinha d'água e seca e a tapioca, utilizando os cinco fornos existentes na comunidade. Comercializam a farinha, o milho e um pouco do feijão, na própria sede municipal ou na cidade de Cururupu, através do intermediário ou no mercado público.

A coleta da juçara e do buriti tem importância na renda familiar dada a demanda e a aceitação da polpa, assim como o bolsa família, a bolsa escola e a aposentadoria de idosos.

Não foi identificada nenhuma família integrada ao SISTEC ou outro programa do Plano de Ações Mais IDH.

Há aproximadamente 200 crianças beneficiadas pelo Bolsa Família e várias com a Bolsa Escola.

Educação

Há um prédio com quatro salas de aula, onde funcionam a educação infantil e o ensino fundamental até o 9º ano, a nível multisseriado (Figura 111); o ensino médio cursam na sede do município, distante 15 km, usando o ônibus escolar. Recebem merenda mas, não ganham material escolar.

Figura 111 – Escola de Vera Cruz

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Saúde

Não tem posto de saúde; o médico e a enfermeira visitam a comunidade uma vez por mês, ocasião em que são feitas consultas. A agente de saúde faz visitas quinzenais. Quando consultados às vezes recebem remédio. Se adoecem, são conduzidos para o hospital do município ou então para o de Cururupu, município vizinho. As doenças mais frequentes são febre, gripe, alergia e enterocolite aguda. As gestantes fazem o pré-natal e na ocasião oportuna tem o parto no hospital do município onde são assistidas pelo médico. Entretanto, ainda acontecem partos na residência, momento em que são assistidas por uma parteira leiga.

Religião

Há uma capela dedicada a Santa Luzia, padroeira do lugar (Figura 112); o padre visita a comunidade uma vez por mês, ocasião em que celebra missa e ministra outros sacramentos que se fizerem necessários. Tem dois templos evangélicos das seitas Assembleia de Deus e Adventista do Sétimo Dia, tem também um terreiro umbandista que reverencia Santa Bárbara.

Figura 112 – Capela de Santa Luzia

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Serviço Público

Restringe-se ao abastecimento de água encanada, fornecida de um poço artesiano e armazenada numa caixa d'água. A energia elétrica é permanente; o lixo produzido é queimado pelos próprios moradores, no quintal ou em terrenos baldios.

Turismo e Lazer

Não há nenhum fato, construção ou similar que possa ser considerado como atração turística, exceto a festa de Santa Luzia. Quanto ao lazer, tem um time de futebol que sistematicamente se distrai num terreno baldio que consideram campo de futebol; um grupo de tambor de crioula que sempre se apresenta e a festa religiosa da padroeira.

Sociabilidade

São solidários em ocasiões específicas da limpeza das ruas, dos poços, da igreja, além da construção de casas de taipa; todas essas atividades desenvolvidas em mutirão, gratuitamente.

Transporte

Por ficar à margem da rodovia e próximo a sede, utilizam os transportes que para ali circulam como ônibus, vans, motocicletas e taxi.

Reivindicações

A entrevistada - Lacilene Reis Gomes - considera como necessidades mais urgentes a titulação das terras, posto de saúde com a presença de profissionais da área, recuperação e funcionamento da casa de farinha, atualmente desativada (Figura 113).

Figura 113 – Casa de farinha desativada

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6. 3. 26 Comunidade Quilombola Vista Alegre

Certificada pela Fundação Palmares em 2010, a comunidade em apreço está a 46,637 km da sede municipal de Serrano do Maranhão.

Histórico

As raízes da comunidade estão ligadas à fazenda Santo Antônio.

Há mais de dois séculos, no período colonial, havia, aproximadamente a l km distante de onde está atualmente Bela Vista o Engenho Santo Antônio de propriedade de Mateus de Melo, onde, sobre o regime escravocrata, fabricavam açúcar, cachaça, mel, rapadura e tiquira. Aos escravos cabia todo o trabalho: o plantio da cana-de-açúcar, a fabricação dos subprodutos citados e o transporte para o porto.

Os escravos plantavam também café, feijão, arroz, milho, algodão e trabalhavam como ferreiro, carpinteiro, pedreiro, enquanto as escravas, além de trabalhar na roça, fiavam o algodão, terciam redes, faziam renda, croché, estátuas e utensílios de barro para uso doméstico como pote, panela, alguidar e outros.

O dia a dia dos negros não era diferente das demais fazendas brasileiras; eram maltratados, se desobedeciam os senhores, apanhavam, eram acorrentados e colocados no tronco. Quando podiam fugiam e organizavam-se em quilombos.

Com a abolição da escravidão a fazenda faliu; muitos ex-escravos ficaram morando no lugar, outros saíram.

Alguns negros que ficaram morando em Santo Antônio, de cujas ruínas podem ser observadas, como o alicerce de pedra da casa grande, telhas, tijolos, peças de ferro, além de um tacho velho onde ferviam o açúcar, uma encanação de pedra para transportar água para mover o moinho. Segundo dados obtidos do documento escrito pela Associação dos Negros Quilombolas da Comunidade de Vista Alegre, as máquinas do engenho foram vendidas para a fazenda Aliança de Cururupu.

Embora a terra tenha passado por vários donos, os negros viviam felizes: construíram famílias, reconstituíram suas vidas e identidade cultural com festas de irmandade religiosa, ladainhas para Nossa Senhora da Conceição, tambor de crioula para São Benedito, caixa do Divino Espírito Santo, compravam carro de boi, criavam porcos, bois, aves e continuaram plantando.

Tudo mudou quando as terras foram vendidas para Cadetinho; que passou a cobrar o uso da terra, exigiu que a produção de farinha fosse feita na sua casa de forno, forçou-os a usar o seu transporte, proibiu a criação de animais e outras mais exigências. Contrariados, os moradores migraram para outros lugares e ali só ficou o proprietário com sua família.

Em resumo, é da própria fazenda Santo Antônio que surgiram os quilombos Açude, Cabanil, Cebola, Rio do Peixe e muitos outros, inclusive Vista Alegre, objeto deste documento.

Considera-se como fundadora do quilombo onde atualmente está Vista Alegre, uma de suas primeiras moradoras – Julia Rosa de Sá, que foi mãe de leite da filha da Sinhá (esposa do dono do engenho), deixando de amamentar sua própria filha Risa, que ficou desnutrida; cuja filha, na ocasião da abolição tinha 15 anos.

Na comunidade há netos, bisnetos e tetranetos de Julia, dentre os quais Felix Silva Rosa, filho de Tomásia Maria de Aquino Rosa de Sá, descendente mais antigo.

Na realidade, Vista Alegre antes se chamava Santo Antônio, os seus moradores mudaram o nome para Vista Alegre, pois o nome antigo lembrava a maldade dos senhores e o sofrimento dos negros escravizados e que, com a abolição veio a alegria, daí o nome Vista Alegre.

A Comunidade

O aglomerado residencial está situado à margem da estrada que liga o povoado à cidade de Cururupu, um pouco recuado da margem da referida estrada. As casas distribuem-se mais ou menos distantes entre si. O material de construção varia entre taipa e adobe, cobertas de palha; a fachada é sempre de uma porta e uma janela, com o interior dividido entre sala, dois quartos, cozinha e às vezes copa, com piso de argila batida (Figura 114). São trinta residências, com quintais grandes, com árvores frutíferas e canteiros, onde criam galinhas e porcos, onde está um banheiro rústico com meia parede de palha e mais distante a sentina. Fora do quintal algumas famílias criam boi e cavalo.

Contraem matrimônio com pessoas da própria comunidade ou comunidades vizinhas.

Figura 114 - Vista parcial de Vista Alegre

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Economia

Dedicam-se à agricultura familiar. Cultivam mandioca, milho, arroz, feijão, maxixe, melancia, quiabo e algumas hortaliças. O remanescente do consumo é comercializado na comunidade com intermediários.

Da mandioca fabricam farinha, tapioca de goma e de bolo em três casas de forno. Criam galinha, patos, porcos, boi e cavalo.

As mulheres participam de todas as etapas da agricultura, exceto na derrubada da vegetação, atividade tipicamente masculina.

Educação

Não tem escola, os alunos estudam em Cabanil, que fica distante quatro quilômetros, sendo transportados pelo ônibus escolar. Não recebem uniforme, calçado, material escolar nem merenda.

Saúde

Não tem posto de saúde nem visita médica. Uma auxiliar de enfermagem visita a comunidade uma vez por mês e a agente de saúde uma vez por semana. Consultam no hospital do município ou em Cururupu, ocasião em que recebem remédio. As gestantes fazem pré-natal e tem o parto no hospital onde são assistidas pelo médico. As doenças mais frequentes no povoado são: febre, gripe e zika. Os problemas com dentista são resolvidos em Cururupu.

Religião

Tem uma capela dedicada a Nossa Senhora do Desterro, padroeira da comunidade. Não tem templo evangélico nem terreiro de umbanda.

Serviço Público

Tem energia elétrica; a água é retirada em um poço tipo cacimba.

Turismo e Lazer

Como atração turística somente as ruínas do engenho Santo Antônio; quanto ao lazer, restringe-se aos jogos no campo de futebol, a festa da padroeira, o mês mariano e o tambor de crioula.

Sociabilidade

Colaboram entre si na construção das casas, na limpeza do terreno e na fabricação de farinha. Quando alguém adoece fazem coleta entre si para adquirir dinheiro para comprar alimentos e remédios.

Transporte

Para dirigir-se a outro lugar usam moto ou vão andando.

Reivindicações

O entrevistado Raigildo Ramos Lima, disse que a comunidade reivindica sempre estrada perene, pois na ocasião das chuvas a estrada fica totalmente inundada, escolas, poço artesiano com água encanada, iluminação pública e mecanização da agricultura familiar.

6. 4 Percepção individual dos habitantes quilombolas entrevistados

Diferente do item anterior, onde as informações mais abrangentes simbolizam cada comunidade visitada, este, mais particularizado, reflete a síntese da opinião dos entrevistados nas comunidades.

Aquele é a visão social, cultural e socioeconômica das comunidades; neste estão as declarações dos quilombolas entrevistados, quanto a sua vivência e percepção como indivíduo de uma comunidade. Embora determinados itens parecem ser repetidos, no entanto, são individuais.

Das 26 comunidades quilombolas certificadas, foram entrevistados 177 moradores, usando como base de cálculo para a aplicação dos questionários, 12% da população de cada uma delas (Tabela 11).

Todos os povoados, exceto Vera Cruz, tem suas raízes em propriedades rurais tradicionais – engenhos, usinas e/ou fazendas – que se estabeleceram e desenvolveram sob o regime escravocrata; daí, o histórico isolamento em que se organizaram, uma vez que são o resultado da fuga de escravos dos engenhos, reorganizando-se em quilombos, que proliferaram por todo o espaço rural do atual município Serrano do Maranhão a àquela época área rural do município Cururupu.

Tabela 10 - Número de questionários aplicados por comunidade

Comunidades	Quantidade
Açude	4
Bacabal do Paraíso	5
Boa Esperança II	8
Boa Esperança dos Campos	4
Brasília	5
Cabanil	13
Campinho	10
Cedro	2
Deus Bem Sabe	10
Frechal dos Campos	5
Iteno	5
Luciana	5
Malungus de Olho D'Água	5
Mariano dos Campos	4
Nazaré	4
Palacete	5
Ponta	7
Paxibal	5
Rio do Peixe	9
Rosário	10
Santa Filomena	5
Santa Rosa	3
Santo Antônio	18
Vera Cruz	11
Visita Alegre	4
Soledade	11
Total	**177**

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6. 4. 1 Origem

A organização do espaço está estruturada em pessoas da própria comunidade, 70% dos entrevistados; que vieram de outras comunidades do próprio município 15,30%, que migraram de outro município 14,70%. Não foram encontrados migrantes de outro Estado.

6. 4. 2 Estado civil

Dos 177 entrevistados, verifica-se que, 47,50% dos entrevistados são solteiros, 43,50% são casados, 2,30% divorciados, 6,10% viúvos e 0,60% não informaram. Nos solteiros, estão incluídos pessoas que vivem juntos sem terem legalizada a união. O maior número de casados está nas comunidades Santo Antônio e Vera Cruz, lugares mais próximos da sede

municipal, principalmente a primeira, atualmente unida ao espaço urbano devido a expansão do mesmo, o que facilita o acesso ao cartório ou à igreja, para regularização da união.

O maior percentual de solteiros está nas comunidades Santo Antônio e Cabanil. O percentual de viúvos e divorciados é pouco representativo

6. 4. 3 Natalidade

Das 177 pessoas entrevistadas resultou a declaração de 618 filhos, dos quais 39% são menores e 61% maiores, destes 51,77% são do sexo masculino e 48,23% feminino. Quando indagados se os filhos trabalham, 47,88% disseram que sim, mas 17,57% ficaram calados. Em contrapartida, indagados sobre filhos que não trabalham 10,54% confirmaram, mas 24,01% não responderam.

De todos os filhos 32,36% migraram para outros lugares.

Do total de filhos, só 25% estudam, os 75% restantes não estudam.

Para esclarecer o porquê dos filhos que não estudam estabeleceu-se como "obrigação" para estar na escola as seguintes faixas etárias com os respectivos anos: de 4 a 6 anos educação infantil; de 7 a 15 anos – fundamental; de 16 a 18 anos – ensino médio. Por esse critério, estão aqueles que: a) não estudam porque na comunidade em que residem não tem educação infantil; b) na comunidade não são oferecidas todas séries necessárias a conclusão do seu período escolar (fundamental completo e ensino médio); c) aqueles que espontaneamente abandonaram o colégio; d) os que trabalham.

6. 4. 4 O ambiente familiar

Na intensão de verificar o conforto das famílias, várias particularidades foram indagadas a saber:

a) Onde dormem: 139 entrevistados usam rede; 153 usam cama; 4 esteira da folha de palmeira de babaçu e outros 1. As pessoas dormem em rede e têm cama que usam oportunamente. Os que responderam dormir em esteira, não significa que não tenham rede, nem cama; é uma questão de preferência. Em alguns casos deu para perceber que a cama, é como objeto de luxo, dormem mais na rede.
b) Móveis: dos móveis citados, 157 têm mesa; 156 cadeira; 92 armário e um sofá. Observa-se que, mesa e cadeira são iguais, entretanto, há pessoas que não tem

cadeira, mas tem um banco, um mocho ou algo improvisado. Enquanto o armário, só praticamente metade os tem; neste caso, guardam os pratos e afins, em prateleiras improvisadas e às vezes em cofos pendurados

c) Eletrodomésticos: dos pesquisados, 130 têm fogão a gás e televisão; 136 geladeira; 10 máquina de lavar; 125 fogão a lenha; 103 fogão a carvão e, um freezer e tanquinho. Verifica-se, pelos números citados que, quem tem fogão à gás tem geladeira. O fogão à gás sofre o mesmo processo que a cama, pois o fogão a lenha é usado diariamente. O fogão à gás termina sendo um objeto de luxo, principalmente porque, a dificuldade de transporte, o preço do botijão tornam-no pouco usado. Em uma das visitas, a entrevistada disse que só usa o gás para fazer o café pela manhã, quando as crianças estão estudando, porque é mais rápido e elas saem mais cedo. Portanto, o fogão a lenha é o mais utilizado e, em segundo lugar o fogão a carvão e só depois o fogão à gás.

Verifica-se, portanto, que resulta da condição financeira da família: quem pode adquirir fogão à gás, também adquiri televisão e geladeira.

d) Outros: a pia, que gradativamente vem substituindo o jirau, foi encontrada só em 0,85% das casas; os demais usam o jirau (Figura 115) e o pilão (Figura 116) tão comum no meio rural está perdendo a utilidade; só 37,30% dos entrevistados declararam usá-lo.

Constatou-se que, em determinadas casas, o pilão jaz no terreno desprezado, imprestável; caiu em desuso a partir de quando, determinado produtos que eram socados como o arroz em casca, o sal grosso, o café torrado e o tempero seco estão sendo adquiridos industrializados; ao pilão, ficou reservado o uso para pilar o coco babaçu, extraindo o suco ou fazer o óleo.

Figura 115 - Girau

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

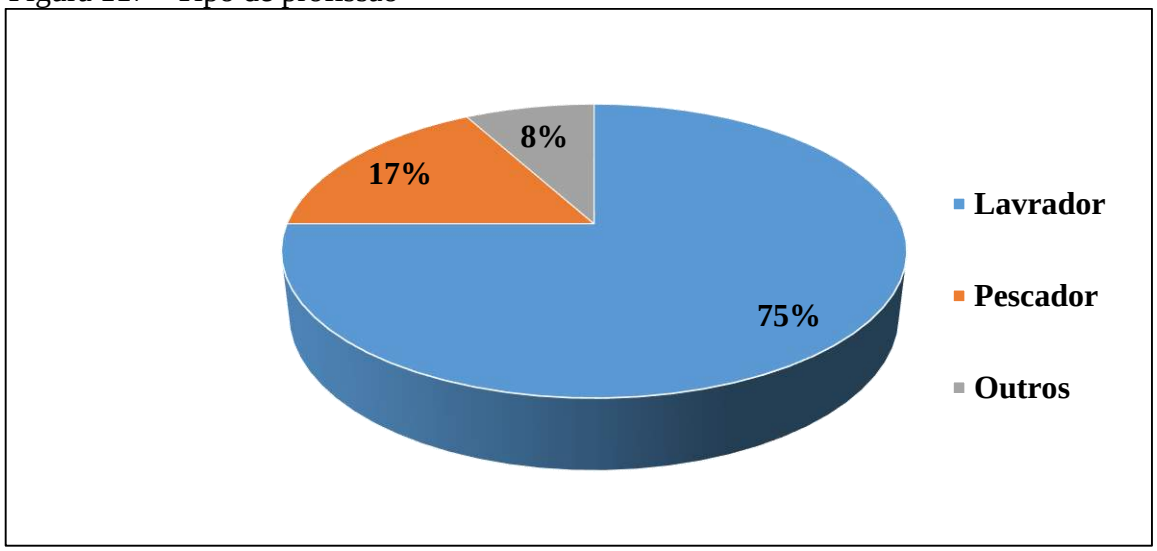
Figura 116 - Pilão

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6. 4. 5 Economia

Dos entrevistados, declaram-se 75% lavradores e 17% pescadores e 8% outros, entretanto, observou-se que, todos desempenham as mesmas atividades em conjunto, portanto, generaliza-se considerando-os lavradores/pescadores 91% (Figura 117).

Figura 117 - Tipo de profissão

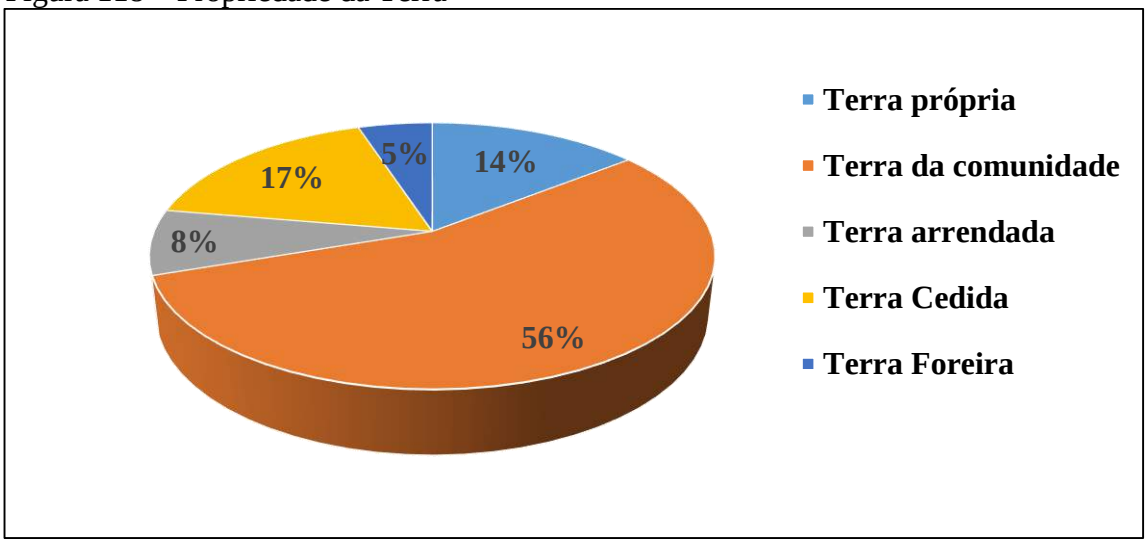


Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Agricultura

Toda a atividade agrícola está direcionada para a agricultura familiar. Sobre a área trabalhada 14% o fazem em terra própria, 56% em terras da comunidade, 8% em terra arrendada, 17% em terra cedida, 5% em terra foreira (Figura 118).

Figura 118 – Propriedade da Terra



Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Trabalham das 7:30 às 17:00 horas com intervalo para o almoço que, dependendo da distância entre a roça e a residência, fazem-no em um rancho na roça ou estão em casa.

Todo o trabalho é feito entre os membros da família, com a participação das mulheres em todas as etapas do trabalho (capina, colheita, pesca e farinha), embora 32 roçam e 47 queimam. Como pode ser observado, a menor participação das mulheres é no desmatamento pois está na cultura de que essa atividade é própria dos homens (Tabela 12).

Tabela 11 - Trabalho feminino

Atividade Feminina	Quantidade
Roçam	32
Queimam	47
Capinam	83
Plantam	77
Colhem	83
Fazem Farinha	79
Pescam	54

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

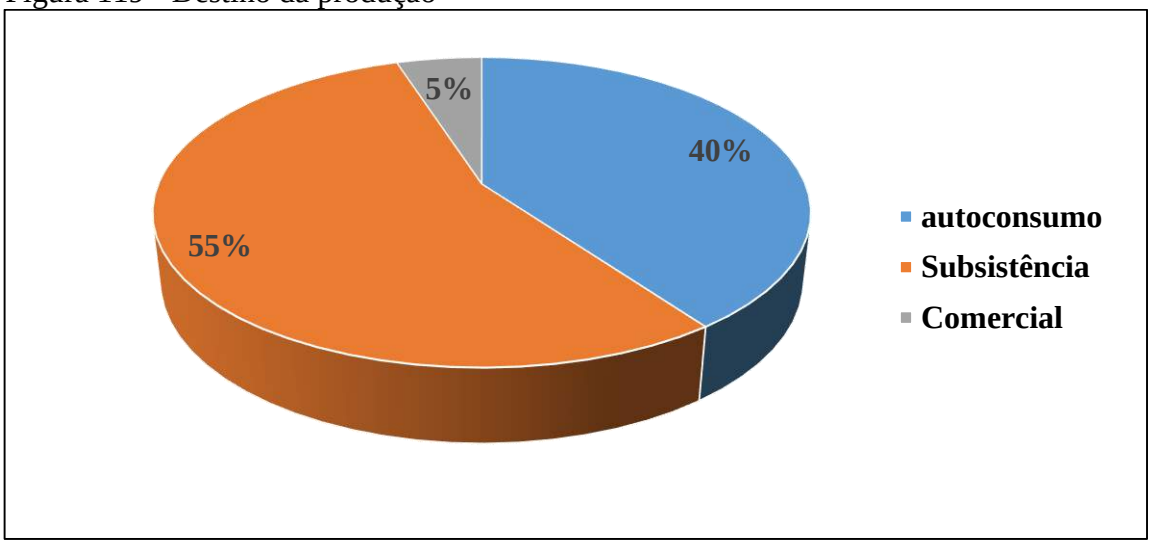
Ao plantar, fazem-no de maneira consorciada, daí um agricultor cultivar vários produtos, conforme especificação a seguir:

Dos entrevistados 127 cultivam mandioca; 14 arroz; 38 feijão; 9 abóbora; 54 quiabo; 29 melancia; 40 maxixe; 114 milho; 30 macaxeira e 3 não informaram. Plantam também, em menor quantidade e às vezes em hortas domésticas ou quintais, principalmente para o consumo banana, cheiro verde, batata, cebola, fava, jerimum, pimenta do reino, cebolinha e tomate.

De toda a produção, as mais representativos na economia, são as de subsistência: mandioca, milho e arroz, as demais são de autoconsumo.

Dos agricultores entrevistados 40% produzem para o autoconsumo, 55% subsistência e 5% comercial (Figura 119).

Figura 119 - Destino da produção

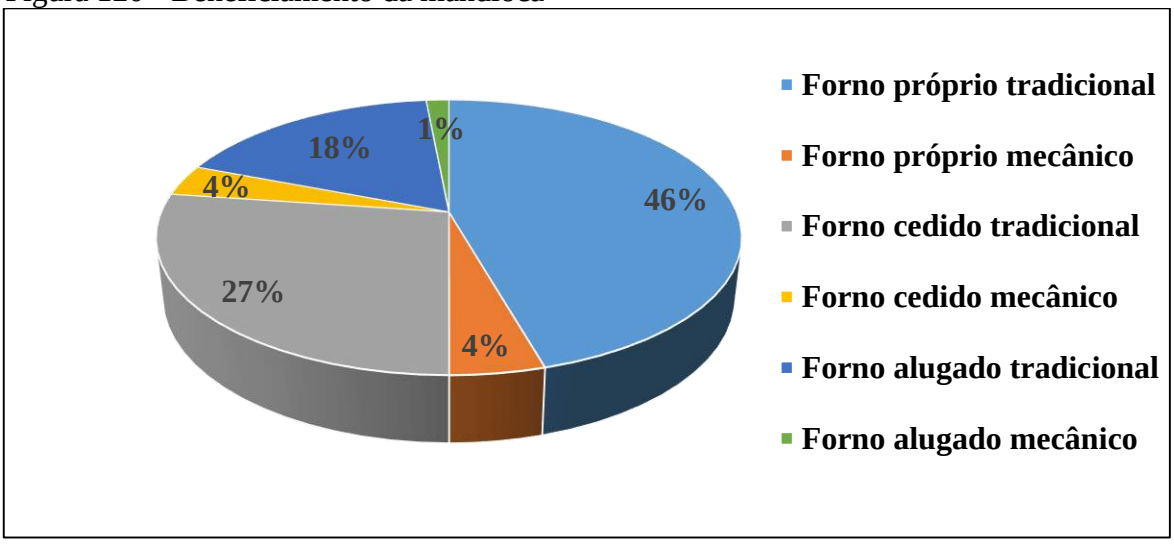


Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

A mandioca, cultivo mais importante, é utilizada especialmente para fabricação da farinha d'água, embora produzam também a farinha seca, a tapioca de bolo e a tapioca de goma.

A farinha é fabricada em forno tradicional ou mecânico, nos locais chamados popularmente casas de forno; 46% são fornos próprios tradicionais, 4% próprios mecânico, 27% cedidos tradicionais, 4% cedido mecânico, 18% alugado tradicional, 1% alugado mecânico (Figura 120).

Figura 120 - Beneficiamento da mandioca



Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

A utilização dos fornos varia: 4,17% dos entrevistados pagam com dinheiro e 95,83% com parte da produção.

Parte da produção agrícola é para o autoconsumo e outra parte de subsistência – da qual reservam uma parte para o consumo e a outra comercializam; neste caso está a farinha d'água e os outros subprodutos da mandioca (tapioca de bolo e tapioca de goma) e o milho. A comercialização acontece de várias maneiras; 55% vendem na própria comunidade, 25% na sede do município e 20% em outros lugares (Cururupu, Bacuri, Cabanil e Portinho). Vários produtores vendem em mais de um lugar, podendo ser parte na sede municipal e parte para os lugares já citados.

Outra referência que se faz necessária é o índice daqueles que não vendem, conservando a produção para o consumo da família; são aqueles que não fazem parte da força de trabalho, entretanto, aforam o terreno ou alugam o forno.

A produção é sempre adquirida pelos intermediários; aquele que compra na comunidade às vezes vende para outro, que por sua vez vai vender em outros locais, principalmente Cururupu porque a produção de farinha daquele município não consegue atender a demanda, pois, com o desmembramento, Serrano levou a maior parte do espaço rural agrícola daquele município. Quanto a Cabanil e Portinho, são povoados litorâneos e portanto, ponto de escoamento para as ilhas pesqueiras, principalmente aquelas que ficam no arquipélago Maiaú.

Pesca

Dos entrevistados que vivem da pesca, 31,87% praticam-na nos rios, 28,12% nos lagos, 33,75% no campo inundado e 6,26% no mar.

Na captura usam simultaneamente os seguintes utensílios: anzol, linha, tarrafa, malhadeira, landuá, socó; espinhel e outros. Na pesca marítima utilizam rede, puçá, curral, zangaria (Tabela 13).

Tabela 12 - Tipo de utensílio usado para pesca

Utensílios de pesca	**Quantidade**
Anzol	53
Linha	1
Tarafa	39
Malhadeira	46
Landuá	19
Socó	49
Espinhel	3
Outros	24

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

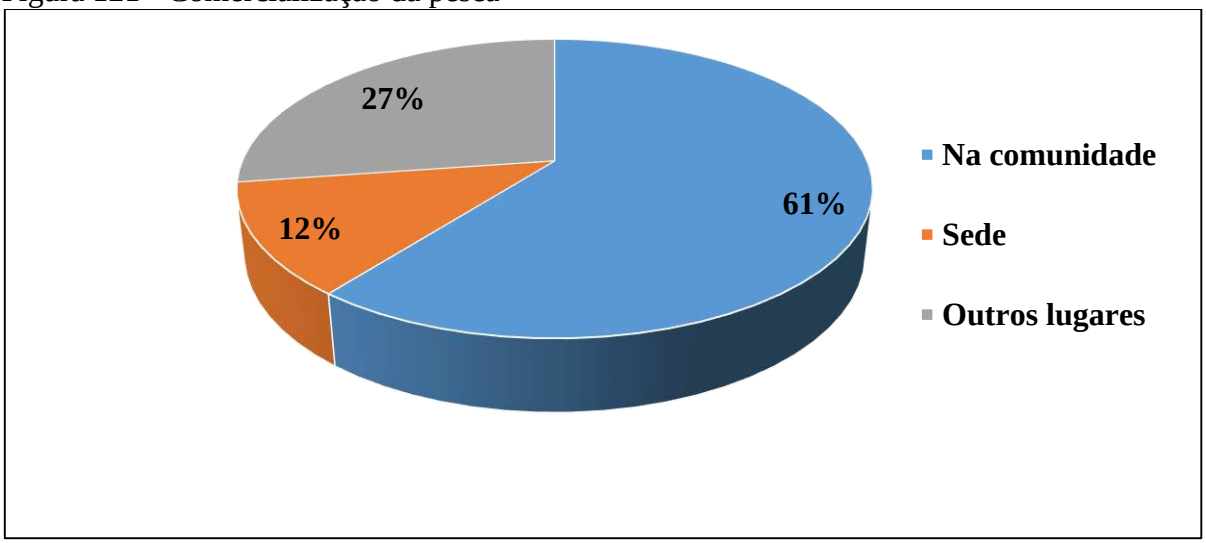
Nos campos e lagos, o deslocamento varia; quando ambos estão cheios, usam canoas a remo ou impulsionadas com o mará (vara comprida); à proporção que a água vai diminuindo e os campos e lagos ficam mais rasos, penetram na água, utilizando o choque, o cofo e até a mão.

No mar, usam os transportes tradicionais: canoas, bastardos, botes a remo, vela ou motor.

O produto da pesca destina-se: autoconsumo 64%, subsistência 31% e comercial 5%.

Quando indagados sobre a comercialização 61% vendem na comunidade; 12% na sede municipal e 27% em outros lugares (Figura 121).

Figura 121 - Comercialização da pesca



Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Extrativismo

O extrativismo vegetal representativo nas comunidades estudadas, destaca-se principalmente a palmeira babaçu da qual a amêndoa é que influi na economia, e o fruto da juçareira – a juçara.

A amêndoa do babaçu, até a década de 1960 foi bastante representativa no município, época em que era distrito de Cururupu, para cujo porto era transportada e de lá para São Luís. Atualmente, dos entrevistados 62,70% extraem-na e 37,30% não.

Da amêndoa, principal produto 81 entrevistados extraem o leite (sucos) usado como condimento na alimentação; 54 fabricam artesanalmente o óleo, que, quando da pesquisa o litro, na área de produção era R$ 15,00 (quinze reais) e 81 não utilizam a amêndoa.

Além da amêndoa (figura 122), outros produtos de palmeira babaçu são largamente utilizados e que, embora não tenha participação econômica, pois o produto é coletado e não vendido, influi na renda familiar, que os economistas classificam como renda em produtos/mercadorias. Nesta classificação está o embrião (olho) da folha da palmeira, que, depois de coletado e aberto, é utilizado na cobertura das casas e às vezes revestindo a lateral; fazem esteiras (meaçabas), confecção de cestas (cofos) (Figura 123) onde colocam grãos e farinha e também inúmeras outras utilidades domésticas.

Outro vegetal extrativo é a juçara[3], fruto coletado por 57,60% dos entrevistados, cujo líquido entra na dieta alimentar, sendo também comercializado no próprio município, onde, (dezembro de 2016) era comercializado a R$ 7,00 (sete reais) o litro e em Cururupu, para onde exportam R$ 10,00 (dez reais).

Coletam também bacuri, buriti, bacaba, jaca, murici e pequi; que utilizam a polpa na alimentação.

Figura 122 - Amêndoa do Babaçu

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

[3] Preferiu-se utilizar o nome popular usado no Maranhão.

Figura 123 - Cofos

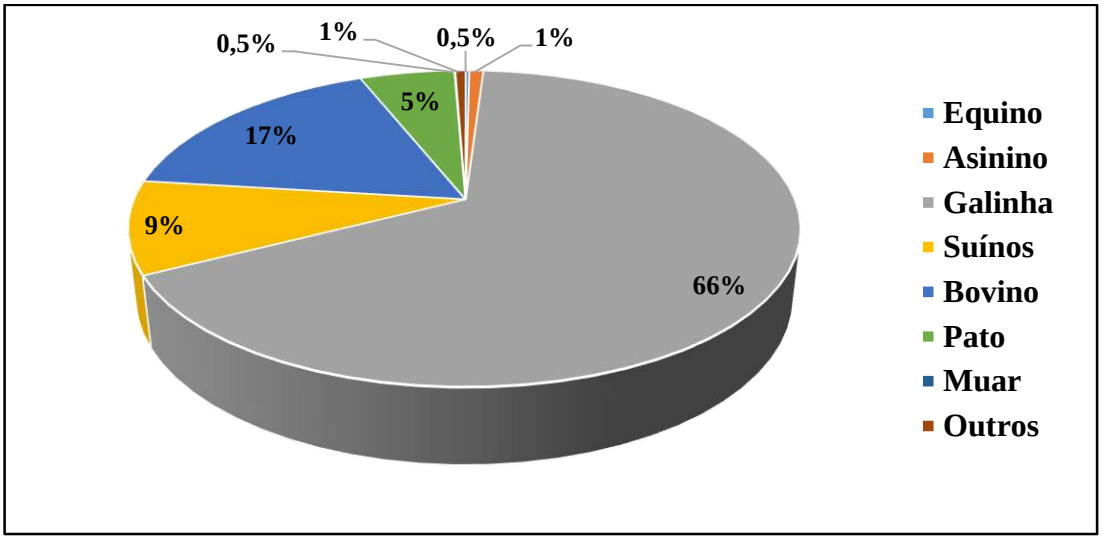
Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Pecuária e outras atividades criatórias

Neste item está incluída a criação de animais domésticos e também outros considerados como pecuária de pastoreio, desenvolvida nas diversas subdivisões do Campo das Almas.

Segundo informação dos entrevistados criam: equino 0,5%, asinino 1%, suíno 9%, bovino 17%, muar 0,5%, galinha 66%, pato 5% e outros 1%. O equino, asinino e o muar tão importantes como meio de transporte de pessoas e cargas, embora venham perdendo essa utilidade; suíno, galinha e pato, são de subsistência, usam como alimento e vendem (Figura 124).

Figura 124 - Pecuária

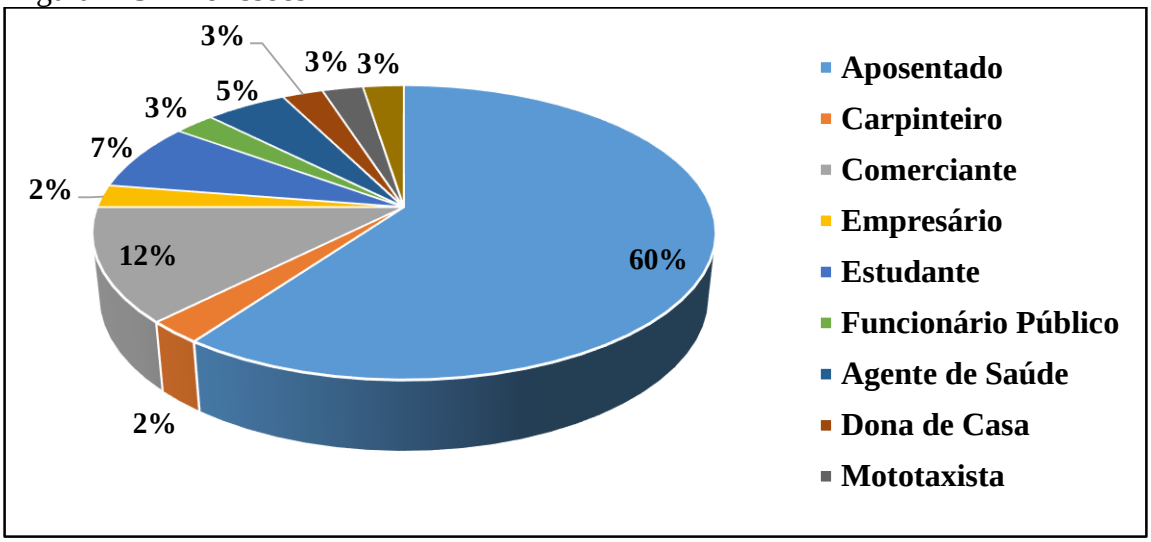


Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Outras atividades econômicas

Como o objetivo da pesquisa foi estudar as comunidades quilombolas e não necessariamente só aqueles que são agricultores, aconteceu visitar-se casas onde o entrevistado tem outra profissão ou outra renda. Isso serviu para demonstrar que, nesses casos, outros profissionais estão presentes como também verificar a tendência de diversificar a renda, observando os seguintes diversidades: aposentado 60%; carpinteiro e empresário 2% cada, funcionário público, dona de casa, mototaxista e professora 3% cada; comerciante 12%; estudante 7% e agente de saúde 5%. Os estudantes são jovens que foram encontrados em casa porque os pais estavam trabalhando, o mesmo acontecendo com os aposentados, idosos entrevistados pois os demais estavam trabalhando (Figura 125).

Figura 125 - Profissões

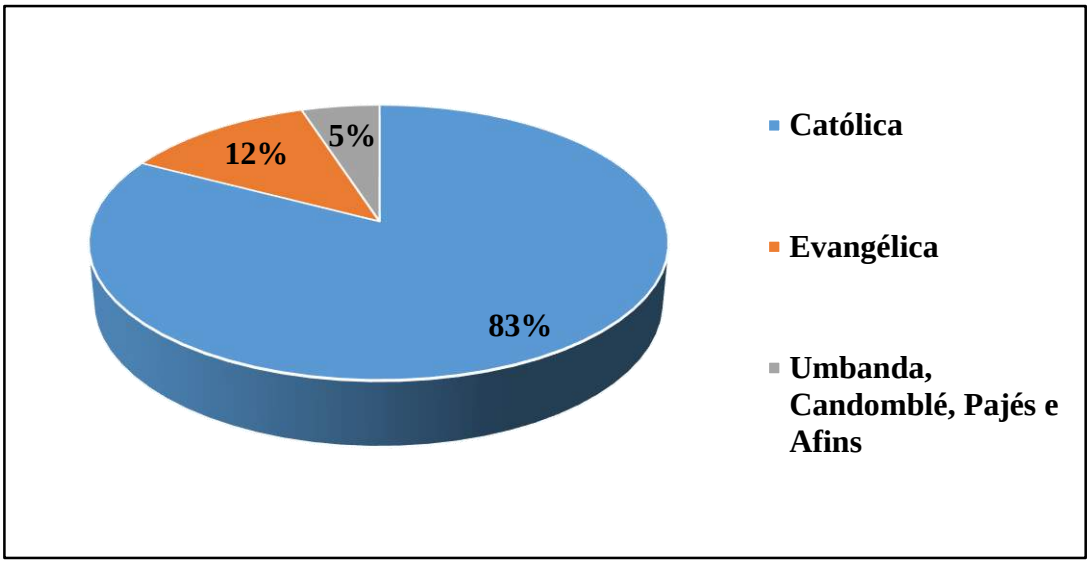


Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6. 4. 6 Religião

Embora seja marcante a ausência de líderes religiosos, exceto os umbandistas, a grande maioria se considera católica – 83%, evangélicos com 12%, umbandistas ou afins (pajés, candomblé) 5%. Há casos em que, embora o entrevistado(a) seja dono de terreiro, declarou-se católico (Figura 126).

Figura 126 - Religião

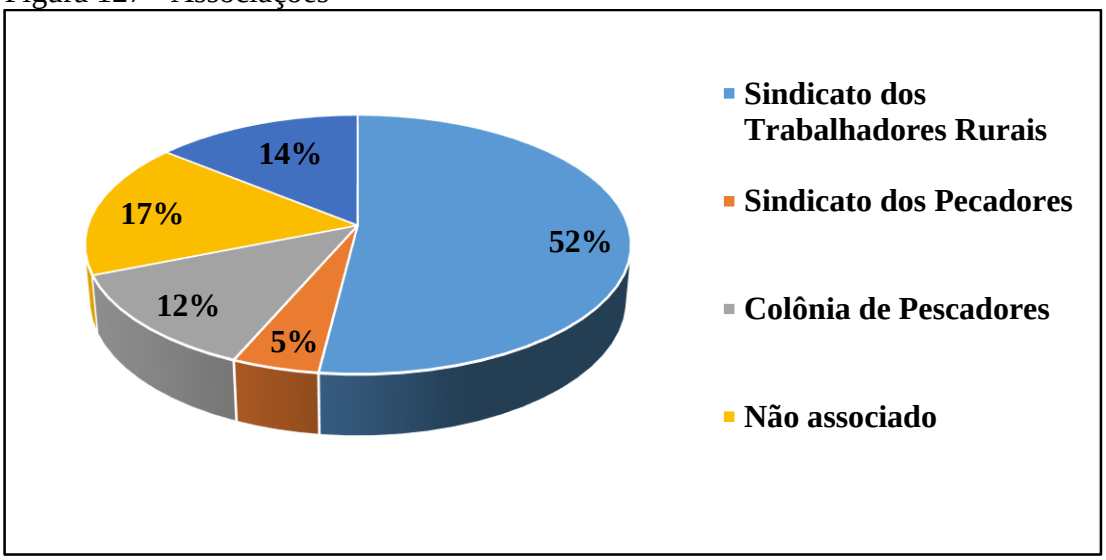


Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6. 4. 7 Associativismo

Observa-se uma certa consciência da necessidade de pertencer a uma entidade de classe, necessária a defender os seus direitos, principalmente quando da aposentadoria. Dos entrevistados 52% estão no Sindicato de Trabalhadores rurais, 12% fazem parte da Colônia de Pescadores, 5% são do Sindicato de Pescadores, 17% não são associados e 14% pertencem a outras associações como a Associação de Quilombolas locais e outras (Figura 127).

Figura 127 - Associações



Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

6. 4. 8 Pertencimento

Em que pese, todas as dificuldades e ausência de políticas públicas direcionadas para as comunidades, é marcante o apego, o afeto ao lugar. Um determinado entrevistado disse que “houve um tempo em que pensou sair, entretanto, quando assistia na televisão, crimes, roubos, estupros, acidentes de trânsito e outros conflitos, preferiu não sair, pois vive em comunidade tranquila onde pode dormir até com a porta aberta”. Dos entrevistados 92,90% não pretendem sair e 7,10% gostariam de mudar. Neste percentual estão incluídos os jovens que foram entrevistados.

7 RECOMENDAÇÕES DE POLÍTICAS PÚBLICAS

7.1 Economia

Na realidade, as comunidades quilombolas de Serrano do Maranhão sobrevivem para a satisfação das necessidades de reprodução de suas famílias, vendendo algum excedente na própria comunidade, na sede de seu município e às vezes nos municípios vizinhos Cururupu e Santa Helena.

O perfil histórico do desenvolvimento dessas comunidades constitui-se, de um lado, pelos proprietários de terras, principalmente por fazendeiros e donos de engenhos, de herança escravocrata e do outro lado, por agricultores itinerantes, resultado dos quilombos, que deu suporte para a economia atual das comunidades quilombolas.

Isso, se não justifica, pelo menos leva a uma reflexão indispensável para sugerir recomendações de políticas públicas.

Agricultura

Para suprimir o fraco desenvolvimento das forças produtivas, a precariedade dos instrumentos de trabalho cujo método de praticar a agricultura é o mesmo de há mais de um século recomenda-se:

a) minimizar a agricultura itinerante que depende sempre de mais terras, determinando um período de repouso de, no mínimo dez anos, para que a vegetação volte a se recompor.
b) uma vez que os agricultores não dispõem de recursos e tecnologia, o poder público poderia adquirir tratores, arados, semeadeiras estabelecendo um calendário determinando os dias que cada comunidade teria a máquina para limpar, arar, semear, além de outras etapas. Assim, todas saberiam o dia que o profissional da agricultura estaria com o maquinário à sua disposição. Entretanto, duas coisas se fariam necessárias: I) evitar o clientelismo político; II) treinar pessoas do município para manusear as máquinas aproveitando os jovens locais; e fazer um estudo do solo para conhecer sua aptidão agrícola;
c) distribuir sementes;
d) estimular as comunidades para o cultivo de hortaliças e fruticultura;

e) abrir estradas ou melhorar os caminhos e estradas existentes, capazes de serem utilizados o ano todo, uma vez que os atuais são principalmente tortuosos, mal conservados que não facilitam a comunicação, dificultando e às vezes impedindo a circulação de veículos, inclusive conservação das várias pontes;
f) o Plano de Ações Mais IDH está assistindo onze comunidades; precisa, no entanto que sejam abertos poços artesianos nas mesmas, pois o fracasso inicial deve-se principalmente a falta de água;
g) aproveitar o hábito existente de trabalho em grupo, para orientá-los na criação de cooperativas.

Pesca

Orientá-los na atividade pesqueira no sentido de evitar a captura dos peixes miúdos, respeitando o período da piracema.

Extrativismo vegetal

a) Respeitar o período de maturação do fruto cuja coleta às vezes é feita quando ainda pintado (não maduro) o que prejudica a comercialização;
b) orientá-los na diversificação da utilização dos frutos: polpa, suco, doces e outros;
c) recomendar semear juçara, buriti, bacaba, para fortalecer a mata galeria, ao invés de queimá-la, o que frequentemente vem acontecendo;
d) buscar alternativas para complementar a renda familiar, a exemplo do que antes era comum: bolos e biscoitos de tapioca com coco, pamonha, bolos de massa da mandioca, beiju, beiju-cica, farinha de coco, além de outras, atividades tipicamente femininas.

7.2 Educação

Uma particularidade deve ser considerada; determinadas comunidades, a exemplo de Cedro, além de outras, tem um número reduzido de residências e, como foi observado, o

maior número de filhos por família são quatro, fica certamente inviável todas as turmas, portanto sugere-se:

a) educação infantil nesses casos e os demais anos para as comunidades mais próximas, sendo necessário, entretanto, o transporte escolar;

b) onde tem escola, com até duas salas, e, em todos os casos são turmas multisseriadas, o ideal seria, no mínimo quatro salas, com turmas separadas. Aqueles povoados onde são oferecidas até o 9º ano, distribuir por turnos, isto é, quatro turmas pela manhã e as demais à tarde ou vice-versa, contanto que elimine o multisseriado;

c) elevar para seis dias de aula por semana, reservando um (sábado) para atividades lúdicas, ginástica, orientação de higiene (dentes, unhas, ouvido, nariz);

d) despertar na criança e no jovem o sentimento de civismo, antes evidente e hoje esquecido: ensinar e cantar na entrada, pelo menos três vezes por semana, os hinos: do município, do Estado e Nacional, ocasião em que, por um aluno, seja hasteada as três bandeiras ou ao menos uma;

e) despertar nos alunos o significado das cores, ilustrações e frases de cada flâmula, motivando-os para a autoestima;

f) chamar a atenção para o sentido das datas cívicas, orientando sobre trabalhos (redação, desenho, etc.) a respeito e, se possível estabelecer, pelo menos, um prêmio simbólico para a melhor apresentação;

g) estabelecer um calendário cívico e ambiental para os dias: de datas cívicas, da árvore, da criança, das mães, com festas simples;

h) regularizar a merenda escolar, utilizando principalmente o produto local: frutas, sucos, mingaus (farinha seca misturada com o coco babaçu triturado, mesocarpo de babaçu e outros);

i) distribuir uniformes e material escolar indistintamente;

j) desenvolver projetos pedagógicos para treinamento de professores nas férias de julho, com atualização do conteúdo se necessário e participação de uma assistente social e um(a) profissional de pedagogia;

k) criar nas escolas salas de leitura a fim de desenvolver atividades socioeducativas;

l) incluir disciplinas que dê origem a profissionalização, especialmente direcionadas para a agricultura e pesca.

7.3 Saúde

a) Estabelecer um calendário mensal ou bimestral para a visita dos profissionais da área de saúde;
b) construir postos de saúde, fazendo-os funcionar e dotando-os de material para curativos e outros;
c) treinar uma pessoa da comunidade para atendimentos mais urgentes como: curativos, tirar pressão arterial, assim como noções básicas de higiene através do programa federal "Estratégia Saúde da Família";
d) organizar as comunidades por regiões levando em consideração a proximidade, de maneira que, cada região possua, pelo menos um auxiliar de enfermagem, capaz de solucionar os casos mais simples ou urgentes;
e) favorecer a presença frequente do(a) agente de saúde, uma vez que foram detectados vários casos de visitar esporádicas (uma vez por semestre).

7.4 Turismo

O Governo estadual criou atualmente o Programa Maranhão Quilombola; "é um conjunto de ações envolvendo diversas secretarias do Governo do Estado para promover o desenvolvimento sustentável de comunidades quilombolas", no qual Serrano do Maranhão está incluído. Referido município dispõe de potencial diversificado a exemplo de:

a) ruínas históricas de aproximadamente 20 engenhos e/ou fazendas;
b) um cemitério de escravos. Referidos lugares estão tomados pela vegetação fechada, às vezes árvores frondosas, entretanto, com certas dificuldades consegue-se visitá-los. Podem ser utilizados através de trilhas para turismo e/ou ecoturismo, pois além das ruínas, há possibilidade de conhecer a variedade de espécies vegetais da Amazônia Maranhense, observar a fauna, atravessar riachos, além de conviver com as comunidades simples, alegres e hospitaleiras;
c) conhecer o Campo das Almas (apêndice C), que recebe várias denominações locais. Na época das chuvas parece um imenso mar de água doce prolongando-se até onde a vista alcança; na estiagem é um campo, salpicado de "ilhas" (moitas) de vegetação arbustiva e centenas de bovinos pastando modorramente; nos tesos desses campos estão várias comunidades quilombolas;

d) conhecer a riqueza cultural e mística dos terreiros (turismo religioso, de diferentes diversidades – pajé – mina – candomblé, com seus ritmos e danças);

e) visitar a comunidade Nazaré cuja história (já citada) colaborou para que a santa seja considerada milagrosa atraindo sempre romeiros dos municípios vizinhos;

f) assistir os grupos de tambor-de-crioula existentes em todas as comunidades;

g) participar, entre junho e setembro do famoso boi de costa de mão da comunidade Soledade, famoso pela riqueza de suas toadas (Anexo A).

7.5 Lazer

Verificar quais as atividades que as comunidades mais se identificam, como por exemplo:

a) futebol; I) determinar, conservar e melhorar as áreas já existentes – os campos; II) incentivar a criação de times locais; III) estabelecer campeonato anual entre as comunidades, com prêmio – taça – para os três primeiros colocados; IV) diversificar outros tipos de esportes: basquete, vôlei e outros; V) preparar psicologicamente os participantes no sentido que é uma competição sadia, divertida, desnecessário, portanto, ressentimentos e caráter de disputa.

b) Tambor de crioula: I) organizar grupos em cada comunidade; II) estabelecer "encontros" anuais.

c) Incentivar as ladainhas e festividades dos padroeiros. d) Criar um festival anual: podendo ser da juçara, eleição e coroação do mister e miss quilombola (a exemplo do que há em Cururupu – festa da beleza negra).

Todas essas sugestões, além de outras que certamente surgirão, servirão, se efetivadas, para despertar nos jovens a auto estima étnica mostrando-lhes o quanto seus ancestrais foram imprescindíveis para a riqueza cultural, social e econômica de cada povo.

7.6 Infraestrutura

a) Instalar poços artesianos nas comunidades que não os tem;

b) instalação elétrica onde não tem;

c) orientação sobre a arrecadação do lixo (incinerar ou enterrar);

d) substituição das tradicionais sentinas por fossas sépticas;

e) distribuição gratuita de filtros com orientação correta do uso da água; f) conservação das estradas, pontes, e aberturas de outras que possibilitem o acesso às comunidades dos tesos através de aterros e pontes.

7.7 Habitação

a) Orientar no sentido de gradativamente substituir as casas de taipa por moradias de adobe, a exemplo do que se observa em algumas comunidades, usando, como substituto do cimento as cinzas dos fornos de farinha, misturando-as com a argila para o reboco (tem a mesma resistência que o cimento e é mais ecológica);
b) conservar o padrão arquitetônico atual;
c) usar recipientes para depósito da água capazes de proteger-se contra larvas e insetos prejudiciais à saúde.

Espera-se que, as recomendações aqui apresentadas sejam recebidas não como críticas, mas sim resultado da realidade observada em trabalho de campo e da despretensiosa certeza de que se está contribuindo com sugestões capazes de tornar a vida melhor. Portanto, o IMESC coloca-se à disposição naquilo que puder colaborar.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a realidade observada e amparando-se nas declarações prestadas pelos líderes comunitários e diversos moradores entrevistados, há uma carência generalizada nas comunidades visitadas, inicialmente devido aos lugares escolhidos pelos seus ancestrais para os seus quilombos nos tesos dos campos, ideal para se esconderem dos seus senhores, isolando-se com a inundação dos campos.

Isso, no entanto, seria secundário se políticas públicas efetivas viessem, mesmo paulatinamente sendo intensificadas, no decorrer dos 24 anos da emancipação, uma vez que, os caminhos ou estradas, várias escolas e alguns postos de saúde (com aspectos de desativados) foram construídos quando o espaço era território cururupuense.

Sabe-se que, os hábitos culturais mudam ou evoluem lentamente, especialmente em lugares isolados, ou de comunicação precária, quase sempre restritos a caminhos ou estradas mal conservados em que os moradores nem sempre dispõem de meios de comunicação ligados a mídia e radiofonia, até porque nem todos os povoados tem energia elétrica.

Ainda persiste entre os descendentes quilombolas costumes resultado da cultura dos seus ancestrais, principalmente porque isolados, mantém determinados hábitos.

Embora em alguns casos tenham cama, o uso diário da rede e também a meaçaba – esteira de palha de babaçu trançada – ainda são utilizadas para dormir.

Em algumas residências, quando têm o fogão à gás é praticamente um utensílio de decoração que, assim como a geladeira (praticamente vazia, exceto água) e em alguns casos a televisão dão à família um certo status.

O fogão que funciona é o a lenha ou a carvão; o fogão à gás só usam para fazer café, principalmente no período letivo, pois os filhos saem cedo. Justificam essa atitude dizendo que: “o gás é caro, difícil de comprar pela distância”.

Os móveis são fabricados ou improvisados no local: mesas, cadeiras (raramente de plástico) bancos compridos e mochos.

A distribuição dos povoados segue sempre um padrão: inicialmente em círculo (herança africana) e depois, acompanham a estrada ou caminhos.

As casas são esparsas, com quatro a cinco cômodos, com quartos relativamente grandes para facilitar embalar as redes, ventilados e ensolarados.

Os quintais refletem a honestidade das famílias; sem cercas; assim como as famílias tem atitudes gregárias, tem também os animais domésticos; unem-se mas não se misturam; no

fim do dia cada qual volta para seu ambiente; se por acaso um ficar, o dono da casa devolve. Frutas de todos os quintais são de toda a comunidade, não vendem, doam. No quintal está o banheiro improvisado e a sentina.

Etnicamente são negros, entretanto de uma variedade bastante significativa que vai do negro retinto, luzídio, mulato (não sarará) além de diversidade muito grande da tez. Os traços fisionômicos são suaves: nariz pouco achatado, rosto redondo, olhos arredondados e miúdos, dentes perfeitos, estatura média, físico bem distribuído, comunicativos, alegres e simpáticos. Foram observados jovens muito bonitos de ambos os sexos.

A economia das comunidades quilombolas tem como atividade principal a agricultura familiar, e complementar a pesca e o extrativismo vegetal, todas, no entanto, voltadas para o consumo, realizadas sobretudo dentro de uma economia onde só existe a produção de valores de uso, realizada em reduzidos grupos humanos.

O eventual excedente produzido é utilizado dentro do princípio de reciprocidade ou de padrões redistributivos, onde o trabalho restringe-se a unidade familiar, uma vez que se organiza dentro da família ou grupo de vizinhança.

Quanto à produção e a força de trabalho, o homem vive numa dependência muito grande em relação a natureza.

A agricultura itinerante, modelo de produção da região, precisa ter acesso a significativa extensão de terras para que, algumas áreas sejam deixadas em descanso significativamente longo a fim de que a atividade das culturas compensem o esforço necessário para desbravar as terras novamente, o que não acontece no espaço estudado.

A força de trabalho, em que pese a significativa participação da mulher, não é considerada um custo de produção que tenha um preço e constitui, sem dúvida, o ponto de estrangulamento da pequena produção, na medida em que os filhos, nem sempre se integram na lavoura, preferindo migrarem às vezes para estudar, mas principalmente em busca de emprego urbano em outras cidades.

A maioria dos que se afastam gradativamente das comunidades, vai reforçar o contingente, sempre crescente dos subempregos ou desempregados que vivem de biscates, principalmente nas cidades vizinhas de Cururupu e Santa Helena, onde às vezes conseguem emprego de salário mínimo na prefeitura.

A pesca é uma atividade complementar e ocasional, restrita ao período de inundação dos campos; o pescado é usado para o consumo direto e às vezes vendido, constituindo parte da fonte de renda disponível para a aquisição de algumas mercadorias essenciais. É uma

atividade que se insere dentro da ocupação predominantemente agrícola, que constitui a base da subsistência e organização social das comunidades, centradas principalmente no cultivo da mandioca, mas que associa, além da pesca já abordada, ao extrativismo vegetal caseiro, como a coleta da juçara, do buriti, da bacaba além de outros, excedentes também comercializados.

Sintetizando, o pequeno produtor trabalha o suficiente para atender a uma quantidade bastante reduzida de necessidades que se resume naquilo que não pode ser produzido na roça.

O alimento é simples e pouco variável. E resultado do cultivo, da pesca e da coleta vegetal. Só a pesca dos campos, dos lagos e em menor quantidade do mar enriquece a sua alimentação, constituída principalmente de farinha, feijão, arroz, milho, peixe e outros cultivares de significativa contribuição como o maxixe, a melancia, quiabo e algumas frutas domésticas.

Os instrumentos de trabalho utilizados na agricultura são precários. A preparação do terreno é feita pelo desmatamento, quase sempre capoeira e que depois de queimado, as cinzas são os únicos nutrientes utilizados, usam em todas as etapas foices, machado, facão e enxada somente.

Quanto a educação das comunidades visitadas nove não tem escolas; as dezessetes que tem possuem as vezes duas salas de aula às quais, em regime multisseriado com turmas desde o ensino infantil até determinados anos do ensino fundamental.

A assistência à saúde é insuficiente pois, além de não ter postos de saúde em todos os povoados, os que tem não funcionam ou o fazem precariamente, com visitas do médico, quando há, às vezes só uma vez por semestre. Há casos em que, o médico atende na escola, ocasião em que as aulas são suspensas.

Quando da pesquisa de campo foram relatados vários casos de acidentes no trabalho agrícola, oportunidade que foi constatado em Boa Esperança dos Campos: um trabalhador teve uma das mãos afetada por uma infinidade de espinhos. Embora a líder comunitária tenha noções de como extrai-los não dispunha de instrumentos para fazê-lo e nem material curativo. O jovem teria que ir para a sede municipal, andando durante quatro horas suportando toda a dor.

Embora não seja significativo o casamento formalizado, e em que pese, por isso mesmo a facilidade de se unirem ou se separarem, o sentimento família é muito forte e os laços familiares bastante “apertados” até a quarta geração. Há inúmeros casos de pessoas de ambos os sexos que passaram por várias experiências de união, como, também mulheres com filhos sem companheiros, o que lhes dá a condição de chefes de família. O casamento civil ou

religiosos, é mais frequente na sede municipal graças a proximidade com um cartório e as igrejas.

Os laços familiares, vicinais e o compadrio refletem-se na sociabilidade resistente e positiva em todas as comunidades, efetivando-se principalmente através de mutirão: a) para construir ou reconstruir as casas; b) para trabalhar na roça no sistema de troca do dia, atividade também para “mexer” (fabricar) a farinha, principalmente, o que é muito comum por existir só uma ou duas casas de forno na comunidade.

Outras demonstrações de sociabilidade são: limpeza do terreno, da capela (quando tem); quando adoece um chefe de família, ocasião em que promovem jogos de futebol para arrecadar donativos ou então, fazem coleta entre si, para levar o doente ao hospital e, enquanto ele estiver incapacitado substituem-no na lavoura, a fim de que a sua produção não seja prejudicada e quase sempre ajudam sua família suprindo-a de alimentação e o mínimo indispensável que se fizer necessário.

Pobres, sofrendo a indiferença e a falta de sensibilidade do poder público, vítimas de uma série de necessidades básicas indispensáveis para uma vida digna, declararam-se, no entanto, satisfeitos com o lugar onde vivem, não querem sair; é muito forte o pertencimento observado em todas as comunidades.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Théo. **Quilombo.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Cadernos de Folclore. n. 28. 1978.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF, 1988.

_____. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.** Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: 25 jan. 2016.

_____. Ministério da Cultura. Fundação Cultural. **Palmares**: comunidades de remanescentes quilombolas tituladas. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <www.palmares.gov.br>. Acesso em: 16 maio 2015.

FIABANI, Aldemir. **Mato, palhoça e pilão**: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004). São Paulo: Editora Expressão Popular, 2005.

LEANDRO, Eulálio de Oliveira. **O negro na obra de Coelho Neto**. Imperatriz: Ética, 2003.

LOPES, Raimundo. **Uma região tropical**. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1970.

IMESC-Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. **Enciclopédia dos municípios maranhenses**: microrregião geográfica do litoral ocidental. vol. 1. São Luís: IMESC, 2012.

MARTINS, Omamas. **São Luís**: fundamentos do patrimônio cultural. Teresina: Ed. Halley, 2012.

SANTOS, Andrexanda; DOULA, Sheila Maria. Políticas públicas e quilombolas: questões para debate e desafios à pratica extensionista. **Revista extensão rural**. Santa Maria, ano 15, n. 16, jul./dez.2008.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. In: **Ambiente e Sociedade**. n. 10. jan./jun. 2002. Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 20 dez. 2015.

APÊNDICES

Apêndice A - Observação da comunidade

1. **Data:** ____/____/_____
2. **Entrevistador:** _____
3. **Comunidade:** _____
4. **Distância da sede:** _____
5. **Transportes utilizados:**

   Automóvel ( ) Moto ( ) Bicicleta ( ) Cavalo ( )
   Carro de boi ( ) A pé ( ) Outro _____

6. **Nº de residências:** _____
7. **Arquitetura predominante:**

   Taipa exposta e pindoba ( ) Rebocada coberta com pindoba ( )
   Rebocada com telha _____ Taipa com telha_____ Alvenaria _____ Outra _____

8. **Frente:**

   Uma porta e uma janela ( ) Uma porta e duas janelas ( )
   Uma porta e três janelas ( ) Outra _____

9. **Cômodos:**

   Um corredor, um quarto e varanda / cozinha _____ Um corredor, Dois quartos e varanda / cozinha _____ Sala, quarto e cozinha _____ Outro _____

10. **Piso:**
    Argila batida ( ) Terra solta ( ) Cimento ( ) Azulejo ( )
11. **Distribuição "urbana"**

    Circular ( ) Retangular ( ) Outra _____
12. **Casas**

    Próximas ( ) Espaçadas ( ) Distantes ( )
13. **Quintais**

    Grandes ( ) Pequenos ( ) Cercados ou abertos _____

    Plantados com árvores frutíferas _____ Hortas _____ Criação de animais: galinha, porcos, etc. _____

14. **Banheiro:**
    Interno ( ) No quintal ( ) Sentina ( ) Cercado ( ) Não tem ( )

14 Educação

14.1 Escola no local _____ nº salas de aula ____
14.1.1 Pré escolar _____
14.1.2 Fundamental _____, (até _____ série)
14.2 Se não estudam no local:
14.2.1 Distância _____
14.2.2 Transporte _____
14.2.3 Recebem merenda – Sim ( ) Não ( )

14.3 Recebem uniforme – Sim ( ) Não ( )
14.3.1 Calçado - Sim ( ) Não ( )
14.3.2 Material escolar – Sim ( ) Não ( )
14.3.3 Tem Educação de jovens e adultos – Sim ( ) Não ( )

15 Saúde

15.1 Posto de Saúde – Sim ( ) Não ( )
15.2 Tem visita médica – Sim ( ) Não ( ) Duas por semana _____
15.3 Tem visita de enfermeira – Sim ( ) Não ( )
15.4 Tem visita de técnico / ou auxiliar de enfermagem _____ Dias por semana ____
15.5 Tem agente de saúde ____ Dias por semana ____
15.6 Ao consultar recebem remédio – Sim ( ) Não ( )
15.7 Quando adoecem vão para hospital:
15.7.1 Na sede municipal _____
15.7.2 No município vizinho _____ Qual? _____ São Luís _____
15.8 Doenças mais frequentes: _____
15.9 Gestantes fazem pré-natal – Sim ( ) Não ( )
15.10 Tem o parto no hospital ou em casa? _____
15.11 São assistidas por: médico _____ enfermeiro ____ parteira prática ____
15.12 Programas de saúde existente _____
15.13 Tem dentista – Sim ( ) Não ( )
15.14 Onde tratam os dentes: Na sede ____ Em outra cidade ____ Qual? _____
Não tratam ( )

16 Serviços públicos

16.1 Abastecimento de água:
Encanada ( ) Poço artesiano da comunidade ( ) Poço artesiano do município ( ) Poço ( ) Cacimba ( ) Rio ( )

16.2 Água tratada – Sim ( ) Não ( ) Gratuita ( ) Pagam ( ) Compram o combustível( )

16.3 Energia elétrica
Todo tempo: Sim ( ) Não ( ) Só a noite ( ) Horas_____

17 Religião

17.1 Igreja/capela nº ____ católica____ padroeiro_____
17.2 Evangélica templos/seita nº _____
17.3 Terreiros de umbanda nº ____ santo que festeja _____

18 Lazer

Futebol (times): _____
Festas religiosas: _____
Tambor de crioula: _____
Carnaval – blocos – sim ( ) não ( )
Outras: _____

19 Turismo

Cultural _____
Religioso _____
Ecológico
Rios _____
Cachoeiras _____

Outros _____
Lendas _____

20 Ruínas históricas
Engenho ( ) Quantidade ____
Casa Grande ( ) Quantidade ____
Outros _____ Quantidade ____

21 Cooperativa

Pescadores ( ) Nº de associados ____
Agricultores ( ) Nº de associados ____
Outros _____ Nº de associados ____

22 Fábricas

Farinha ( ) Quantidade _____
Artesanal de rede de pesca ( ) Quantidade _____
Adobe ( ) Quantidade _____
Outras: _____

22. População
Nº de famílias _____
Gênero: masculino ____ feminino ____

23 Solidariedade entre as famílias (Mutirão):
_____
_____
_____

24 Participação das crianças no trabalho e quais as etapas:
_____
_____
_____

25 Particularidades que diferenciam o trabalho do homem e da mulher:
_____
_____
_____

26 Principais reinvindicações e conflitos na comunidade:
_____
_____
_____
_____
_____

27 Histórico da comunidade:
_____
_____
_____
_____
_____

28 A comunidade quilombola foi certificada por qual órgão

( ) INCRA ( ) ITERMA ( ) FUNDAÇÃO PALMARES OUTRO:_____
ANO DA CERTIFICAÇÃO: _____

29 Casamento na comunidade. Como é realizada a cerimônia: _____

( ) Entre Parentes ( ) Entre integrantes da mesma comunidade
( )Entre Integrantes de outras comunidades Outro tipo: _____

30 Hábitos alimentares e gastronômicos:
Quantidade de refeições por dia: _____
Distribuição das mesmas: ( ) Café ( ) Almoço ( ) Jantar ( ) Outros: _____
Almoça em casa ( ) Almoça na roça ( ) O que levam:_____
Só toma café e janta ( ) Outro: _____
Se há o consumo de caça: ( ) sim ( ) não
Se sim, qual? _____

31 Horário e tempo de trabalho masculino e feminino:
_____
_____
_____
_____

32 Quais programas do Mais IDH foram implantado na comunidade
( ) Escola Digna ( ) Minha Casa Meu Maranhão ( ) SISTEC ( ) Cozinha Comunitária
( ) Sistema Simplificado de Abastecimento de Água ( ) Quite Sanitário ( ) Outro
Em caso de Outro(s) qual o nome(s):_____
_____

33 Número de beneficiados por programas implantados na comunidade:_____

34 Qual expectativa da população em relação aos programas implantados do Mais IDH na comunidade:_____
_____
_____
_____
_____

35 Quais os produtos e quais suas etapas de plantio e colheita na roça:_____
_____
_____
_____

36 Quantas capinas realizam na roça durante o ano:_____

37 Depois de quanto tempo voltam a derrubar a capoeira:_____

Apêndice B -Questionário Individual

Data: _____/_____/_____
Entrevistador: _____
Comunidade: _____
Entrevistado:_____
Chefe de família: Masculino ( ) Feminino ( )
Primeiro nome_____ apelido_____ idade_____ estado civil_____

- **Natural:**
  da comunidade_____ do município_____ de outro município_____
- **Número de filhos:**
  maiores (nº)_____ menores (nº)_____ masculino (nº)_____ feminino (nº)_____
  estudam (nº)_____ não estudam (nº)_____ trabalham (nº)_____ não trabalham (nº)____
  filhos ausentes (nº)_____
- **Número de pessoas residente na casa**:_____
- **Dormem em:**
  Rede ( ) Cama ( ) Esteira ( ) Outro:_____
- **Móveis:**
  Mesa ( ) Cadeira ( ) Armário ( ) Fogão a gás ( ) Fogão a lenha ( ) Fogão a carvão ( )
- Armazenamento da água: filtro ____ pote____ balde____ outro____
- Televisão____ Geladeira _____
- Máquina de lavar____
- Pilão____
- Giráu____
- Descrever como é a casa do entrevistado
  _____
  _____
  _____
- **Religião:** Católica ( ) Evangélica ( ) Umbanda ( ) Outra: _____
- **Economia:** lavrador____ pescador____ operário____ Outra: _____
  Lavrador – agricultura familiar____ cultivam em terra própria____ da comunidade____ arrendada____ cedida____ foreira____
  Cultivam _____
  Auto consumo____ subsistência____ comercial____
  Comercializam: no local____ na sede____ em outros lugares____
  Vendem para: intermediário____ cooperativa____ qual? _____
  Calculam a produção: por paneiro (K) _____
  saco (K) _____
  alqueire (K) _____
  quilo _____
  litro _____
- Beneficiam a mandioca: em forno próprio____ tradicional____ mecânico____
  alugado____ cedido____
  Se alugado pagam: com dinheiro____ em espécie (%)____
  Outros cultivares beneficiados: _____
- **Pescam**: lago____ rio____ utensílios usados_____
  Auto consumo____ subsistência____ comercial____

Comercializam: no povoado____ na sede____ em outros lugares_____

- **Atividade feminina:**
  Na agricultura: roçam___ queimam___ capinam___ plantam___ colhem___ fazem farinha___
  Na pesca___
  No extrativismo: Babaçu___
  Amêndoa: leite___ óleo___ sabão___
  Folhas: utensílios domésticos___ cobertura e tapagam de casa___ meaçaba___
  Vendem___
  Juçara: autoconsumo___ subsistência___ vendem em espécie___ beneficiam___
  Outros vegetais_____

Criam:
Cavalo ( ) sim ( ) não Quantidade:_____ Bode ( ) sim ( ) não Quantidade:_____
Jumento ( ) sim ( ) não Quantidade:_____ Boi ( ) sim ( ) não Quantidade:_____
Galinha ( ) sim ( ) não Quantidade:_____ Pato ( ) sim ( ) não Quantidade:_____
Porco ( ) sim ( ) não Quantidade:_____ Outros ( ) sim ( ) não
Quais:_____ _____ Quantidade:_____

- **Na renda familiar:**
  Agricultura % _____
  Pesca % _____
  Extrativismo % _____
  "Bico" _____
  Salário/Aposentadoria%_____
  Programas sociais%_____
- **Outros componentes da renda familiar:**
  Bolsa família nº _____
  Aposentados nº _____
  Benefício de prestação continuada _____
  Auxílio maternidade _____
- **Associação:**
  Sindicado dos Trabalhadores Rurais ( )
  Sindicado dos Trabalhadores da Agricultura Familiar ( )
  Sindicado dos Pescadores ( )
  Colônia de Pescadores ( )
  Outras representatividades sociais:
  _____
  _____

Deseja se mudar da localidade? ( ) Sim ( ) Não Por que?
_____
_____

Qual o sonho que o entrevistado tem?

_____
_____

Apêndice C

CAMPO DAS ALMAS

O campo das Almas é uma enorme área rebaixada de solo argiloso com características de aluvião, em cujos grandes tesos estão as comunidades Cedro, Santa Filomena, Ponta e Boa Esperança dos Campos.

Não se tem uma ideia exata da sua extensão. Na ocasião das chuvas fica totalmente inundado e, em consequência disso, as comunidades ficam isoladas. Para alcançar aquelas que estão nos tesos, precisa-se às vezes, fazê-lo passando pelos municípios: Cururupu, Mirinzal, Pinheiro e Santa Helena. Este, se for no período chuvoso, navega-se no campo inundado para depois atingir as comunidades; no período da estiagem o percurso não muda, só que, atravessando o campo seco.

Uma semana antes do trabalho de campo (1ª semana de dezembro de 2016) o vereador recém-eleito Edmilson Carneiro, vulgarmente conhecido como Neguinho da Juçara, antes de tomar posse resolveu abrir uma estrada ligando trechos com a estrada já existente e que, atravessando o campo, possibilitou, no período da estiagem, a comunicação das comunidades com a cidade de Serrano do Maranhão.

O campo estende-se até o território do município Santa Helena. Em Serrano do Maranhão, ele se distribui principalmente entre três tesos; no maior, estão as comunidades Ponta e Santa Filomena; no segundo Cedro e no terceiro Boa Esperança dos Campos e Frechal dos Campos. Entre Ponta e Boa Esperança dos Campos, foi a parte percorrida mais extensa, com 13 km, no sentido Norte / Sul e entre 2 a 7,86 km no sentido Leste / Oeste.

Entre Ponta e Boa Esperança dos Campos está a parte mais concentrada; isto é, sem tesos intermediários. Estas comunidades estão próximas ao campo do qual se observa o aglomerado de casas, iniciando assim, nessa área a planície fluvial em direção às cidades de Serrano do Maranhão e Cururupu.

Como a equipe percorreu o campo no fim do período de estiagem, deu para perceber que o solo de aluvião, despido, apresentava muitas placas de argilas endurecidas. Entretanto, mais distante, havia áreas bem mais úmidas, verdes, onde os inúmeros rebanhos pastavam. Uma amostra do que ele é no período das chuvas, foram: trechos alagados, lamacentos, que forçaram o desvio do percurso, tendo inclusive que se utilizar, como guia, um jovem. Havia uma canoa encalhada, em pleno campo seco, que levou a inferir, que se estava ali, é porque em algum momento navegou, obviamente no campo inundado.

A vegetação varia entre gramíneas (maior parte), trechos de várzeas e outros vegetais próprios dos campos, a exemplo da Baixada Maranhense, como algodão bravo e outros. Não foi observado, exceto o rebanho bovino, a presença de qualquer tipo de quadrúpede, réptil ou pássaros.

Devido a separação por tesos e várias “ilhas” de vegetação arbustiva e arbórea, o campo recebe várias denominações locais.

Os campônios referem-se também ao rio das Almas. Fica a dúvida se realmente há um rio (com nascente) ou se é uma parte por onde a água do campo escoa em direção ao rio Turiaçu.

O campo tem grande importância econômica. Ali estão centenas de rebanhos, especialmente bovinos; é também ele, fornecedor de alimentos - peixes -para praticamente todo o Serrano do Maranhão. Quando está totalmente inundado, um significativo contingente de pessoas de Cururupu, inclusive que moram na sede municipal vão para ali pescar.

ANEXO

Anexo A

Uma toada do boi da Soledade

I

Rola boi, boi tá rolando
As torcedoras tão espequetando
Dança boi, boi tá dançando
A mocidade tá te esperando
Boi rolou, tornou rolar
Boi pulou, tornou pular
Boi parou, boi quer brigar

II

Boi pulou cercado, não achou porteira para passar
Começou a urrar
Este cercado é firmado
Só tem pau santo* que torce machado
Triste desse maroto que passar pra nosso lado

* Pau santo, madeira super-resistente utilizada para cercar os currais.

AGRADECIMENTOS

Foram indispensáveis o apoio dos órgãos e pessoas a seguir, citados, sem o qual não ter-se-ia alcançado o objetivo deste trabalho:

- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão – FAPEMA – que foi necessário todo o recurso financeiro;
- Prefeitura Municipal de Serrano do Maranhão, na pessoa do então secretário de Igualdade Racial e atual Presidente da Comunidade Quilombola de Santo Antônio – Eremilton Pinto Fonseca, que acompanhou a equipe do IMESC em todo o trabalho de campo, orientando no acesso e entrosamento com as comunidades;
- Presidentes, demais representantes e comunitários de um modo geral, cuja disponibilidade, espontaneidade, atendendo em qualquer horário, no trabalho em casa ou até mesmo na rua, na mata procurando ruínas sempre alegres, risonhos, andando quilômetros;
- Secretaria de Igualdade Racial do Estado do Maranhão, pelo fornecimento de dados que substanciaram a redação do trabalho.